

ROSA
LOBATO
DE
FARIA

A Alma
Trocada



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A ALMA TROCADA

ROSA LOBATO DE FARIA

ASA

Digitalização e Arranjo: Agostinho Costa

É um lugar-comum dizer-se que determinada orientação sexual não é uma escolha, porque, se fosse, ninguém escolheria o caminho mais difícil.

Foi esse caminho mais difícil que Teófilo teve de percorrer, desde a incompatibilidade com os pais aos desencontros dentro de si próprio, chegando mesmo a acreditar que alguém lhe tinha trocado a alma...

"Cheiravas a feno e não sabias que o coração é um barco no tempo. Quando as aves do Verão demandarem o Sul virás devagar, abrirás a porta verde-escura e esperarás em vão pelo frémito do meu corpo. Não voltarei a passar o renque das azáleas, o muro onde o sol nasce, a chuva, para morrer nos teus braços."

Rosa Lobato de Faria aborda, desta vez, um tema diferente - o tema da homossexualidade masculina - , num romance que, mantendo embora o tom poético que sempre tem caracterizado as criações da autora, se arrisca por caminhos até aqui pouco explorados na ficção portuguesa.

Um romance que confirma Rosa Lobato de Faria como uma das vozes mais originais do nosso mundo literário.

AUTORES CONTEMPORÂNEOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Homens tão impreparados, tão desprevenidos para se receber

Daniel Faria

I

Finalmente o prazer. Farrapos de fantasias eróticas de toda uma vida, numa espiral onde rodopiavam emoções, sensações, esquecimento próprio, loucura, aceitação do animal em mim, do grito, da fome, da liberdade de ser e saber que se é. Apesar. Mau grado.

Não obstante. Que se lixe.

Finalmente o prazer. Tantas vezes sonhado, imaginado, desejado, pressentido. Puro e irracional. Irresponsável. A fúria da descoberta e depois a paz. Essa paz desconhecida, completa, apaziguadora. Pela primeira vez na vida, a plenitude.

Dormi sobre isto e acordei feliz.

Fixo a cortina de renda, talvez fora de moda mas tão próxima do meu imaginário. A luz de Lisboa, o Tejo, o céu sem nuvens dão-lhe reflexos azuis. Nunca estive neste quarto, nesta cama, mas conheço intimamente esta cortina. Sim, é a cortina do meu quarto em casa da minha avó alentejana.

As crianças têm de se alevantar quando o sol nasce, mandou dizer a avozinha, toca a saltar da cama que há muito mundo lá fora, os pintainhos estão a sair dos ovos, a vaca pariu um bezerrinho, está lá em baixo uma cesta de figos fresquinhos tapados com folhas de figueira e o seu pinguinho de mel, que os trouxe agora mesmo o tio Zé Ganhão, toca a alevantar que o pão está saídozinho do forno e a manteiga, na sua bacia de água com um bocadichito de sal, nem pode esperar para se derreter naquelas fatias, e o queijo e a marmelada, e os biscoitos de erva-doce e os beijos do Hugo, e as mãos do Hugo, e as palavras nunca ouvidas, nunca ditas Toca a descer, que a avozinha não quer comer sem companhia na mesa grande da copa, já sabe como ela é, alevanta-se com as galinhas e quando são sete horas já está varadinha de fome.

E a cortina a estremecer nas mãos da brisa eu, o Hugo e a desenhar as rosas da renda na parede.

De manhã, o feno. A silhueta da carroça contra o horizonte, a azáfama dos pássaros.

Eram as férias, tão diferentes do 6º andar em Lisboa, dos móveis soturnos da família do meu pai, da austeridade, da prisão. Isto não pode, aquilo não pode. E aquilo? Não, também não pode.

No Alentejo a luz imensa, os cheiros diferentes, alfazema, carqueja, alecrim, hortelã, coentros e, logo ao acordar, a cortina de renda beija-me

que afastada com a ponta do dedo indicador desvenda o olival com as suas folhinhas prateadas, os seus olhinhos pretos no tempo da apanha e mais longe o trigo, como um mar de ondas mansas, onde era bom perder-se, cuidado com os lacraus.

O Hugo disse. Croissants e café à esquina da rua. Têm uma compota deliciosa de maçã.

Vá lá. Um banho e enfrentar o mundo.

E de súbito, no espelho, o esgar horrorizado da mãe. A reprovação do pai. Da Raquel.

Do director do colégio. Dos alunos. Dos pais dos alunos. Do senhor Alberto do café.

Dos fregueses habituais. Da rua inteira a ler-me o pecado na testa cuidado com os lacraus a testa de

um rosto contente, épanoui. Dar aulas de francês tem destas coisas. Como é que se diz épanoui em português? Descontraído, distendido? Desabrochado como as rosas de Malherbe? Parece que épanoui é mais distendido que distendido, mais descontraído que descontraído. Seja. A felicidade, em suma.

Quanto lixo metem na cabeça das crianças. Quanto preconceito idiota, quanta pressão, quanta norma. Normas, para que todos sejamos normais. Mas eu, com pretensões na área da escrita, nunca serei normal. Aulas de francês, muito bem. Fino, até. Mas escrever? Veja lá se arranja um hobby mais útil ou mais sociável, que não seja preciso esconder como se fosse uma doença.

Sinto o doce sabor da vingança ao transgredir as normas. Não foi por isso que o fiz, nem pensei em tal, só na turva premência do desejo, nos olhos, nas mãos do Hugo. O sangue espesso, a boca seca.

Mas agora reconheço que a vingança tem o gosto bom da compota de maçã, partilhada à vista de todos, numa manhã de sol.

Só que, aos poucos, a norma que trago cosida à consciência com uma linha indestrutível fala mais alto.

Hugo, isto não pode voltar a acontecer.

Mas porquê, caramba. Porquê?

Sabes perfeitamente que a minha família, o noivado, o colégio...

E tu? Não pensas existir como pessoa, tu?

Dá-me tempo.

Quanto tempo? Tens vinte e seis anos.

Eu sei.

E então?

Preparar as coisas, falar com os meus pais, romper o noivado...

Ah. Romper a merda do noivado.

Não pretendo ter amantes depois do casamento.

Nem antes, pelos vistos.

Tem que ser um segredo nosso, Hugo. Não me entregues.

Achas-me capaz de te atraiçoar?

Não, nem por sombras.

Até parece.

Por isso agora... meu querido... vamos ficar assim. Tu é que sabes, Teófilo. Tu é que sabes.

Teófilo de Deus Ferreira de Mendonça, poder-se-ia dizer Pleonasmo Ferreira de Mendonça.

João Teófilo de Deus Ferreira era o meu avô alentejano, pai da minha mãe, engenheiro agrónomo, agricultor e proprietário, homem bonacheirão e generoso, dizem-me, que não o conheci.

Morreu no dia em que fui concebido e a minha mãe, se bem a conheço, deve até hoje arrepiar-se de remorsos por estar a fornicar com o meu pai à hora em que o meu avô se despedia deste mundo. Como se a morte não fosse um apelo à vida e a vida a lógica substituta da morte.

Foi a minha avó que me contou. A minha avó Jacinta, tão diferente da filha, tão alegre e directa e terra-a-terra e desbocada, que faz a minha mãe morrer de vergonha com a sua total ausência de hipocrisias classe média, a sua vitalidade, o seu apetite, os seus sapatos todo-o-terreno.

A minha mãe deixou de ser uma Ferreira para se transformar, com o casamento, numa Mendonça; numa senhora como-deve-ser; num tailleur escuro de bom corte; num agasalho de peles herdado da sogra; numa frase feita; num cliché.

O meu avô João Teófilo, diz a avó Jacinta, morreu do 25 de Abril. Não da democracia, nem das novas ideias que aliás professava, mas da ingratidão dos seus homens que estimava e ajudava como se fossem família.

Apareceu-lhe um grupo de mal-encarados com o Custódio à frente, de caçadeira, Ó senhor engenheiro, isto não é nada com vossemecê, mas tem uma semana para deixar a casa e o monte que isto agora é tudo da gente.

É o quê, meu filho de uma grande puta? Tratei-te sempre como se fosses um irmão, paguei a clínica da tua mulher, os estudos do teu filho doutor, dei-te dadas as belgas que agora são tuas e tu atreves-te a vir com essa conversa? Dou trabalho a uma cambada de madraços, achas que me vou embora com medo da tua caçadeira de chumbar pardais?

Eles disseram que eu era para dizer: Não, passarão!

Tás-me a chamar passarão? Filho duma égua, cabrão dum corno, paneleiro de merda.

Mata-me já, que daqui não arredo pé, e depois de morto só se quatro homens me levarem como diz o Marquês de Pombal.

Esse tal marquês não sei quem é, mas o senhor engenheiro é que é para sair de hoje a oito dias, são ordens, que eu cá por mim nem me dá jeito perder o emprego. A gente agora arretira-se em boa ordem e vossemecê pensa o que é melhor para vossemecê. E tenha muito boas tardes que a gente tem mais montes para despejar.

A minha avó Jacinta saiu a porta com uma enxada e correu-os a poder de braços, com tal força de argumentação que nunca mais lá puseram os pés. O Custódio desapareceu da circulação, diz-se que levou um tiro num dos montes que andou a despejar.

Mas o meu avô não se refez. Teve uma pataleta do coração (frases da avó Jacinta) e ficou desminingúido para o resto da vida. Que foi curta. Morreu em 1975, em Julho, nove meses antes de 20 de Março de 1976, que foi o dia em que eu nasci.

Feitas as contas e estando os meus pais a estrear as férias de Verão num hotel do Algarve, como é suposto em pessoas do seu estatuto económico e social, houve a previsível coincidência da cópula conjugal (que só viria a repetir-se um mês depois, no final das férias, para despedida).

Como o meu avô se passou desta para melhor com a sua segunda pataleta à meia-noite e quinze, é de supor que a minha mãe, tão cumpridora dos seus deveres de esposa, estivesse de perna aberta a receber no seu casto seio a semente de mim na hora em que seu pai desencarnou.

Foi nesse instante que me trocaram a alma.

Um rasgão no peito, uma saudade de mim. E a minha mãe para sempre com aquele remorso (ela considera que fazer-me foi uma coisa suja) a imaginar, logo à partida, formas de se redimir, e a primeira, assim que lhe comunicaram que tivera um rapaz, foi pôr-lhe o nome do morto recente, o meu pai achou Teófilo mais carismático que João Teófilo, pois bem, deixaram cair o João, mas a homenagem ao finado era inevitável.

Teófilo de Deus, pois claro.

Nem repararam que Teófilo quer dizer o que ama Deus (o meu pai é economista), só faltou porem-me Teófilo Amadeu e lá carrego eu este nome em duplicado, eu, que nem sou religioso e não é para contrariar a minha mãe. É porque no dia em que acreditar que há um Deus tenho de lhe pedir contas da minha alma trocada e duvido que ele saiba responder-me.

Ao contrário do que diz a Natália Correia, raramente encontro relação entre a pessoa e o seu nome, essa ligação misteriosa e premonitória, imaginem, a minha mãe chama-se Generosa (Geni para disfarçar).

Punham-me no Alentejo quando iam viajar, só os dois, felizmente nunca se lembraram de me levar, tudo o que viajei foi por minha conta e risco, já adulto, e tudo o que não viajei foi aprendizagem de mim e do universo, foi o silêncio, os cântaros a beberem avidamente das fontes, o recolher do rebanho, um cão com alma de leader, um pássaro tardio num desenho de flecha, o meu coração inquieto, uma pedra fechada na palma da mão.

Em contraluz, a Maria vinha devagar, menino Teozinho está a merenda servida, a avozinha, já sabe, mandou fazer um bolo grande de chocolate por sua causa e agora quer que o vá comer com ela, sempre alegre a minha senhora, sempre alegre apesar de tudo, da falta que lhe faz o avôzinho, da morte do seu tio Emílio na guerra de África, da sua mãezinha que, com sua licença, não lhe passa cartão, sempre armada em fina e em desocupada das que não têm tempo para nada, nem para pegar num telefonezinho, salvo seja, e perguntar a mãe se está viva, vá o menino ter com ela à sala que já lá levo a bandeja, fiz salada de frutas, vai gostar.

Eu, doze anos, um rasgão no peito, uma saudade de mim, a pensar em palavras, voo, regato, antemanhã, tão à espera da minha verdadeira alma, tão à deriva, a agarrar-me como um náufrago à minha fatia de bolo de chocolate, a pô-la no prato, a cobri-la de salada de frutas, mais pêsego que pêra, dois cubinhos de melão e por fim uma ginja em calda, tão bonita, mas que afinal me enjoa e me faz arrepender.

É fácil conversar com a avó Jacinta. É ela que me conta a história, que considera hilariante, da minha concepção, do meu nascimento, a Generosa a tapar-se toda para amamentar, e a avó a lembrar-se de como expunha, às vezes ao sol, os seus belos peitos, fartos de leite, para alimentar os filhos, nada mais belo que a maternidade, a assunção do corpo, a verdade da pele voo, regato, antemanhã Lanchaste bem?

Comi de mais, avó.

Vai correr, então. Mostra os sapatos, são bons. Foi a tua mãe que os comprou?

Mandou o motorista. Ele tem filhos da minha idade, está mais habituado.

Vai, então. Cuidado com os lacraus.

Corri até à beira da charca, mas fiquei entre as árvores, que o sol ainda ia alto e estava calor. As palavras continuavam a aparecer na minha cabeça como se alguém mas ditasse miligrã, oxálida, xarel e foi quando vi o Tinito, todo nu, entretido com o seu próprio membro. Negro.

Assustador.

Acho que há um Tinito ou uma Tinita na vida de todos nós. Pode ser a criadita descarada, a filha da vizinha, o rapaz das pizzas, o sabidão da turma.

Este Tinito, que se chamava Justino, era um cigano que os pais tinham deixado à minha avó como penhor de um empréstimo que ela lhes fez. Era uma criança linda de dois anos, e por mais que a minha avó gritasse que não queria penhor nenhum (porque o dinheiro, já se sabe, havia de acabar por ser dado), muito menos um menino para criar, eles picaram a mula e desapareceram na curva da estrada, não sem recomendar que acautelassem a criança do mau-olhado.

O miúdo foi crescendo por ali, caladinho, muito afeiçoado aos animais, a minha avó registou-o, para poder mandá-lo à escola, com o nome improvável de Justino Trovoadá, que era a alcunha do pai.

Estudou até ao 9º ano, com relativa facilidade, era um ás em matemática, medíocre em português, mas não quis continuar. Os bichos eram a sua paixão e a avó Jacinta pô-lo a tomar conta das vacas e dos cavalos. Era um criado da sua casa, devidamente assalariado e assim as coisas deixavam de ser equívocas.

O rapaz é seu neto?

Não, não, é meu afilhado.

A avó Jacinta era uma viúva ainda fresca, o rapaz um matulão incrivelmente bem-parecido com olhos negros e caracóis na testa, bermudas e t-shirt Benetton, que sabia misturar o odor a cavalo com um toque de lavanda.

Mas de um modo geral chamavam-lhe o cigano e ele não escondia a sua origem.

Gabava-se até, para as muitas raparigas que desviavam caminho para passar no monte da minha avó, da sua aristocracia cale. Sou neto de rei, dizia, embora não fizesse a mais remota ideia de quem era o avô. Esquecera os pais e só sabia como fora ali parar porque a Maria e a avó Jacinta lho tinham contado como se fosse uma história de fadas. Chegou a pensar que era um príncipe encantado e daí à convicção

de ser neto de rei foi um pequeno passo.

Lá estava o Tinito na beira da charca, ao sol, com aquele corpo como eu só tinha visto num livro sobre escultura grega na biblioteca do meu avô, mas em moreno, a deliciar-se com o seu rapidíssimo jogo de mão. Depois meteu-se na água, deu meia dúzia de braçadas e viu-me quando vinha a sair.

Veio ter comigo.

Viste, não viste? Então agora tens que experimentar.

Não, não. Dá fraqueza nos pulmões e até cegueira e até nascem pêlos na palma da mão.

Ele virou as palmas claras para mim, exibindo-as como uma evidência. Vá, experimenta. Eu ensino-te. Despe-te.

Foi ele que fez. Eu não despreguei os olhos dos seus olhos negros, a fingir que aquilo ali em baixo não me pertencia. E de repente aconteceu. A descoberta tomou conta de mim com tal violência que pensei que ia morrer.

Depois fomos os dois ao banho. A charca (que hoje está seca) tinha água que dava ao Tinito pela cintura, a mim pelo pescoço. Brincámos como dois miúdos que éramos, o Tinito ia fazer dezoito anos, eu treze, e de repente sentime enjoado, maldispuesto, com uma urgência enorme de voltar para casa, para o meu quarto, para a minha cama, para a minha cortina de renda.

Entrei só de calções, meio molhado e pus-me a vomitar.

Foi o bolo, disse a avó. Ele comeu bastante e depois foi nadar. Quantas vezes lhe disse para não se meter na água sem ter a digestão feita.

Vá, meu filho, insistiu a Maria. Está aqui um chazinho de poejo que é calmante para o estômago. Vá lá, meu querido. Meta-se na caminha que amanhã está bom. Durma que lhe faz bem. Logo passo, a trazer-lhe uma aguasinha de arroz.

Não exageres, Maria. Foi só uma paragem de digestão. Ele é um homem, não é um bebé.

E saíram e deixaram-me sozinho na penumbra, no espanto, no deslumbramento.

Ele é um homem.

Sim, um homem. Por mais confuso, desorientado, desencontrado de mim, um homem.

Por mais desprevenido para me receber, um homem.

Mas, mesmo para um homem, a mistura fora forte de mais: o bolo de chocolate, o sol, o banho, as mãos morenas do Tinito.

Um rasgão no peito, uma saudade de mim.

Voo, oxálida, miligrã.

Vem-me aquela cena à memória, agora, nesta hora difícil de voltar para casa com o pecado escrito na testa.

Com o apartamento em obras por causa do casamento cada vez mais próximo, estou a viver, malgré moi, em casa dos meus pais.

Não, irá faltar a minha mãe, estás com uma cara esquisita, o que é que aconteceu?

Porque é que não vieste dormir? Porque é que não avisaste? Com a Raquel sei que não estiveste porque ela já ligou duas vezes, diz que tinham combinado ir ao Museu de Arte Antiga por causa daquele trabalho dela para a tese de licenciatura, está em pânico, nestes tempos que correm nunca se sabe quando uma pessoa é assaltada, ou tem um acidente ou é presa, sim, presa, por engano, ou droga, ou álcool, ou rusga, sabe-se lá o que é que tu andas a fazer.

Mãe, importa-se de não se meter na minha vida? Tenho vinte e seis anos, mãe.

Mas estás cá em casa, não estás? Se te dou cama, mesa e roupa lavada tenho o direito de fazer perguntas. E agora vais onde? É sábado, não tens aulas. E não inventes que eu não aturo mentiras. E liga à Raquel.

Fecho-me no quarto, os automóveis miniatura nas prateleiras, o póster do Ayrton Sena, dos U2, os vídeos da vida animal, o computador avariado, o roupão da adolescência pendurado atrás da porta, curto

nas mangas, o ursinho da infância escondido por cima do monopólio. O meu quarto de rapaz, o meu quarto de não saber quem era, o meu quarto cheio de dúvidas, de perguntas sem resposta, de solidão.

Não é o sítio ideal para pôr as ideias em ordem, mas mesmo assim consigo algum silêncio no meu ruído interior.

Duas certezas avultam e martelam-me a cabeça. A primeira é que não posso casar com a Raquel. A segunda é que tenho que me agarrar à minha tentativa de romance como única terapia para as minhas dores.

O livro mais que o casamento. Como se o casamento fosse um assunto arrumado. Mas não é.

Parece fácil dizer à Raquel que é melhor não casarmos. Presume-se que um casamento deverá ter à partida um mínimo de condições para a felicidade: cumplicidade, amor, gostos semelhantes, sonhos comuns, atracção sexual, por esta ou por outra ordem, é-me indiferente, visto que entre nós não existe nenhuma delas. Como foi então que chegámos aqui? Quem é a Raquel? O que faz ela na minha vida? Até a nossa amizade é deficiente. Mentimos constantemente um ao outro, gostamos de nos apanhar mutuamente em falta, embirramos com pequenas coisas, a forma de pronunciar uma palavra, a maneira de usar um cachecol, os respectivos tipos de leitura.

Depois, outras que não confessamos: a mim irrita-me o trejeito com que mastiga, por exemplo, uma noz, com os dentinhos da frente, como os esquilos, ou o jeito dominador com que pega na faca, com o polegar e o indicador quase a chegarem à lâmina. Não gosto de a ver comer as maçãs, à mesa, com a casca, isto não é uma questão de boas maneiras, se eu estivesse apaixonado por ela havia de considerar um gesto são, bucólico, orgânico, mas é que lhe sai sumo pelos cantos da boca e ela limpa-se ao guardanapo, sem ter o bom senso de pegar num guardanapo de papel, põe nódoas indiscriminadamente em guardanapos de pano, se eu digo alguma coisa a minha mãe defende-a logo, deixa-te de mariquices, para isso é que se inventaram os detergentes.

Há quanto tempo dura a Raquel em casa dos meus pais? Primeiro como hóspede permanente quando os pais dela morreram num acidente de automóveis em cadeia e se concluiu que a Raquel, filha única, não tinha mais ninguém no mundo senão aqueles amigos dos pais, isto é, os meus pais, que também só tinham um filho único com apenas mais dois anos do que ela.

Viveu connosco mas não era sequer uma boa irmã. E um dia descobri que éramos noivos sem termos sequer sido namorados.

A minha mãe cozinhou este noivado em lume brando. Eu sei porquê, claro que eu sei porquê. Porque era preciso casar-me. Antes que eu, antes que alguém percebesse, antes que houvesse a mais pequena suspeita... Eu nunca tinha namoradas, só amigos e mesmo assim poucos amigos. E as mães, que fingem sempre que não percebem, são as primeiras a saber.

A dona Generosa deve ter achado que a Raquel era um presente dos deuses que lhe caiu no colo bem a propósito. Providencial. E rica, ainda por cima. Única herdeira de uma bela fortuna.

Lá pelos dezoito anos dela achou-se conveniente fazer obras na casa dos pais que estava fechada desde a morte deles, e a Raquel mudou-se para lá, porque não ficava bem morar em casa do noivo. O desvelo com que a minha mãe se envolveu naquelas obras! Era lógico, na cabeça dela, que eu iria morar para aquele palacete e cuidou de tudo para que não me faltasse nenhum dos requintes de conforto que ela entendia que me eram necessários.

Foi quando vi a casa pronta, isto é, quando lá entrei pela primeira vez, porque nunca me tinha interessado minimamente pelas ditas obras, já que a casa não me pertencia, que tive uma tomada de consciência e percebi que jamais iria viver com a Raquel e muito menos em casa dela. Fiz-me de sonso. Deixei-a instalar-se e comecei a procurar um apartamento para mim. O ordenado do colégio onde precisamente tinha começado a dar aulas chegava para um andarzinho modesto.

Só tive o meu pai a apoiar-me. Deve ter achado que era de homem não ficar atido à casa da noiva,

rica, ainda por cima.

Sim, eu era covarde. Reconheço que era, que sou covarde. Desenhava miniaturas, com vergonha de me expor. Parecia que a timidez de um desenho pequenino escondia o essencial do desenho. Uma forma subjectiva de prolongar a adolescência. Tudo em ponto pequeno. Só um desenhinho. Uma brincadeira. E dizem que desenho bem. Já me convidaram para expor mas nunca aceitei porque todos iam perceber quem eu sou, um homem à procura de palavras jamais encontradas hidranja, plátano, arrabil, phisalis, um homem escondido atrás de si próprio, da mãe autoritária, da noiva feia.

Porque se a Raquel não fosse feia não se agarrava a mim como uma lapa. Não se acomodava de boa vontade àquele arranjinho contranatura, tomando logo de entrada as rédeas de um casamento infeliz.

E eu, covarde, a sujeitar-me tacitamente para dar uma satisfação à minha mãe, às amigas da minha mãe, que história de amor tão engraçada, Generosa, desde miúdos, há coisas que parece que estão escritas, e eu, mas quem é a Raquel? Uma máscara para sair à rua e dar satisfação à sociedade?

E aqueles anos todos da adolescência à procura de mim, na angústia de perceber quem sou, a olhar os rapazes mais velhos às escondidas, a sentir-me diferente, a ter sonhos eróticos com as mãos do Tinito, a fingir conversas machas com os colegas, em busca da minha alma trocada.

Covarde.

A evitar a todo o custo os que me pareciam semelhantes a mim. Com um desejo doido de trocar sentimentos, descobertas, mágoas, desesperos.

Mas o silêncio. Sempre. A comer-me por dentro. E a agonia de pensar na Raquel como um castigo, o caminho, quem sabe, do suicídio.

Entretanto a vida de todos os dias. Os anos lectivos a passarem. As boas notas. Os prémios. O curso. O colégio. As aulas já como professor. Considerado. Estimado.

O professor Teófilo de Francês. Tão simpático. Competente. Pontual. Incapaz de grandes camaradagens, mas acessível quando é preciso. Tentando, contudo, evitar proximidade com aqueles em quem julga pressentir problemas idênticos ao seu.

É isso que será sempre até à reforma. O professor Teófilo de Francês. Qualquer dia casado. Casa colégio, colégio casa. Os pontos para corrigir. Uma boa gabardina, botas de sola de borracha, porque se desloca para o trabalho a pé. Tudo previsto, organizado.

Algumas miniaturas. Pastas e pastas delas, para dizer a verdade. Um romance inacabado que ninguém pode ler. Não tem filhos, é claro. Não quer ter filhos. Não consegue abordar a Raquel. Ela não se queixa. Terminada a licenciatura irá trabalhar até à reforma sabe-se lá aonde. Terá a sua vida, quem sabe um amante. Tudo como manda o figurino da hipocrisia social. Fica muitas vezes na própria casa, no palacete. É rica. Ainda bem.

Não precisa dele para nada. Para nada mesmo. A não ser para a fachada de dizer o meu marido. Soa-lhe bem, o meu marido. O meu marido precisa de ficar a sós no apartamento para se concentrar no trabalho dele. É romancista. E está também a preparar uma exposição de miniaturas. É um artista.

Não conta às amigas que eu nunca dormi no palacete. Que nunca me deitei com ela.

Que nunca tomámos o pequeno-almoço juntos. Que nunca comemos croissants quentinhos no café da esquina da rua, com compota deliciosa de maçã.

Que coisa aterradora esta antevisão da minha vida possível!

Será verdade que só se vive uma vez? Não terei outra oportunidade?

Os olhos do Hugo, as mãos do Hugo, a boca do Hugo dizem-me que não. O que é pior?

Enfrentar o terramoto e desistir da Raquel, da rotina vazia, do rasgão no peito, da saudade de mim, ou tentar ser feliz malgré tout, apontado a dedo, humilhado, despedido, deserddado, ampliando os meus desenhos, tentando os meus romances, procurando incansavelmente a minha alma trocada e, como um

lavrador de palavras, abrir sulcos na terra árida, regá-la com a água das lágrimas, colher as sílabas, rir com elas, caminhar de mãos dadas, dizer oxálida, voo, xarel, arrabil, hipericão, avena, miligrã e talvez amor, palavra até hoje proibida que, tal como a personagem da Dulce Maria Cardoso, só conheço de ouvir falar.

E os anéis da minha mãe a baterem na porta do quarto: — Teófilo, já ligaste à Raquel?

Hoje o computador não exorciza a minha angústia. É uma confusão de sentimentos complicada de mais. Não me quero focar no que principalmente me aflige e por isso, enquanto escrevo, tenho sempre aquele travão a segurar-me o livre fluir do pensamento.

Tive a ilusão, na euforia dos acontecimentos da noite, que ia ser capaz de ser outro, mais corajoso, mais desinibido, mais eu mesmo. Como diz o Hugo, não podemos passar a vida a ser quem não somos e, nessa tentativa, confundirmos as coisas. Quem sou eu afinal? Porque é que sou tão infeliz? Hoje em dia todos sabem que se nasce homossexual como se nasce canhoto. Não é uma escolha. É até um lugar comum dizer-se que, se fosse, ninguém escolheria o caminho mais difícil.

O Hugo pode ajudar-me. Com a sua paciência, o seu sentido de humor. Ao pé dele tudo parece fácil, natural. Gostava de me sentar com ele à mesa dos meus pais e dizer, o Hugo é o meu namorado. Somos felizes juntos, a vida fica mais leve, é óptimo não ter que fingir. E os meus pais haviam de dizer, olá Hugo, seja bem-vindo.

Mas não é assim. Hão-de obrigar-me a mentir, a fingir, a desprezar-me, a perder a pouca auto-estima que me resta.

Não, não telefonei à Raquel. Há-de vir furiosa à hora do almoço. Porque hoje é sábado, dia da família feliz se reunir no ágape semanal. E como não tenho coragem de abrir o jogo, espero provocar uma boa discussão que seja pretexto para acabar com este noivado de opereta.

Teria os meus seis anos quando um dia, na nossa sala de estar, desenfiei uma peninha da almofada do sofá e me pus a brincar com ela. A peninha era branca, muito leve, bonita e recurvada. Achei uma brincadeira engraçada soprá-la para o ar e ir apanhá-la onde caía.

A minha mãe fazia malha numa poltrona de tecido granitado e começou a ficar irritada com a minha irrequietude. E precisamente no instante em que lhe ia pedir, mãe, brinque comigo, ela disse O menino só sabe brincar brincadeiras idiotas de mariquinhas? O seu pai compra-lhe carrinhos, soldados, comboios e você anda aí feito parvo a brincar com uma peninha que ainda por cima arrancou do meu sofá novo? Ora esteja quieto que me está a enervar.

Não percebeu como era linda aquela peninha que esvoaçava como uma borboleta e como havia de ser divertido brincarmos os dois, a soprar para cá e para lá, como havíamos de rir quando, soprada com mais força, subisse e se fosse esconder atrás dum qualquer objecto ou nos pousasse nas pestanas e nos fizesse cócegas e provocasse grandes gargalhadas. Mas não. Por estranho que ainda hoje me pareça, eram brincadeiras idiotas de mariquinhas.

Parece um episódio insignificante mas ficou-me gravado como se tivesse uma importância qualquer que eu não percebi. Fez-me sentir culpado e continuei a sentir-me culpado quando fui chorar para o meu quarto, mariquinhas, mariquinhas, mariquinhas, qualquer dia esse urso nojento vai parar ao lixo, que miúdo horrível que me havia de sair na rifa. Sinceramente, Amadeu, só gosta de brincadeiras parvas. Outro dia na praia, em vez de ir jogar à bola com os outros miúdos que se fartaram de puxar por ele, preferiu ficar a desenhar as nuvens e a rir-se sozinho como os maluquinhos quando mudavam de feitio, vai-me de bloco de desenho para a praia, não acho normal, não me diga que nos saiu um artista, mas donde é que isto vem? Há artistas na sua família?

Olhe, na minha não. A minha mãe é muito boa senhora mas, Deus me perdoe, uma labrega. O meu querido pai era aquele homem ligado à terra. Eu, não sei fazer um risco, você é o que se sabe. E os seus

pais? Ninguém era dado às artes? Já me ocorreu mais de uma vez se não me terão trocado o filho na maternidade. Parece-se connosco? Não parece. Foi buscar aqueles olhos azuis aonde? Aquelas mãos de princesa que durante muito tempo achei que eram minhas, não são nada. Eu não tenho dedos assim tão compridos, mãos de artista, lá está. Herdadas de quem, faça o favor de me dizer.

Afinal o sofrimento dela não é menor do que o meu. Deve ser horrível rejeitar um filho único que lhe saiu da barriga e levar a vida a tentar encaixá-lo no que ela acha que é a normalidade. Em vez de se alegrar por ter um filho que toda a gente considera bonito, preferia ter um troglodita atarracado e moreno com a ascendência árabe bem patente e, vá lá, um toque de Mendonça no perfil.

O meu pai reduz-se ao silêncio. Nem responde a estes desabafos da minha mãe. Já me deve ter arrumado no arquivo morto. Quando contribuiu para a compra do apartamento, das duas, uma: ou teve esperança que essa minha decisão de comprar casa fosse um sintoma das atitudes viris que se seguiriam ou viu nela uma forma de me afastar da família. Vá lá ser paneleiro para o raio que o parta, deve ter pensado. E artista e escritor e a puta que o pariu, desculpa Generosa, mas já que dizes que ele não é teu filho...

E a Raquel chegou desorbitada, furibunda, silenciosa. Via-se que vinha a acumular a fúria para depois a descarregar com toda a violência de que é capaz. E é muita.

— O que não admito são faltas de respeito. Desligaste o 'telemóvel de propósito. E não penses que me fazes ciúmes por teres ido dormir com outra. Estou-me nas tintas. Mas não teres ao menos a consideração de me dar um toque, com uma mentira qualquer, não importa. Uma mentira que não me obrigasse a ficar a manhã inteira no Museu à tua espera, feita estúpida, primeiro a fingir que olhava para os quadros, depois a pensar que andávamos em salas desconstruídas, por fim a tomar cafés no jardim, a ligar-te sem parar, a fazer aquela figura de desprezada, que é o que mais me irrita... Aquela já o marido a plantou, já a trocou, vai uma aposta que não aparece?

— Como se alguém perdesse tempo a preocupar-se contigo. As pessoas nem te vêem.

— Então, meninos. Vamos parar com a discussão à mesa. O coq au vin está uma delícia. A Adelina perdeu a manhã a cozinhá-lo. E sabem muito bem que a comida engolida assim, no meio da fúria, cai no estômago como uma pedra.

Quem é que está furioso? Eu não. Estou a adorar! Ela põe-lhe natas, não é, mãe? E uma gema? E sumo de limão?

Respeita-me, Teófilo! Tem ao menos a decência de me ouvires! Se não fosse o respeito pelos teus pais, que é uma coisa que tu nem desconfias o que seja, levantava-me e saía aquela porta para sempre.

Por mim estás à vontade. Mas tenho a certeza que ainda tens um litro de veneno para bolsar em cima do meu coq au vin.

Téo! Não admito esse tipo de linguagem, muito menos à mesa, disse o meu pai.

Levante-se ou esteja calado. E lá estava eu com seis anos a soprar a minha peninha.

Ninguém percebe nada. Será que não entendem que provoquei de propósito esta situação para poder dizer à Raquel, isto não tem pés nem cabeça, eu não gosto de ti e tu não gostas de mim, nunca seremos um casal, vamos abrir o jogo e acabar de uma vez para sempre com esta tortura.

Apetecia-me pensar um bocadinho no Hugo, mas não me dão tréguas. Irei dormir com ele esta noite, ao contrário do combinado, mas antes tenho ainda uma longa e pesada tarefa pela frente.

Se pensas que preciso de ti para a tese, estás muito enganado.

Devo ter perdido o fio da discussão porque não me parece que isto cole com as últimas palavras que lhe ouvi. Mas não tem a menor importância. Estou-me lixando para a tese dela. Para ela. Para as fúrias dela.

Podíamos talvez ir jantar fora esta noite e acertar umas agulhas. Que dizes, Raquel?

Ficam todos pasmados. Eu disse isto com a maior doçura que me foi possível para que pensassem numa reconciliação à vista. Ninguém se atreve a responder. Nem a Raquel.

E agora comia mais um bocadinho de galinha a que chamam galo mas é uma confusão muito natural, a que todos temos direito... Leva conhaque flambeado, suponho. A Adelina está de parabéns!

À mesa do restaurante que escolhi caro e discreto, observo a Raquel. Enfeitou-se bastante. Traz o casaco de veludo preto com strass nas bandas que sai à cena nos dias especiais. Desejo muito que não o dispa porque não estou seguro da correcta depilação das axilas.

Escolhemos com toda a calma. Eu, uma entrada e pouco mais, ela um prato de carne razoavelmente substancial. Nas raras vezes em que jantamos fora nunca escolhemos a mesma comida. O meu estômago é frágil, o dela é sólido. O coq au vin do almoço, de que abusei, deixou-me satisfeito para muitas horas. Escolho um tinto de boa qualidade para rimar com a carne dela. Entusiasma-se. É apreciadora.

A Raquel tem olhos de rato. Não só por serem pequenos e escuros, mas porque são astutos. Espreitam-me para tentar descobrir a razão daquele convite. Eu deixo-a sofrer.

Está macia como veludo. Evita falar da tese para não voltarmos aos acontecimentos da manhã. Interpreta este jantar como uma proposta de tréguas. Nem sonha o que a espera.

A minha avó Jacinta costuma dizer que as más notícias se dão à sobremesa. É isso que vou fazer. Ela pediu trouxas-de-ovos e eu deixo-a lambuzar-se até à última gota de calda e de repente, sem aviso, digo, sabes que sou gay, não sabes? Estás farta de saber mas tens andado a disfarçar, a seguir o exemplo dos meus pais. Vocês acham que, se me casarem, fica tudo resolvido. Mas acontece que agora apaixonei-me, por isso o casamento foi definitivamente à viola. Não tenho o direito de dar cabo da tua vida.

Foi só aí que olhei para ela. Dei-lhe tempo de estudar uma reacção, tive essa caridade.

E ri-me. Não por maldade, mas porque me lembrei de um episódio passado com uma colega e amiga minha, senhora de sessenta e tantos anos. Conheceu num congresso um jovem professor uruguaio com quem estabeleceu uma boa amizade. Conversavam muito sobre os mais variados assuntos, culturais e outros mais fúteis e um dia ela disse: — Vou ligar para casa, que já passa da hora e o meu marido fica preocupado.

E ele de olhos arregalados: — Eres casada?

— Sou, claro.

— Yassi me Lo dices, sin prepararme?

Eu ri-me porque pensei que a Raquel podia dizer, — Eres gayPy assi me lo dices sin prepararme?

— Achas graça?, disse ela tentando recompor-se. — Acho. Hás-de concordar que é uma situação divertida.

— Tens prazer em ser cruel.

Não é crueldade nenhuma porque tu estás fartíssima de saber. Lá no fundo tinhas a certeza de que este casamento não ia acontecer nunca. Queres café?

Quero, disse ela, ainda atordoada.

Pedi os cafés e a conta. Porque tenho pressa de ir ter com o Hugo, contar-lhe que já não tenho noiva, que o meu rasgão no peito já dói menos, que estou mais preparado para me receber. Estou ansioso por empandeirar a Raquel.

É quando ela decide surpreender-me.

Sabes, Téo. Admiro a tua coragem. E agradeço que tenhas sido franco comigo. E vou tentar ter uma conversa com a tua mãe. Está bem. Já não estamos noivos, mas quero que continues a considerar-me a tua maior amiga, porque te adivinho dias muito difíceis e acho que vais precisar de apoio. Por favor, Téo. Eu não saberia viver sem a tua amizade.

Já sabes que podes contar comigo.

Ela é mais esperta do que eu suponha. Para começar, deixa-me perplexo com esta atitude. Em segundo, não quer perder pitada do meu romance. Vai vivê-lo por interposta pessoa. Vai ser, eternamente, uma pedra no meu sapato. Deve sentir-se vingada.

E eu, para sempre, acorrentado a isto.

Para quando oxálida, plátano, miligrã?

O meu livro segue agora a bom ritmo. Estou a viver em casa do Hugo que me proporciona toda a paz de que preciso e tudo na minha vida ficou diferente. Ele não me faz perguntas. Nem de que trata o livro, nem se tenho aulas ou se recebi notícias de casa, ou se as obras do apartamento vão bem. É muito repousante. Todo o bem-estar desta relação sem conflitos invade a minha vida. Já nem sequer sofro do estômago, durmo como uma pedra. E escrevo.

Quantos anos perdi, meu Deus, quantos anos perdi.

Foi, apesar de tudo, mais fácil do que imaginava. Agora que conheço muita gente com histórias parecidas com a minha, vejo que o meu caso nem é dos piores.

No dia do jantar, em que fiz a dramática pseudo-revelação à Raquel, não voltei a casa dos meus pais. Vim directamente aqui para casa do Hugo e esperei pelo inevitável alude.

Demorou a vir. Quase duas semanas depois a Raquel telefonou-me a dizer que o meu pai queria falar comigo. No escritório.

É claro que não ia querer que eu conspurcasse o sacrossanto lar onde se fornicava de luz apagada. (Uma vez por ano? Duas? Nenhuma?) Lá fui.

Foi uma conversa suja. Não exactamente uma conversa, mais um monólogo em que me proibia de entrar lá em casa, de tentar ver a minha mãe que estava de cama na sequência de um ataque cardíaco e sobretudo quis deixar bem claro que o dinheiro que pusera na compra do meu apartamento passava a ser um empréstimo, do qual exigia um pagamento mensal.

Eu disse a tudo que sim enquanto ia pensando que não conseguia sentir nada por aquele homenzinho empertigado, nem amor, nem ódio, nem um resto de ternura. Que estava a ser escorraçado pela pessoa que melhor me devia compreender se existisse a única coisa indispensável entre pai e filho, esse tal amor que só conhecia de ouvir falar. Pelo menos até ali. Tinha esperança de saber construir esse sentimento com o correr do tempo, tinha esperança. Quem sabe o Hugo...

Não ouvi tudo o que disse o doutor Amadeu Mendonça mas percebi o essencial: Passa para cá a massa e não ponhas as patas lá em casa. Era este o resumo do discurso. Podia ter-me mandado um postal. Ou um SMS.

Na hora da despedida hesitei. Dou-lhe um beijo, um murro, um aperto de mão? Optei por baixar a cabeça, dizer passem bem, tornando a despedida extensiva à mãe e à inefável Raquel. Depois saí, com alguma vontade de rir e a sentir-me mais livre, mais perto de mim.

O Hugo não perguntou nada mas li-lhe nos olhos alguma curiosidade. Conte-lhe tudo.

Ele abraçou-me E disse, deixa lá, pá. Se sentires falta de uma família, aposto que a minha vai adorar adoptar-te.

Mas era muito cedo para isso. O Hugo é demasiado generoso.

O livro, que se chama O traficante de almas, é, evidentemente, a história de dois homens que têm as almas trocadas e vivem na obsessão de se encontrarem. Deve ser mau porque, em vez de o tornar numa história real, estou a dar-lhe um cariz pseudofilosófico, à Paulo Coelho, que terá certamente leitores mas que o afasta da boa literatura a que tanto aspirei. O problema é que não consigo desligar-me disto, fico numa espécie de transe quando me sento frente ao computador e aquilo quase se escreve sozinho. Quem sabe uma imposição da minha verdadeira alma que actua no subconsciente? É com parvoíces destas que estou a construir o livro, que só pode ser mau. Mas insisto. Cada um tem direito à sua dose de estupidez.

É preciso dizer que, no colégio, a minha nova identidade assumida não teve quaisquer consequências. Continuo a ser o professor Teófilo de Francês, competente, discreto e acessível quando é caso disso. Era o meu maior receio porque preciso do emprego e gosto dos meus alunos.

Nas férias sinto necessidade de ir visitar a minha avó Jacinta porque ela tem de ouvir da minha

boca as tenebrosas novidades que a Generosa já deve ter tido a generosidade de lhe passar.

E também porque quero confrontar o meu novo eu com aquele horizonte, os aromas de alecrim e feno e fumeiro, com a paisagem de olivais e trigo enquadrada pela moldura da minha janela, quero encontrar bocados de mim que por lá andam, agradecer mentalmente ao Tinito o primeiro passo no difícil caminho da minha descoberta.

A casa, que sempre foi a casa, já não é a casa. Chego quando a fachada ainda não perdeu o fulgor do sol poente e ao redor dos vasos de malvas os insectos ainda zumbem.

Chego quando a Maria ainda não fechou a janela do meu quarto e a cortina esvoaça com a brisa, a minha cortina igual à minha cortina, no quarto a arejar porquê eu avisei que viria. Já posso imaginar a sensação na pele dos lençóis limpos, a cheirar a maçã, a moringa de barro com água fresca, a manta de quadrados aos pés da cama, não vá vir algum frescor.

Não é a casa que não é a casa, portanto. Sou eu que não sou eu.

Porque também os aromas são os mesmos. A cera da tijoleira da entrada, lustrada de fresco, a hortelã do borrego no forno, uma suspeita de legumes crus no avental da Maria, a água-de-colónia floral da avó Jacinta.

A avó mandou pôr a mesa na copa, três lugares porque a Maria come sempre com ela, a avó Jacinta não enxerga qualquer sentido em que duas velhas, que moram juntas na mesma casa, comam tristemente solitárias, uma para cada lado. A avó adora comer e não aceita que a refeição não seja um momento de partilha e alegria por causa de um preconceito idiota.

Esta cozinha, esta copa, este cheirinho a molho de carne e ervas, esta mesa posta, a toalha de riscas largas, cinzentas e salmão, a sericaia no aparador, o queijo, as azeitonas, o pão de mistura, dão-me uma fome adolescente, como não sentia há anos. Penso confusamente que não é preciso muito para ser feliz, é só ver a vida pelo lado simples, pelo lado alegre, e lembro-me da última refeição em casa dos meus pais, o coq au vin tão carregado de rancores e barreiras e complicações, a última ceia de que o velho Téo saiu crucificado e um novo Téo ressuscitou.

Neste jantar tudo foram risos, o assado e o vinho alentejano a condizer com o meu apetite, as conversas subliminares da avó e da Maria, ele sempre trouxe? Só três dúzias, minha senhora, diz que manda a miúda amanhã, a avó a contar-me que a Maria ficou tão excitada quando soube que eu vinha, que deu uma palhaça no encerado, capaz de partir uma perna. E riam até às lágrimas, porque a Maria ficou de saias à cabeça, estava o Tinito a mudar uma lâmpada e a assistir a tudo. Fez que não viu, coitadito, mas de repente não se conteve e quando ia arrumar o escadote começou a rir como um maluco e acabaram a rir os três, que a avó até mandou servir um calispinho de medronho e agora por isso, serve aí, Maria, para ti também, que isto é dia de festa. Não é todos os dias que chega o meu neto e tu mostras o código de barras.

Mais risos, com o medronho servido na sala de estar da avó com o café, a ajudar àquela abençoada despreocupação.

A Maria levou a bandeja, foi às suas tarefas e de súbito, como se a menção do nome do Tinito me tivesse lembrado a principal razão da minha visita, desato a soluçar como uma criança.

A avó levantou-se, veio a mim, que me tinha posto de pé a tentar disfarçar o choro e abraçou-me com tanta força, com tanto coração, sem uma palavra, sem uma pergunta, que me deu a certeza de que sabia de tudo e fiquei-lhe ainda mais grato por não o ter dado a entender e, pelo contrário, ter-me recebido de uma forma tão leve, tão natural, com a amizade de sempre e o desembaraço do costume. Também agradei mentalmente ter-me poupado ao desconforto de verbalizar o assunto com aquele abraço sem interrogações.

— Foi a mãe, claro, perguntei.

— Pois, quem havia de ser. Ligou-me para aí num pranto como se estivesses na cadeia por ter matado alguém. Pedi-lhe que te deixasse em paz, que és maior e vacinado e que antes disso que uma pedra no rim.

Explicar não lhe expliquei nada porque ela não percebe. Há coisas que não entram em certas cabeças, mas não tens que te afligir, filho.

Cada um é como cada qual e tu és o meu único neto muito querido e não fizeste nada que atente contra os dez mandamentos...

Este argumento fez-me sorrir entre lágrimas. Só mesmo a minha avó Jacinta para fazer este raciocínio, tão simples e pragmático. Com efeito o Hugo até é solteiro, nem o oitavo nem o nono mandamentos estão em causa...

Foi como se me tirassem um peso de cima do coração.

A avó, ao contrário do que fariam outras mulheres, não se sentiu autorizada a fazer perguntas, fui eu que lhe falei do Hugo, expliquei que não era propriamente amor, mas uma grande amizade, companheirismo, respeito. Sobretudo, o que eu mais apreciei nesta nova vida, contei, é que ele não interfere em nada, é um sossego, uma paz, um dia-a-dia tranquilo, eu com as minhas aulas e as minhas miniaturas, consigo escrever sem que me interrompam, ele é advogado, chega tarde do escritório, vamos jantar fora ou cozinhámos em casa, na maior concordância. Eu sempre gostei de cozinhar, mas a minha mãe, além de achar que eu atrapalhava o serviço, considerava esse meu gosto uma grande mariquice. Aliás tudo para ela é uma grande mariquice: pintar, escrever, gostar de me vestir bem.

Estou a viver em casa do Hugo provisoriamente porque, não sei se a avó está a par, o meu apartamento está em obras. Ah, e não sabe a melhor! agora pago renda ao meu pai, do dinheiro que ele me deu quando foi da compra! Deprimente.

Rimo-nos. E percebi que me estava a sentir muito bem, aliviado depois do choro e desta conversa amena com uma pessoa tão boa, tão generosa, que me escutou com tanta doçura. A minha avó, que nem sempre é doce, que é até capaz de ser bastante áspera, estava a revelar toda a grandeza do seu coração.

Depois, regressado à infância, fui-me deitar, dormi como há muito tempo não dormia.

Bastou-me fixar a cortina uns minutos para pôr de lado o livro escolhido para me ajudar a adormecer, apagar a luz e sonhar que vogava num rio encharcado de luar com o Tinito que era o Hugo e um pássaro verde que trinava prelúdios de Chopin.

A Maria acordou-me de manhã cedo, menino Teozinho toca a alevantar, está na mesa o leite da vaca mun-gida hoje, e o pão ainda quente e o queijo e a manteiga e os bolinhos de erva-doce. A avozinha está à sua espera.

O cheiro a café tirou-me da cama mais depressa que a voz da Maria e desci a escada a dois e dois, porque tinha de novo doze anos e nenhum rasgão no peito e nenhuma saudade de mim.

Sabes quem está cá?, disse a avó a barrar de manteiga uma grande fatia de pão quente.

O professor Vilar Fauré, lembras-te dele?

Lembrava-me perfeitamente. Era um senhor francês, professor de História de Arte na Sorbonne, que herdara da mãe portuguesa uma propriedade próxima, cuja casa restaurou com um requinte pouco vulgar naquela zona do Alentejo.

Conheci-o lá pelos meus onze, doze anos, por ocasião de um convite para jantar quando passava férias com os meus pais em casa da avó. A Generosa ficou exultante porque o considerava o paradigma da civilização em contraste com todos os rústicos que costumavam convidá-los: o médico, o veterinário, os lavradores ricos e as suas mulheres provincianas.

O professor fumava cachimbo, usava lenços de seda no pescoço, tinha coletes com botões de pérolas, perfumava-se com uma inconfundível colónia francesa, rodeava-se de objectos raros e era duma afabilidade extrema, a que o sotaque dava um toque luxuosamente diferente. Tinha uma manta de vison na borda do sofá de brocado cor de cereja e fardava as criadas com aventais de renda engomados.

Tinha uma aura de sedução que eu não sabia explicar e achava estranho que um homem tão bonito não tivesse mulher, devia ser viúvo, pensava, apesar de vestir-se com tanta garridice.

Durante anos esta figura assombrou a minha libido nascente e, a cada convite, sentia-me corar de

excitação e até a comida francesa que no primeiro jantar estranhara tanto, passou a ter algo de um sabor proibido e o sotaque francês uma sonoridade culposa.

Todos os anos se repetia este convite. Se os meus pais não estavam eu ia com a minha avó que vestia o seu melhor vestido de seda preta e tirava do estojo as pérolas verdadeiras, o colar e os brincos, substituía o rabo-de-cavalo por um penteado de senhora, preso por travessões que brilhavam à luz dos lustres do professor Fauré. Eu achava-a linda e adorava vê-la dar largas ao seu sentido de humor um pouco ácido que fazia rir o anfitrião e lhe aguçava a ironia maldosa. De vez em quando falavam francês, esquecendo-se que era essa, juntamente com o desenho, a minha melhor disciplina. Mas fingia que não percebia, já que o faziam por minha causa e certamente por causa das criadas.

Quando admirei o francês perfeito da minha avó ela explicou-me que, quando era criança, não falar francês era como não saber comer à mesa ou não cumprimentar as visitas. E aprender a língua não era uma questão de cultura, mas de educação.

Depois do pequeno-almoço perguntei se podia dar um passeio a cavalo.

Claro que sim, disse a avó. Pede ao Tinito que te arreie o Anjo, que é mansinho e está em boa forma.

Há dois anos que não vinha ao Alentejo e esquecera um pouco as feições do Tinito.

Apanhei um choque quando o vi. Estava a trabalhar de tronco nu, riu-se quando me reconheceu, encostado na ombreira da porta da cavalaria, com cara de parvo a olhar aqueles músculos morenos, aquela cabeça grega.

— Vem-me pedir o Anjo, já sei. É o que a madrinha empresta às visitas mais mariquinhas.

Não acusei o toque e perguntei, E tu? Casaste?

Casei pois. Tenho dois putos e uma menina. E mais um por fora que as mulheres não me largam... E não só...

Abriu um sorriso tão cheio de subentendidos que me apeteceu fazer-lhe outras perguntas. Cada vez mais assumido, permiti-me reconhecer que estava a desejá-lo furiosamente. Mas lembrei-me do oitavo mandamento do Deus da minha avó. Não desejarás... Respeitar para ser respeitado.

Montei o Anjo e arranquei a galope para longe daquele demónio e das suas perversas tentações.

Inevitavelmente chegou o convite para jantar em casa do professor. Era um convite impresso a dourado que deixava em branco, para preencher à mão, o nome do convidado, o tipo de refeição, o dia, a hora e o traje.

Guillaume Vilar de Fauré tem a honra de convidar a Exma. Senhora Donajacinta Ferreira e seu neto Teófilo de Deus para jantar na sua propriedade do Mocho no dia 14 às 20 horas. Traje de passeio.

A avó Jacinta apressou-se a telefonar, a agradecer e aceitar o convite, não sem resmungar, estas paneleirices do Gui. Para quê estes convites a dourado se podia fazer um simples telefonema. Ficamos logo sem saber o que vestir.

Eu ri-me com gosto e admirei esta capacidade de a minha avó ser ao mesmo tempo a agricultora de jeans deslavados e rabo-de-cavalo e a senhora de diamantes nos dedos. A desbocada que não faz cerimónia com as palavras e a palaciana que fala um impecável francês. A patroa de mão de ferro que comanda os seus homens e a convidada finíssima que maneja com requinte os talheres de prata.

Acabou por se decidir por um tailleur de seda pesada, azul-escura com uma risquinha quase invisível, sem blusa, o broche antigo de brilhantes na lapela, foi à cidade ao cabeleireiro e apareceu com as unhas, muito curtas, pintadas de verniz transparente e um chignon que poderíamos classificar de artístico e ainda, coisa de espantar, uma leve maquilhagem que lhe ficava muito bem. Adorei vê-la assim, sobretudo pelo contraste, e perguntei-lhe se tencionava conquistar o Guillaume e ela respondeu, com um sorriso malicioso, não, deixo isso para ti.

Foi a única vez que se referiu ao assunto. Mas fê-lo de maneira tão leve, que me soou como uma passageira cumplicidade que nos uniu. Era como se eu, agora, fosse outra pessoa. Ou era eu que me sentia outra pessoa, embora ainda não soubesse exactamente quem.

O Tinito guiou o carro porque a avó se achou muito chique para pegar no volante e não quis que eu guiasse, apesar do meu modesto blazer que era a única peça de roupa decente que tinha no monte, ou talvez por isso mesmo, temendo que me tomassem por motorista.

No gesto de segurar a porta para a minha avó entrar, o estúpido do Tinito piscou-me descaradamente o olho. Fiquei desarmado, sentime sujo e com vontade de o matar.

Mas> alguma coisa me perturbou. Era como se, aos poucos, fosse descobrindo em mim uma verdade desconhecida e o mundo que até ali me fora tão limitado fosse agora todo meu.

Virgem até aos braços do Hugo, a minha única experiência tinha sido com uma colega no primeiro ano da faculdade, suficiente para me frustrar para o resto da vida. Ao fim de uma hora de esforços, de ternura e paciência, ela perguntou com bom modo, ouve lá, tu és gay?

Não, que ideia. Quer dizer, não sei.

Bom, encontramos-nos qualquer dia para tirar isso a limpo. Queres?

Concordei e nunca mais apareci. Acho que foi uma resposta bastante eloquente.

A conversa em casa do professor Fauré foi encantadora e o jantar delicioso. Havia mais um casal — senhora francesa, marido português, ambos professores — e foi agradável falar francês a noite toda porque a senhora, Evelyne, não falava português. Eles estavam hospedados lá em casa porque vivem habitualmente em Paris. Os assuntos foram variados, o humor do Gui e da minha avó fizeram a diferença, via-se que eram amigos de longa data (talvez isso ajudasse a avó a perceber a minha situação) e eu acho, sei, que apesar de discreto, não fiz figura de bicho-do-mato. Costumava ser mais calado, com um medo inconsciente de me denunciar, mas naquela noite, com os vinhos maravilhosos a ajudar, estive razoavelmente animado.

Tempos mais tarde, em casa do Hugo, viríamos a ter umas memoráveis tertúlias em que se tocava, cantava, dizia poesia, em que se liam textos e se mostravam quadros, em que se escreviam poemas para as pinturas dos outros e vice-versa, tertúlias a que o professor Fauré gostaria de assistir. Mas isso aconteceu entre estas férias e a publicação do meu livro, a partir da qual todas as tragédias se desencadearam. Um tempo feliz, que me parece tão distante que nem tenho já a certeza se existiu. Um tempo de oxálida, cítara, xaiREL, gomil, rocío, cântaro, miligrã.

Lá para o fim da noite a Evelyne perguntou-me se tinha noiva. Respondi, com um ar vagamente compungido, que acabava de romper o meu noivado e tinha vindo curar as mágoas para o monte da minha avó Jacinta.

Oh, le pauvre!, disse a Evelyne, enquanto o Guillaume esboçava um sorriso quase imperceptível. Fingi que não vi.

A avó ficou um bocadinho constrangida e fez menção de ir lavar as mãos. O casal desculpou-se e declarou que precisavam absolutamente de ir descansar pois fora um dia de muitos passeios e visitas ao castelo da vila próxima. Todas aquelas pedras, toutes cespierres! Despediram-se e foram dormir, ao mesmo tempo que a avó ia lá dentro.

O Gui, rodando a pedra de gelo no seu Saint Gobin lavrado, perguntou com um ar casual Você dá-se conta de como aquele miúdo louro, que costumava vir cá jantar, se transformou num homem interessante?

Percebi que alguma coisa no meu olhar tinha mudado. Era ainda uma novidade esta minha personalidade nascente. Olhei-o, franzindo interrogativamente as sobrancelhas.

E logo ele, mais casual ainda Não, quer ir comigo para Paris? Tenho a certeza de que ia adorar.

Levantei-me e dei uma volta ao salão em silêncio sempre a sorrir.

Parei em frente dele, como se fosse dizer que sim.

Tenho compromissos, disse.

Bien sure. On aplein le temps.

Claro. Tenho todo o tempo do mundo. A minha vida ainda agora começou.

Mas à noite foi ainda o vento. A agitar a cortina de renda, a entrar pelo rasgão, ainda por coser, da minha alma.

Quando cheguei a Lisboa as obras do apartamento estavam prontas. O Hugo tinha mandado fazer limpeza e foi bom entrar na casa vazia, vazia mesmo, sem móveis, sem recordações, sem fantasmas, com o sol a bater nas paredes brancas, pintadas de fresco, sem marca nenhuma de quadro, de espelho, de prego.

A ausência de tapetes dá ao chão uma ressonância alegre, as torneiras cantam canções de protesto antes de debitarem um jacto decente.

Mas a casa é pequena. E depois de mobilada vai ficar minúscula. Esse é o castigo por ter escolhido uma casa onde a Raquel não se sentisse bem. Ondeoubéssemos estritamente eu e a minha angústia. Sem imaginar que haveria um Hugo para me dar uma perspectiva tão diferente da vida.

Tenho estado a pensar, disse ele.

Vi uma casa giríssima no Estoril. Terraço com toldo e vista para o mar. Espaçosa. Uma sala enorme. Biblioteca.

Três quartos. Sala de jantar. E se visses a cozinha... Então eu pensei. Vendíamos os nossos apartamentos de Lisboa, este e o meu, e comprávamos aquele a meias. Eu sei. Eu sei que isso implica várias decisões de fundo. Enfrentarmos todos os dias a auto-estrada, investirmos na decoração, vivermos juntos...

Começámos a rir como dois parvos, mas a ideia parecia tão boa, tão sedutora... Já sabíamos que éramos capazes de partilhar o espaço sem arranhadelas e a simples menção da biblioteca, da varanda com toldo, da cozinha grande...

Então, disse eu, vamos ver depressa a casa antes que eu me comece a espetar com mobílias que depois não encaixam em parte nenhuma. Já fizeste contas?

Claro que sim. Ainda sobra dinheiro para mobilar. Sabes o Zé Luís e o Jorge que são decoradores? Têm aquela loja linda e um bom gosto fora de série. Vamos ter a casa mais bonita da Linha. Mas não percas já a cabeça, Téo, que isto ainda vai levar tempo.

Fomos ao Estoril e eu apaixonei-me à primeira vista pela casa. Era um prédio de dois andares, sossegado, numa rua com árvores e vista para o mar. A vizinha do segundo andar, que guardava a chave e mostrava a casa, chamava-se Estrela, era uma rapariga da nossa idade, simpática, e não uma velha coscuvilheira. Há coisas que nos estão destinadas desde o princípio do mundo e a casa já parecia nossa ainda antes de termos pronunciado a palavra comprar.

Enquanto as coisas não se resolviam pus as minhas tralhas no apartamento de Lisboa: caixotes com livros, discos, a minha papelada, uma mesa, umas cadeiras, o computador, impressora, som, um frigorífico para ter água fresca, gelo, leite, guardar qualquer sobra de lanches avulsos.

Isto porque ganhei o hábito de, todas as tardes, depois das aulas, ir para lá escrever. Foi assim que, aos poucos, o livro se foi escrevendo, quase sozinho, quase milagrosamente, como se tivesse vida própria. Foi acontecendo, foi encaixando, foi ganhando alma.

Viciei-me naqueles finais de tarde solitários, o som das teclas ecoando na casa vazia, o sol poente a dourar as paredes nuas, às vezes um pouco de Bach, as variações Goldberg ou os Concertos Brandeburgueses e o encontro comigo mesmo, melhor, com a metade desconhecida de mim, a tese da alma trocada a ganhar forma, leituras de Platão. Diz ele, quando fala da escolha das almas, Nem o primeiro deixe de escolher com prudência, nem o último com coragem. E eu escolhi, ou alguém escolheu por mim, sem prudência e sem coragem, por isso intitulei o meu livro O traficante de almas, atribuindo a troca a um ser anónimo de outra dimensão que manipulasse as almas na hora da escolha.

O Hugo diria, se eu lhe mostrasse o texto, o que não fiz, que este é um artifício para me desresponsabilizar. Mas não é o que fazem constantemente os crentes quando atribuem o que lhes

acontece à vontade de Deus?

De qualquer modo trata-se de ficção. E a história que conto, com uma nota dramática, transcende o cotidiano e oscila entre o romanesco e o gótico. Não penso no resultado final, entrego-me apenas ao prazer imenso da escrita, eu, garimpeiro de palavras, à procura de sons como um compositor, de cheiros e sabores como um chef, de cores e sugestões como um pintor.

Foi uma fase agradável da minha vida, com o aliciante de ser uma etapa provisória: a casa sem móveis, os livros em caixotes, os dêvêdês amontoados, havia nisso qualquer coisa de infância, de transgressão, no próprio acto de escrever longe de todos os olhares.

O Hugo chegava tarde do escritório. Encontrávamo-nos em casa dele à hora do jantar, para cozinhar ou ir ao restaurante, às vezes com amigos, às vezes só os dois. Se eu tinha testes para corrigir fazia um pouco de serão, o Hugo é o tipo de pessoa que nunca interfere, sabe ser uma companhia silenciosa, disponível para responder a uma pergunta, trocar uma impressão.

Nessa fase não pintei. Tinha as pastas das miniaturas arrumadas no chão contra a parede no apartamento vazio, como coisa do passado, de uma etapa transposta, talvez encerrada para sempre. O Hugo, que aprecia os meus desenhos, lamentava não me ver pintar. Mas eu explicava que, por qualquer razão, não sentia agora a menor necessidade de me exprimir dessa forma, ou porque a escrita me satisfizesse ou porque o desenho fosse o reflexo de algo mais profundo, matéria para estudos freudianos que eu não estava nada interessado em pesquisar. Costumávamos rir quando abordávamos este assunto, sendo o riso um substituto para a confissão aberta de que o amor físico me equilibrava e me compensava das minhas carências anteriores.

Entretanto o livro ficou pronto. Hesitei vários dias antes de imprimi-lo e dá-lo ao Hugo para ler. Mas esse secretismo fazia-me sentir culpado embora me proporcionasse um estranho prazer. Passam-se coisas na minha alma trocada que nunca compreenderei.

Por fim decidi-me. O Hugo leu e aplaudiu. Não sei até que ponto estava a ser parcial mas fez uma crítica muito fundamentada e honesta que me encantou. Comecei mesmo a considerar a hipótese de o levar a uma editora. O Hugo entusiasmava-me. Dizia-me que não tinha nada a perder. Aceitavam-mo ou não, logo se via, e o que não falta são editoras. Não seria eu o primeiro autor a abordar várias até conseguir ser publicado. Mas decidi guardar isso para mais tarde. Talvez quando estivéssemos na casa nova, instalados e estabilizados. Sentia uma estúpida e ingénua relutância em separar-me do livro, assim como quem manda um filho para o mundo, com a minha bênção, é certo, mas sem a minha mão. Decidi esperar.

Um dia falei ao Hugo no professor Guillaume Fauré. Confessei a paixoneta que alimentara por ele na adolescência e a forma menos inocente como ele me olhara nas últimas férias no monte da avó Jacinta. Falei do convite que ele me fizera para o acompanhar a Paris e admiti que nada disso me tinha sido indiferente.

Dizia-me que estava a ser honesto com o Hugo, mas no fundo sabia que estava a dizer-lhe que não me tomasse como um dado adquirido, porque algum dia me podia passar outra coisa pela cabeça, naquela teoria de que ninguém é de ninguém.. Que injustiça. O Hugo é uma pessoa maravilhosa. É bom, bem formado e adora-me. Eu sou má pessoa.

Sou ingrato. Provavelmente ressinto-me da genética dos meus pais. É ver como me desliguei deles e da casa deles com tanta facilidade.

Se às vezes me vêm à memória cenas da minha vida anterior é sempre sem saudade e com vontade de as apagar do meu passado infeliz. As refeições naquele ambiente hostil de cortar à faca, as conversas preconceituosas da minha mãe, as sentenças do meu pai, os disparates da Raquel.

Nunca mais vi a Raquel, ao contrário do que estava à espera. Na outra vida ela costumava ir ter comigo à pastelaria em frente ao colégio para tomar café depois do almoço e eu supus que andaria a tropeçar nela constantemente, mas isso não aconteceu.

Telefona-me às vezes a pretexto de dar notícias da saúde da minha mãe, pergunta por mim, mostra-se muito alegre, um tanto eufórica, quer saber se tenho escrito, se tenho desenhado, deseja-me o melhor do mundo, fala-me da tese, de um colega que é agora uma constante na vida dela, um tal Paulo Saldanha ou Salema, quer que eu pense que a vida dela ganhou qualidade, que se sente feliz no palacete mas continua a jantar todos os dias nos meus pais, isto lembra-me» que ela ainda tem as chaves do meu apartamento, peço-lhas de volta, ela promete deixá-las na caixa do correio, melhor assim, não me apetece nada ver o seu focinho azedo e retorcido.

Sem aviso (vê-se que ficou a pensar nisso) o Hugo diz-me que acha perfeitamente natural que eu me sinta seduzido pelo meu amigo francês. Um homem mais velho, inteligente, culto, civilizado, fisicamente agradável pode ser uma tentação. Mas também me avisa que às vezes esses homens são despóticos e criam relações tempestuosas, até dramáticas.

O romancista aqui sou eu, meu querido, respondo-lhe a rir, e não tive nada com ele, juro, nem me senti tentado.

Mas não lhe conto do meu desejo desesperado pelo Tinito, aquela fúria animal que me envergonha, tão diferente da simpatia, toda intelectual, pelo Gui, confessável, glamorosa, chique, até.

Espera até termos a nossa casa nova. Vais ver como a nossa relação estabiliza, diz ele como se me lesse o pensamento.

E a partir daí tudo avançou mais depressa, venceram-se as burocracias, as escrituras, as mudanças, os arranjos, a decoração, porque o Hugo queria que inaugurássemos a casa no dia dos meus anos, 20 de Março, com uma festa, todos os amigos, os pais dele e, quem sabe, a minha avójacinta.

Focámo-nos a cem por cento na casa nova e andávamos num entusiasmo de putos, malucos com o nosso brinquedo novo. Eu já me imaginava a escrever outro livro naquele terraço virado ao mar onde passam barquinhos e onde ao fim da tarde chega o aroma a lúcia-lima das trepadeiras da vizinhança e as vozes das crianças que brincam na rua.

Uma das coisas boas da casa é a vizinha do segundo andar. A Estrela, divorciada, duas filhas de oito e sete anos, Clara e Margarida, a quem o Hugo baptizou logo de Pupilas do Senhor Reitor, por repetirem os nomes das personagens do Júlio Diniz.

Elas ajudam-nos em tudo, com um entusiasmo idêntico ao nosso, e às vezes a mãe da Estrela, Sara, vem passar o fim-de-semana, experimenta receitas com o Hugo na cozinha enorme, empresta-nos peças de teatro para ler, apresenta-nos autores modernos, é perita em arranjar flores, e colabora em tudo sem se tornar intrometida.

Pessoas encantadoras, como raramente se encontra, e nós tentamos retribuir como podemos, a ajudar na limpeza das vidraças, a tomar conta das pequeninas para elas irem ao teatro, a ensinar francês às crianças, a estudar as lições com a Clarinha que já está no primeiro ano. É espertíssima, dá gosto ensiná-la. A Guida tem loucura por mim.

Espreita a minha chegada para me vir dar abraços, fica pendurada no meu pescoço, diz que eu sou bonito e cheiro bem e pede-me para lhe ensinar a fazer a redacção. Já vi que vai aprender depressa.

Toda esta preciosa amizade evoluiu durante os meses em que a casa ficou pronta, de forma que, quando nos mudámos, já éramos íntimos, sempre a contarmos uns com os outros para as pequenas e grandes coisas e eu perguntava-me como é que o marido da Estrela podia tê-la trocado por uma empregada de consultório, loura, partidária do silicone, em tudo o oposto daquelas pessoas adoráveis. Ele é médico, o que à primeira vista lhe poderia dar um critério de escolha mais judicioso, mas o coração tem razões, lá diz o Pascal, e gostos e cores não se discutem, lá diz o povo.

Ainda antes de mudarmos para o Estoril entreguei o original do livro na editora ERA (Edições Rodrigo Amaral) a conselho de uma amiga do Hugo, a Teresa, que é professora da Faculdade de Letras. Ela faz parte de um pequeno grupo (o das nossas tertúlias) que, constituído em conselho de leitura privado, foi lá a casa ouvir a leitura do livro em voz alta. O Hugo e eu encarregámo-nos da leitura em

capítulos alternados e à pergunta acham publicável responderam que sim com entusiasmo, serão parciais e suspeitos, mas a verdade é que me senti mais seguro e foi com alguma confiança que deixei o original na editora, ao dito Rodrigo Amaral em pessoa, que prometeu fazê-lo ler e, se fosse o caso, publicá-lo a tempo da Feira do Livro.

Sabia que tinha de esperar, portanto tentei não pensar muito nisso e, aos poucos, naquele tempo de pousio, começou a surgir na minha cabeça outro livro, O Equívoco, a história de um crime cujo álibi é baseado num erro de julgamento. Será de construção complicada, por isso fornece-me muita matéria para ocupar o espírito, o que, juntamente com a decoração da casa e a mudança, me fez andar entretido até ao célebre dia dos meus anos, dia da inauguração, da festa, e da apresentação do Hugo à minha avó, que generosamente concordou em vir.

Os pais do Hugo é que não puderam comparecer porque estavam de viagem ao Japão.

Agora estou aqui (na cama do Hugo que dorme pacificamente) acordado como se fosse meio-dia.

Cedi o meu quarto à avó Jacinta, como não podia deixar de ser, e o terceiro quarto, intitulado o quarto deles porque era onde o Jorge e o Zé Luís ficavam durante a decoração, foi ocupado pelo Tinito, que a minha avó trouxe para lhe guiar o carro e atender nas suas pequenas necessidades: uma compra, um medicamento, um recado.

Foi uma ideia desestabilizadora trazer o Tinito para uma casa que se encheu de homossexuais. Ele é, realmente, um homem lindo, o moreno mais impressionante que qualquer de nós já viu, sempre a sugerir receptividade sem no entanto os deixar avançar mais do que a conta, jogando ao gato e ao rato até fechar à chave a porta do quarto com o pretexto de que era tarde. Maluco, aquele cigano.

E eu aqui acordado porque não quero pensar no que aconteceu, até me veio à cabeça aquele dia, durante as obras, em que encontrámos o meu pai com a fulaninha do escritório, ele tão sério, ele tão íntegro, ele tão invulnerável, a almoçar, todo sorrinhos, num restaurante do Guincho, a fulaninha com uma saia minúscula que nem era bem saia, mais do tipo um palmo de ganga, bem abaixo do umbigo, pouco abaixo das cuecas, um top de pouquíssimo tecido e, apesar do frio, apesar do Inverno, apesar dos olhares cobiçosos dos homens, enfim, da maioria dos homens, o casaco de cabedal com gola de carpélio displicentemente jogado na cadeira, o meu pai de repente muito velho a babar-se na ideia de ser capaz de fazê-la depois do vinho caríssimo, da insípida lagosta, do doce de ovos, café e mais café para arrebitar, ele tão ridículo, nós quatro tão correctos, eu não disse ao Hugo nem ao Jorge nem ao Zé Luís que aquele era o senhor empertigado que me tinha posto fora de casa, ele viu-me mas não conseguiu ter tanta vergonha de mim como eu tive dele.

A insónia é aquele estado insuportável que nos trás à tona o que não queremos, não, o dia dos meus anos não, o anel de brilhantes, lindo, da avó Jacinta que nunca será meu, porque não sou homem bastante para oferecê-lo à minha mulher, nem mulher bastante para poder usá-lo, onde irá parar aquele anel, à minha mãe, à Raquel, se a avó não se apressar a oferecê-lo à mulher do Tinito, ou à filha mais nova dele, uma cigainha deslumbrante que há-de ser a perdição dos homens correu tudo tão bem até o Jorge chegar com o presente dele embrulhado a avó foi tão generosa com o Hugo, com todos os meus amigos, parecia que toda a vida tinha conhecido a Estrela, a Sara, trocaram receitas e gargalhadas, trouxe-me um sobretudo de caxemira, apesar de ser Primavera, de amanhã ser Primavera, está ainda muito frio e um sobretudo daqueles é para sempre e também o quadro que adoro, o Carlos Reis da sala pergunto-me agora o que porá no seu lugar, talvez a paisagem não sei de quem que está no corredor do primeiro andar tem que ter o mesmo tamanho ou maior para que não fique marca e porque é que isto me havia de acontecer a mim, não me quero ver a desembulhar o presente do Jorge, não vou pensar nisso mesmo que não durma nunca mais todos tão alegres, o jantar maravilhoso talvez a minha mãe, na sua rejeição absoluta da minha sexualidade (não posso dizer, como se diz, opção sexual, porque não é uma opção) no horror ao seu filho mariquinhas, esteja o profundo desgosto de saber que não vai ser avó, que nunca

poderá ser avó, e de repente tenho pena dela, choro um pouco na almofada a cheirar a alfazema, não sei se é por isso que choro, mas choro, que estupidez, o Hugo dorme como um bebé e eu a chorar sem conseguir ter a coragem suficiente para sair da cama, ir para a sala ler um livro a palavra livro traz-me pensamentos desagradáveis, talvez comer qualquer coisa, não consegui jantar, sim, talvez tenha fome, há milhares de restos, bolos que não foram encetados, rimas de croquetes, pequeninos, cremosos, feitos pela Sara, empadas de lebre feitas pela Maria, que a avó Jacinta trouxe, o Tinito nas calmas com aquele sorrisinho provocante a carregar com tudo para a cozinha, de t-shirt sem mangas a mostrar os músculos, o estúpido, os caracóis pretos na testa, a pergunta, posso tomar um banho, os meus amigos a dizerem entre dentes não, ele a reaparecer de camisa branca com os punhos virados, todo ele lavanda, Heno de Pravia, cabelo molhado, raios o partam, fica bonito de todas as maneiras, vem com toda a naturalidade para a sala, para o meio da festa, como se a beleza fosse um estatuto, a beleza é um estatuto, todos acharam natural, eu disse, este é o Justino, afilhado da minha avó Jacinta.

não consegui dizer criado nem empregado nem motorista, o Hugo olhou para mim e riu-se, a essa hora eu só tinha ainda motivos para rir e o Tinito de copo na mão, uma cerveja cuja cor ligava de maravilha com a sua mão morena, a mão do Tinito uma imagem que me assalta muita vez antes de adormecer, talvez agora adormeça mas sei que não vou adormecer enquanto não conseguir pensar naquilo também não quero pensar nas mãos do Tinito, prefiro lembrar-me da nervoseira dos meus amigos e amigas, até a Estrela me chamou de lado e perguntou que coisa maravilhosa é aquela que a tua avó trouxe e eu, como se isso tivesse alguma importância, é casado, tem três crianças, como se o Tinito se ralasse com isso, e a propósito queres que vá lá a cima ver as miúdas, não é preciso, a baby-sitter é ótima, da maior confiança, mas daí a pouco foi lá, que eu dei pela falta dela acho que sim, que me vou levantar, talvez andando um bocadinho pela casa, bebendo um copo de leite, que horas são, cinco e trinta e seis, preciso de ir, nunca vi uma casa de banho tão arrumada como a do Hugo, ele fechou a porta para as visitas não virem cá, tinham mais duas à disposição sem ser as nossas, afinal não passou assim tanto tempo, se eu adormecesse agora podia levantar-me às nove razoavelmente fresco para atender a avó, servir-lhe o pequeno-almoço, dar uma arrumadela na cozinha, em vez do Tinito a avó devia era ter trazido a Maria sim, vou beber um copo de leite, já que me levantei, mas o que é isto, a cozinha está arrumada, será que eu fiquei tão perturbado que não entendi mais nada do que se passou depois daquilo, e a avó, a Sara, a Estrela, o Hugo, sei lá quem mais, arrumaram tudo, enquanto o Tinito seduzia na sala todas as mulheres e todos os homens remanescentes que não arrancaram por causa dele, na esperança de que e ele mentalmente a fazer as suas escolhas em vez de ir ajudar na cozinha, ou talvez a avó, sai daqui Tinito, tu só atrapalhas com essa cara de bandido eu diria esse corpo de bandido, esse sexo de bandido um dia tenho que, se ele me perturba tanto ainda vou tentar dormir um pouco, pensar em coisas agradáveis mas não perturbadoras, daqui a pouco é manhã, talvez oxálida, miligrã, bandoneon, talvez Paris na Primavera, a Primavera que amanhã começa, ou hoje, são seis horas, mas não vale a pena, sei perfeitamente que enquanto não enfrentar aquela merda não vou dormir, não vou dormir nunca mais, então o Jorge entregou-me um embrulho e era um livro e disse, não percebo como é que o teu livro chegou às livrarias antes de chegar à tua mão, que raio de editora é a tua, e o livro chama-se O traficante de almas e o autor é Basílio Santana. Editora? Rasgo.

Pensei que fosse só uma coincidência de título, mas o livro é o meu da primeira à última página, nunca pensei em usar pseudónimo nenhum, portanto não encontro explicação para este facto tão insólito.

Levantou-se um imenso alvoroço, toda a gente a dar opiniões, quando reparámos que a editora não era a mesma onde deixei o original. Mais estranho ainda, falou-se em vigarice do editor, roubo, desleixo, sei lá que mais, é claro que o Hugo pensou logo em processá-los, ele e os seus colegas advogados alinhavaram ali mesmo os procedimentos legais, mas eu, em estado de choque, não conseguia pensar até que, devagar, se foi insinuando no meu espírito qualquer coisa de muito mais subtil, de muito mais misterioso, e agora percebo é isso que não me deixa dormir, que me vai manter acordado para o resto dos

meus dias até é melhor pensar nisto, é melhor pensar, então pensa nisto Téo, Téo Ferreira que é o nome que escolheste para assinar os teus livros, embora Basílio Santana, convenhamos, seja um nome mais bonito, mais comercial, até, tenho de o conhecer, a esse Basílio Santana que assina o meu livro e que é vá, admite, é aquele que tem a tua alma, que vive a tua vida e escreve os teus livros.

Sim, esta é a primeira ideia apaziguadora que me ocorreu em toda a noite, tenho que me organizar para pensar nisto com calma, o Basílio Santana tem a minha alma, é disto que o livro trata e está a acontecer na vida real, é claro que não falei disto, iam crucificar-me de troça, mas foi o que ficou a martelar-me na cabeça, ele algum dia havia de aparecer, e vai ficar atónito quando souber que um outro sujeito escreveu o livro dele como ele escreveu o de outro sujeito, como irá lidar com isto, com espanto, com aceitação, com repúdio, mas agora é fácil conhecê-lo, vai ser bom conhecê-lo, vai ser são quase sete da manhã, abraço-me ao Hugo que começa a mexer-se, a ver as horas no relógio luminoso, a decidir que vale a pena dormir até às tantas, a enrolar-se de novo, e eu nele, e adormeço.

No dia seguinte não se falava de outra coisa. Eu a dar o pequeno-almoço à avó e o telefone a tocar o tempo todo. Já traziam ideias novas, cada um a sua, desde os que queriam dar um enxerto de porrada no Basílio Santana, processá-lo, interditar o livro, levar a tribunal a minha editora, a do outro, as duas, mas eu, tudo o que queria era conhecer o Basílio Santana, tentar perceber aquele mistério, tentar acalmar um pouco a minha inquietação ou a minha loucura.

Fomos em primeiro lugar à ERA, e percebemos que eles estavam desesperados e pretendiam processar a outra editora, mas estes, por seu lado, declararam que tinham publicado, vindo de Espanha, um original que tinha como único remetente Basílio Santana, Madrid, Espanha. Ao lê-lo atentamente haviam-no considerado de muita qualidade e decidiram publicá-lo, na esperança de que o autor viesse procurá-los para elaborarem o contrato. Não estava registado na Sociedade Portuguesa de Autores, por isso nem sabiam com quem fazer as contas quando o momento chegasse. Um verdadeiro mistério.

O livro estava nas livrarias há duas semanas e vendia-se como pãozinhos quentes.

Eu ria-me. O meu livro vendia-se como pãozinhos quentes! As pessoas gostavam da história, do estilo, da estrutura. Não desejava ir a tribunal porque teria de mencionar uma situação esotérica, que só eu compreendia: a minha teoria das almas trocadas era inaceitável em qualquer julgamento.

Então a Sara teve uma ideia.

— Tens o livro registado na Propriedade Literária?.

— Tenho. Título e as primeiras quinze páginas.

— Muito bem. Vais à tal Rasgo com uma cópia e apresentas-te como autor, dizendo que Basílio Santana é o teu pseudónimo. Fazes o contrato e recebes tu os direitos. Acho que isto é inatacável.

O Hugo não conseguiu encontrar defeito jurídico nesta solução. Eu gostei. Acreditava que o Basílio Santana havia de aparecer quando se constasse que um tal Teófilo Ferreira se assumia como autor do seu livro. Não deixaria de vir reclamar e, aí sim, estariam abertas as hostilidades.

A ERA, na pessoa do Rodrigo Amaral, arrepelava os poucos cabelos por não me ter dado uma resposta imediata: o meu original continuava debaixo de um monte de propostas e era como se nunca lhe tivesse passado pelas mãos.

Dado que a primeira visita à Rasgo fora feita por um colega do Hugo, desta vez o Hugo e eu apresentámo-nos, expliquei que ele era o meu advogado, para qualquer pormenor do contrato, e tudo correu na perfeição.

Mas permanecia o mistério. Quem, como, porquê teria escrito o meu livro? A tese geral era a de que alguém o roubou da ERA, mas o pobre do Rodrigo Amaral, de quem comecei a ficar com pena, garantia que isso era completamente impossível. Tanto a cópia impressa como a disquete ficavam sempre fechadas à chave no seu gabinete e a entrega não tinha sido feita por computador.

Eu pouca atenção dava a estes argumentos porque a minha teoria era outra e pouco me importava com o livro mas com o seu segundo autor, dono da minha verdadeira alma, senhor dos meus sentimentos mais profundos, quiçá sonhador dos meus sonhos.

Isto deixava-me sem ânimo para o lado prático da questão, que entreguei ao Hugo e decidi ir passar o que restava das férias da Páscoa a casa da avó Jacinta. A Estrela confiou-me a Clara e a Guidinha e lá fomos os três, para grande alegria das duas senhoras que nos esperavam para nos entupir de mimos, açordas e bolos de mel.

Que lindas meninas que elas são, disse o Tinito. Vou trazer os meus filhos para brincar com elas.

Não tragas, disse eu. Elas brincam uma com a outra.

O patrão lá sabe, disse ele com aquele sorriso odioso e os olhos de lume enfiados nos meus olhos e as mãos a acariciar o próprio peito por dentro da camisa desabotoada.

Quer que lhe sele o Anjo, patrão? Vamos dar um passeio e as meninas ficam a brincar uma com a outra.

Vai à merda, disse eu. E voltei para casa a ouvir-lhe a gargalhada, com passos que tentei aparentar seguros, mas não eram.

Para as minhas sobrinhas foi a descoberta da vida no campo.

Levantavam-se de madrugada para ver nascer o sol, descobrir o canto de pássaros para elas raras, deslumbrar-se com as gotas de orvalho.

Meninas da cidade, tudo lhes parecia maravilhoso, desde o cheiro das ervas na horta, a salsa, os coentros, a hortelã, a sálvia, o funcho, o poejo, ao aroma paradisíaco das laranjeiras em flor, já com as laranjas verdes, pequeninas, a despontarem nos ramos.

Época de nascerem crias, viram a égua dar à luz o seu potro e a vaca o seu bezerro.

Provaram a fruta directamente da árvore e foram ao galinheiro apanhar, para o cestinho que a Maria lhes forneceu, os ovos quentinhos, que depois se orgulharam de comer em deliciosas omeletes de presunto cortado em minúsculos quadrinhos, tirado directamente da peça.

O cheiro do fumeiro foi outra novidade, a curar na adega entre bilhas de azeite, prateleiras de vinho e sacas de batatas. Uma mistura de humidade e presunto e cominho e queijo e tesouros e segredos de que a Maria era a vetusta guardiã. Desciam a escada na ponta dos pés e pediam a faquinha muito gasta e muito afiada da Maria, para cortar pelo cordel um chouriço que não fazia falta, uma fatia de queijo curado de que, de tão forte, não aguentavam o sabor.

Comíamos na casa de jantar (excepto lanches e pequenos-almoços que eram servidos na copa) e a avó Jacinta animava as refeições com as suas histórias, e a Maria pousava as travessas no aparador e, com as mãos na barriga por debaixo do avental, contava lendas ao jantar; algumas eram histórias de fantasmas e de bruxas, e as meninas ficavam de garfo no ar e deixavam arrefecer no prato as sopas da panela e as migas de bacalhau.

Era maravilhoso tê-las connosco. A avó Jacinta sempre tinha desejado uma neta, agora tinha duas que a cobriam de beijos e lhe traziam flores do campo que murchavam instantaneamente mas que ela punha em jarrinhas de barro com que enfeitava a cozinha, os malmequeres de olho amarelo, as pascoinhas, as quaresmas roxas, as violetas, as papoilas apanhadas entre o trigo (cuidado com os lacraus) e cravos, que eram os únicos que não secavam e que compunham o ramalhete com um toque de superioridade.

Gostavam de espreitar as rãs no tanque, no seu tapete de lismo, os olhinhos de fora, o coaxar constante, os saltos inesperados, as bolhinhas de ar.

E que dizer dos coelhos que de súbito, numa correria louca, se sumiam na toca, dos grilinhos nas suas luras, dos tordos nos seus ninhos. E à tarde, quando o crepúsculo pintava o céu de amarelos e dourados, a cantiga rouca dos ralos, incessante, como se fosse a própria voz do silêncio.

Foi bom ver duas crianças descobrirem uma realidade tão próxima e tão desconhecida.

O Tinito, com uma paciência infinita, ensinou-lhes o nome dos pássaros e das árvores, deu-lhes

noções de equitação, falou-lhes da natureza, dos animais e das plantas. Levou-as a passear no jipe até à aldeia, donde vieram com chapéus de palha e nacos de torrão de Alicante.

Elas garantem que aquelas foram as melhores férias da sua vida e prometem voltar. Eu aposto que nunca, na sua vida inteira, irão ter férias que se comparem com aquelas. Vão entender isso quando já não puderem voltar.

E que direi eu dessas férias inesquecíveis?

Sentimentos e recordações tão contraditórios, entre a preocupação com a minha alma trocada, a alegria das crianças e o olhar, cada vez mais insistente, do Tinito.

Foram passar a tarde no campo, com a avó Jacinta, a Maria e as cestas da merenda que devia incluir tudo o que é possível imaginar-se, já que saída das mãos, da fartura e do amor das duas mulheres.

Quando eu digo no campo refiro-me à margem do rio mais próximo de que a nossa charca é uma amostra, lugar fresco e arborizado, onde as flores abundam e os pássaros cantam. Na minha infância costumávamos ir ali fazer piqueniques, ao chamado Vale da Sapa, não que aquilo seja um vale propriamente dito, mas tem uma descida para o rio que termina num relvado plano, como uma sala de visitas, onde é agradável estender a toalha.

Resisti a toda a insistência para as acompanhar porque estava com dores de cabeça e queria dormir uma sesta. A palavra sesta é sagrada no Alentejo, por isso a avó explicou à Clara e à Margarida que deviam deixar-me descansar. Talvez um princípio de gripe, disse ela, e a Maria acrescentou, e o frescor do rio ia fazer-lhe mal.

— Nesse caso o Tinito guia o carro, decidiu a avó.

E foram, e deixaram a casa no maior sossego.

Subi para o meu quarto e deitei-me a ler em cima da cama.

Quando estava embrenhado na leitura bateram à porta do quarto. Pancadas leves, delicadas, e interroguei-me quem poderia estar batendo assim.

— Entre, disse um pouco a medo. Era o Tinito, que entrou e fechou a porta à chave.

— Mas?...

— Cala-te, patrão. Não digas nada se não queres ser violado à bruta. Pensas que podes andar todos os dias em cima de mim com esses cabrões desses olhos azuis?

Quando acabou de dizer estas palavras já estava nu, o seu esplendoroso corpo moreno já tinha avançado para cima do meu que tremia de urgência e que, sem resistir, se entregava, as roupas atiradas para o chão, os pés descalços a acariciá-lo.

Ia a dizer amo-te, mas ainda pensei que não devia pronunciar nenhuma palavra que me compromettesse para além das coisas do corpo, isso quando ainda estava lúcido, porque logo perdi a noção do conveniente, do tempo, do espaço e das palavras e cedo compreendi que amo-te é uma palavra bem pobre, bem pequena no incêndio devorador da paixão, e tudo deixou de ter importância nos braços daquele impetuoso, avassalador amante, doce nos gestos e brutal nas palavras.

Soube, sem dúvida nenhuma, que, desde os doze anos, estava apaixonado por aquele cigano maldito, por aqueles olhos, aqueles caracóis negros, aquelas mãos morenas, perfeitas, sensuais.

Há uma linha que divide o amor da paixão? Não sei. Só sei que lhe gritei uma vez e outra e outra vez, amo-te estúpido, amo-te animal, amo-te cabrão, filho da puta, cigano de merda, meu amor.

Já chega, disse ele entre beijos. Já chega, patrão. Vou tomar um duche no teu chuveiro e volto a buscar as senhoras.

Combinei às seis. Volta para o teu livro, se puderes.

Sarcástico, como sempre, seguro do seu domínio, do sorriso, os lábios cheios, os dentes perfeitos.

— Rastapartam anormal. Não vás ainda. Tens tempo.

Mas já ele se fechava na casa de banho a usar o meu gel, o meu champô, o meu desodorizante, o meu creme de corpo, a minha água-de-colónia italiana.

Se por um lado odiava este abuso de confiança, por outro adorava a ideia de encontrar na banheira, nas minhas coisas, nos meus lençóis, o seu inconfundível cheiro a feno.

Saiu cintilante do banho, nu como um deus, belo como uma estátua de Miguel Angelo e por um segundo pensei que ele era meu, que aquela maravilha era coisa minha e ele chegou-se a mim, ainda despido e mordeu-me a nádega com força, como se tivesse adivinhado o meu pensamento e me viesse colocar o seu ferro como costumava fazer aos cavalos. Pois claro. Eu é que era dele.

Foi-se embora como tinha chegado, sem beijos, sem carícias, sem despedidas. Só me olhou da porta, mordeu o beijo a sorrir, e saiu.

A ferida no meu rabo começava a sangrar.

Com medo de perder de todo a lucidez e começar a correr riscos, achei melhor voltar para Lisboa antes do final das férias. Mas as minhas meninas pediram tanto que ficámos mesmo até ao limite.

Ainda me encontrei com o Tinito na antiga estrebaria às seis da manhã, completamente subjugado, de cabeça perdida, naquela relação improvável e perigosa. Segundo ele, o risco de aparecer alguém acrescentava excitação aos nossos momentos de loucura, mas eu tinha medo. Comecei a fugir da possibilidade de o encontrar, o que era completamente inevitável. Desejava muito voltar para casa ao mesmo tempo que preferia não voltar nunca mais, mas foi um alívio quando abracei o Hugo, a Estrela, a Sara, como se se tratasse de outro mundo e tudo se tivesse passado num sonho que jamais contaria a alguém.

As coisas por cá iam bem encaminhadas. Todos os dias o Hugo me tinha dado notícias pelo telefone, mas lá, parecia-me uma coisa longínqua, que não me dissesse respeito.

O advogado do Basílio Santana procurou a editora e, embora o seu cliente desejasse permanecer incógnito, ele representá-lo-ia em tribunal. Era ele que me punha um processo por usurpação de identidade e direitos, o que era, aos olhos de todos, um absoluto disparate.

Eu concordei com tudo. Queria ver até que ponto podia existir alguém com a minha alma trocada, era isso que me empolgava, descobrir que partida o diabo me pregava.

Porque convenhamos que não é normal duas pessoas diferentes, que não se conhecem, escreverem o mesmo livro.

Iria confiante para o tribunal e entretanto, certo de que o julgamento havia de demorar, fui continuando a escrever o meu segundo livro. Tratava-se de uma história um pouco negra, policial, mas pontuada de amores ardentes, agora que tinha conhecido a paixão sem esse sentimento invasor da alma, o amor, que eu imaginava tão poderoso e envolvente, tão doce e sereno, tão alegre e cúmplice, e de que o desejo seria a consequência e não a causa, seria a nota de rodapé indispensável à compreensão de uma bela página de estilo.

Meti-me pelo livro adentro com estas teorias de principiante, e daqui resultou um romance um pouco tosco, mas inegavelmente bem escrito. Entre as aulas e a sua preparação, entre a correcção de testes e as reuniões de professores, consegui avançar bastante e depois vieram as férias de Verão, as benditas férias de Verão, em que pude terminá-lo.

As férias de Verão foram também as férias judiciais, portanto sabia que era preciso esperar. Surgiu-me a dúvida: deveria publicar este segundo livro sob o pseudónimo Basílio Santana, para manter o que tinha assegurado à editora?

Desta vez seria ele a ver o seu livro editado? Teria ele um segundo livro? Parecer-se-ia com o meu?

Não havia resposta para este mistério e decidi esperar pelo julgamento para publicar.

As férias foram passando entre idas à praia, curtas viagens pelo país, e as habilidades gastronómicas da Sara e do Hugo.

As miúdas, cada vez mais crescidas, assaltavam a nossa biblioteca e acompanhavam-me à herdade da avó Jacinta uma vez por outra.

Porque há que confessar que ia lá cada vez com maior frequência e levantar-me às cinco da manhã passou a ser quase um hábito e entregar-me irresistivelmente ao meu lado negro uma necessidade.

A Estrela e a Sara foram passar um mês ao Norte com as crianças e eu passei a ir ainda mais vezes ao Alentejo.

— Não me queres levar?, disse o Hugo uma vez e eu tive a certeza absoluta de que ele sabia.

— Acho que te ias aborrecer de morte. Não há nada para fazer e está um calor de rachar.

Mas se quiseses vir...

— Tu, pelos vistos, encontras o que fazer.

— Ó Hugo! É uma questão afectiva. A minha avó e a Maria estão sempre ansiosas por me ver. E não penses que naquele lugar pré-histórico podes dormir no meu quarto. Mas é lá contigo. Se quiseses, vem.

— Dá para perceber que estás ansioso por levar-me. Esquece.

— Ó Hugo, não fiques amuado! Se te apetece, anda lá.

— Não, obrigado.

Não foi. Mas o Hugo é tão boa pessoa que conseguiu ajudar-me a fazer a mala com alegria e dar-me um beijo de grande ternura à despedida.

Porque sou um terrível supersticioso, convenci-me de que dessa vez alguma coisa havia de correr mal. Ignorei o Tinito o tempo todo, os seus olhos, negros de censura, as suas palavras, ásperas de despeito.

Num dia em que não resisti a passar pela cavaleriça durante a tarde, perguntou-me: — Ainda tens a marca?

— Qual marca?

— A marca que eu te fiz. Não finjas.

— Acho que não. Mas não passo a vida a olhar para lá, como deves calcular.

— Pois, calculo.

Chegaram dois trabalhadores e ele prosseguiu: — Não, senhorito Teófilo, não lhe dou o Anjo porque ele está a modos constipado, isto é uma égua que anda aí a arremelgar-lhe o olho e ele anda-se a despir fora de horas...

Os homens riram como se aquela fosse a melhor piada do século.

A marca. Claro que tinha a marca. Sentia-a na carne o tempo todo, a tomar conta de mim, a incendiar-me, a obrigar-me a masturbar pensando nele, nos olhos, nas mãos, na boca, no sexo, nos músculos talhados pelo cinzel de um mestre.

Que marca é essa, tinha perguntado o Hugo.

Um cão, imagina. Um cão vadio que apareceu por ali. Fui fazer-lhe uma festa e ele rosou-me. Quando me virei apanhou-me por trás. Deu cabo dos meus jeans, sabes, aqueles clarinhos.

Tinha deixado os jeans na herdade, à espera desta inevitável pergunta do Hugo. Percebi que estava a tornar-me num mentiroso premeditado, num filho da mãe de um traidor. O cobardolas de sempre.

Decidi não voltar durante muito tempo. Mas o destino pouco liga às nossas decisões.

Havia de encarregar-se de me fazer, querendo ou não, cumprir a minha.

Mas enquanto o destino não cumpria os seus ditames, fazendo-se distraído, a vida corria mais ou menos serena.

Convocaram-nos para uma sessão com o juiz. Estava estupefacto com a nossa história e, numa sentença salo-mónica, decidiu que tínhamos de apresentar um novo livro daí a seis meses. O advogado da outra parte refilou com o prazo. Mas o juiz disse que tinha mandado ler a especialistas o livro ou livros em causa. Eles concluíram que os livros eram efectivamente iguais (o dele editado, o meu original) e que num segundo livro poderiam detectar o estilo de um ou de outro, concluindo assim qual o verdadeiro e qual o falso.

Eu concordei imediatamente (dado que já tinha o livro escrito) e fiquei satisfeito com a decisão do juiz. Tratar-se-ia depois da queixa em causa, relativa à usurpação de pseudónimo, pormenor que o juiz considerou de somenos importância.

Ainda tentei explicar que, para mim, não se tratava de roubo puro e simples, mas de um estranho fenómeno de transmissão de pensamento. A minha tese, porém, foi ignorada, com um olhar um pouco apreensivo por parte do juiz, que nos desejou boa sorte e esperou que nos encontrássemos daí a seis meses com dois novos originais ainda que incompletos, mas com, pelo menos, cem páginas.

Saí do tribunal muito alegre, alguma coisa me dizia que a inesperada solução do juiz resolveria tudo, e, já que tínhamos perdido a tarde, propus ao Hugo uma ida ao cinema e sentime transportado ao nosso tempo de namorados (quando eu nunca mais me resolvia a perder a virgindade), a ver o filme de mãos dadas, cheios de ternura no coração.

Por associação de ideias e recuo no tempo, senti uma pequena saudade da minha mãe e resolvi telefonar-lhe Mãe?

Um profundo silêncio do outro lado. Mãe? Não quer falar comigo? Pensei que talvez pudéssemos tomar um chá. Assim, só para conversar um bocado.

Teozinho? Lembrou-se que tem mãe? Que extraordinário!

Bom, mãe. Se me vai chatear desligo já o telefone. Não, não, não desligue. Um chá, diz o menino? E quando seria isso? O seu pai não pode saber.

Eu percebo, mãe. Podíamos ir até Cascais. A mãe tem amigas em Cascais.

O seu pai tem que ir a Barcelona na próxima semana. Fica lá uns dias. Por isso, se o menino quiser... Diga lá o dia que lhe dá jeito.

Quinta-feira, que não tenho aulas à tarde. Às quatro e meia naquela pastelaria em que, lembra-se?, costumávamos Sei perfeitamente. Então até lá.

E desligou.

Arrependi-me no mesmo instante. Vai ser uma tragédia. Vai haver choradeira, recriminações, ares de vítima entre cada scone. Mas agora já está. Apesar de tudo vou gostar de a ver. Suponho.

O que eu não supunha era o que de facto se passou.

Ela apareceu, evidentemente, acompanhada da Raquel.

Apeteceu-me morrer. Era a última pessoa deste mundo que eu queria encontrar. Mas também, que ingenuidade a minha! Como é que eu pude, na minha inocência, imaginar que viria sem ela, sem o conforto do carro dela, sem as perguntas armadilhadas dela, sem os falsos cuidados dela.

Fiquei logo maldisposto.

Estás óptimo, disse a Raquel, que ia ser a intérprete dos silêncios da minha mãe.

É como vês. E a mãe?

Está boazinha, apesar dos problemas do coração.

A mãe perdeu a língua? Precisa deste papagaio electrónico?

A Raquel tem sido o meu amparo. Não seja ingrato com ela. Faz aquilo que o menino devia fazer.

Raquel baixou modestamente os olhos sobre a sua roupa Armani e eu percebi que o que realça a beleza também realça a fealdade. Estava cada vez mais feia. A pele sem brilho, com borbulhas extintas no queixo, o buço por tirar, as sobrancelhas alçadas em arco como eu não me lembrava de lhe ver.

Um horror. Tive-lhe ódio, porque pensava ter uma conversa minimamente franca com a minha mãe e assim era impossível.

Vendeste a casa de Lisboa?, perguntou ela? É a tua mãe que quer saber, porque a mim tanto me faz.

Quer mesmo saber, mãe?

Gostava de saber onde é que o menino vive. Assim, talvez um dia possa ir visitá-lo.

Um dia é quando o pai morrer?

Não seja desagradável.

Lá por isso eu dou-lhe a minha morada. Mas não quero a Raquel lá metida, ouviu?

Ouviste, Raquel? Estás proibida de me visitar.

Estou-me cagando para a tua nova vida. Desculpe, mãe.

É uma vida bem agradável, fica sabendo. Tenho umas amigas sensacionais, mãe e filha, com duas miúdas que me fazem as vezes de sobrinhas.

Devem ser todas umas depravadas, mas é disso que o menino gosta. Isso já sabemos.

Ó mãe, que injustiça! Eu percebo que a mãe lamente não poder ter netos, mas a Raquelinha está muito a tempo de lhos dar. Não é, Raquel?

Apeteceu-me acrescentar gira como tu és mas contive-me.

A minha mãe tirou da carteira o inefável lençinho e limpou as lágrimas que agora já não segurava nas pestanas.

Sentime mal. Percebi o erro de tudo aquilo. Dei-lhe um cartão com a minha morada e decidi ir-me embora.

Queria estar a sós consigo, mas já vejo que é impossível. Tomam mais alguma coisa?

Chá, torradas, scones, compota, manteiga? Não? Eu vou andando, desculpem.

Beijei a minha mãe na testa, paguei, e saí furioso. Que triste ideia. Fui acordar uma cena adormecida, arranjar remorsos por ter sido detestável.

Quando desabafei com o Hugo, a Sara e a Estrela depois de um jantar sossegado em que me perguntaram o que é que eu tinha, ficaram em silêncio, sem nenhum comentário.

Depois a Sara levantou-se para me abraçar e eu chorei nos braços dela como um náufrago que chega a bom porto, a pensar que aquela era a mãe que eu queria ter tido.

Calorosa, alegre, de coração aberto, culta e divertida.

Amo-te, Sara, disse eu, já sem medo de parecer ridículo. Todos perceberam que nestas palavras foi toda a minha mensagem de transferência e fiquei bem.

Podia mesmo ter acrescentado oxálida, phisalis, miligrã Mas não quis exagerar.

Enquanto não chegava a data de entregar o segundo livro ao juiz, a vida foi decorrendo com normalidade. As minhas aulas, o escritório do Hugo, as opiniões dos que achavam impossível que qualquer juiz deste mundo e os seus peritos de leitura encontrassem semelhanças de estilo suficientes para aproximarem um ou outro dos novos livros ao primeiro. Mas eu, como escritor que já começava a considerar-me, achava isso muito fácil, assim os leitores tivessem um mínimo de sensibilidade. A angústia, porém, permanecia.

Pouco antes das férias de Natal a avó Jacinta fez-me um telefonema redentor: queria-nos a todos a passar o Natal no monte, incluindo a Estrela, a Sara e as pequeninas. E o Hugo, claro. Sem ele eu não teria ido, já que os pais dele continuavam no Japão.

A casa cheirava a carqueja a arder na lareira e o frio seco, cá fora, pedia luvas e carapuços. Os cães vieram saudar-nos e o Tinito apresentou-se para resguardar o automóvel da geada. Consegui não olhar para ele, mas sem exagerar, porque sabia que o Hugo trazia as antenas ligadas.

Lá dentro havia um conforto especial, um toque de ancestralidade rústica, um calor abençoado, um cheiro a canela. A Maria cobriu-me de beijos e às suas ricas meninas, que se penduraram no pescoço dela e lhe apresentaram a mãe e a avó Sara. Depois foi a minha vez, que lhe levei o Hugo, já consolado do abraço da avó Jacinta, e lhe disse, trata-o bem, Maria, que é um grande, grande amigo meu.

— Ai, Teozinho! E eu lá haverá de tratar mal alguém, ainda mais amigo do menino!

Venha de lá um beijinho, que eu cheiro um bocadinho a fritos, mas é por bem. Estou a amanhar os sonhos para a sobremesa.

O Hugo, educadíssimo, beijou-a nas duas bochechas e disse-lhe que achava aquele perfume delicioso, o que provocou a célebre gargalhada da Maria, que fugiu para a cozinha, entre deliciada e, como ela diz, avergonhada.

Depois houve a distribuição dos quartos e a avó Jacinta, diplomaticamente, perguntou ao Hugo se não se importava de partilhar o meu quarto, porque não tinha acomodações para todos. A Sara e a Estrela iriam partilhar o quarto dos gansos e as meninas o quarto que já consideravam delas.

O quarto dos gansos tomava este título de dois gansos de barro pintado, obra-prima da arte popular, que o meu avô trouxera em tempos de uma feira de artesanato.

Toda a gente se acomodou, entre gargalhadas e brincadeiras, o Hugo, silencioso, sorria e agradecia, tomámos um duche que quase acabava mal, e descemos para jantar.

Como sempre, a avó Jacinta e a Maria não se tinham poupado a esforços para fazer daquele jantar uma festa de boas-vindas: camarões com cogumelos ao alho para entrada, perdizes estufadas com batatinhas ao alecrim para prato principal, arroz de coelho para o caso de alguém não gostar de perdiz, e sonhos em calda para a sobremesa, já a dar um antegosto do Natal.

A Sara declarou que, se a Maria lhe desse licença, havia de ir para a cozinha tentar aprender aquelas maravilhas, pois até o arroz alternativo se comeu entre exclamações e elogios.

O vinho tinha sido escolhido pela avó, que se deslocara pessoalmente à adega para lhe tirar o pó e conferir a data. O Hugo, que nunca diz nada, gabou o ano, a casta, o aprés-gout.

No dia seguinte começou a alegre exploração de toda a herdade: passeios a pé, passeios a cavalo, a indispensável escolha do pinheiro para fazer a árvore de Natal.

As miúdas encarregaram-se disso sob a tutela do Tinito, que evitou que elas trouxessem para dentro de casa um pinheiro gigante que parecia pequeno na natureza. Ficaram abismadas quando o que o Tinito as convenceu a trazer e que elas achavam minúsculo encheu praticamente o átrio e levou dois dias a enfeitar.

Essa foi também uma tarefa delas com a nossa ajuda, Hugo, eu, Estrela e Tinito, que soube, evidentemente, roçar as mãos pelas minhas e dizer, desculpe patrãozinho, eu ia pendurar esta estrela ali, não acha que fica bem?

O presépio foi o pelouro da avó Jacinta e da Clarinha que se encantou com ele, uma imitação de Machado de Castro que já vinha da minha infância e para o qual foi preciso ir lá fora buscar musgo com uma grande pá, para que viesse direitinho e pudesse ser o chão dos pastorinhos, do boi e da vaquinha, dos Reis Magos e dos seus camelos. Para não falar da Virgem e do Menino, e de São José vigilante, porque o Anjo, esse, erguia-se sobre o telhado de colmo da cabana, a guardar todos e a proteger-nos a nós sob as suas grandes asas.

O cheiro a açúcar e canela persistia na casa toda, porque todos os dias surgiam, alternadamente, rabanadas, filhós, azevias, sonhos, nozes carameladas, como uma amostra do que iria ser a noite de Natal.

Houve ainda a corrida às compras de última hora, a Sara, a Estrela e o Hugo a caminho da vila próxima com o Tinito a servir de guia, deixavam-me as crianças e desapareciam tardes inteiras, mas não falhavam o jantar, evidentemente, porque vinham esfomeados, esfalfados, com montanhas de embrulhos que era suposto fazer entrar às escondidas, e tudo era motivo de risota, de alegria, de boa disposição.

Na véspera de Natal a Estrela, a Sara e o Hugo foram no meu carro buscar umas tantas caixas de vinho que tinham descoberto por tuta e meia embora, segundo o Hugo, fosse de uma qualidade extraordinária, para oferecer à avó Jacinta.

Foi então que o Tinito, a pretexto de me pedir ajuda nos embrulhos dos presentes para os filhos, subiu ao meu quarto e me apertou nos braços e me beijou como louco, boas-festas, patrãozinho, já não aguento mais, um beijo ao menos, vai-te embora, estúpido, não vês que e ouvimos o carro e ficámos assim mesmo, desesperados, famintos, a tremer de desejo e ele saiu e eu fiquei agarrado aos papéis de embrulho, aos presentinhos modestos que ele tinha para os filhos, um carrinho para o mais novo, um canivete para o mais velho, uns brincos de pechisbeque para a menina linda, e pus-me a chorar e a dizer o estúpido sou eu, e decidi ir à cidade comprar coisas para aquelas crianças, o que fiz à tarde com o

coração sobressaltado.

Comprei um vestido para a menina linda (que, descobri depois, se chama Jacinta e é afilhada da minha avó), um telemóvel para o mais novo e um computador para o mais velho, que sabia ser o sonho dele. Um exagero? De acordo. Mas algum dia a paixão teve limites?

Cheguei a casa tarde e só tive tempo de subir para embrulhar os presentinhos dele que tinham ficado em cima da minha cama e pôr tudo, devidamente embrulhado, na copa para que a Maria lhe entregasse.

Reparo que já lhe tirei o nome, digo ele, tenho que travar esta lava incandescente, esquecer tudo, dedicar-me agora à avó, ao Hugo, às minhas amigas, às minhas sobrinhas queridas e viver o Natal.

Quando descí, tinha-se dado o milagre. À roda da árvore os presentes subiam em montanha, alastravam como uma onda e ainda faltavam os meus.

Subi de novo para ir buscá-los e perguntei.

— Então não é o Menino Jesus que traz os presentes? ao que a Guidinha, esportíssima, respondeu: — É, sim, tio. É o Menino Jesus que está dentro do nosso coração que nos manda comprar os presentes para as pessoas de quem gostamos. A mim mandou-me comprar um para o tio. Só duvido que, quando for meia-noite, o tio o consiga encontrar debaixo desta montanha de embrulhos...

Tinha havido um lanche especial, porque o jantar barra ceia, como a avó lhe chamava, tinha que ser servido às dez e meia da noite. E assim, à meia-noite em ponto poder-se-iam desembulhar os presentes. Tudo previsto. Eu não estava em casa por isso queixei-me à Maria que estava cheio de fome. Ela trouxe-me uma azevia, que é um delicioso pastel com recheio de doce de grão, que me deixou alimentado para várias horas.

E por fim o jantar barra ceia: A canja de peru, os filetes de polvo com legumes; o peru, o cabrito, o lombo de porco, o arroz de forno, as batatas, a salada de agrião; os pratinhos com queijo, com presunto, com paio, e por fim doces. Todos os doces que já tínhamos provado e mais o manjar de príncipe, a barriga-de-freira, as pastilhas de Londres, os papos-de-anjo, a sericaia, os nogados. E tigelas com bagos de romã. Miligrã, pois claro.

A Sara estava orgulhosa porque tinha ajudado a Maria naquele banquete. Levou beijos lambuzados de toda a gente, para não falar da Maria que comeu à mesa, e todos ajudámos a servir, para que ela descansasse. Ela e a avó Jacinta ficaram proibidas de se levantar e, com a batuta da Sara, trouxemos tudo direitinho e nunca houve jantar mais maravilhoso, com tanta energia positiva por metro quadrado, disse a Sara, com tanto amor, disse o Hugo.

A Maria não passa o Natal com os filhos dela, perguntou a Guida.

A Maria não tem filhos, respondeu a própria Maria. E o melhor que me podia acontecer é isto mesmo. Passar o Natal aqui com os senhores e as meninas que são a minha família.

— Posso tratar por tia Maria?

— Pode; disse a Estrela.

— E posso levantar-me da mesa um minutinho, avó Jacinta?

— Pode, querida.

E a Guidinha levantou-se e foi dar um beijo à Maria e dizer-lhe, de agora em diante és minha tia.

E a Maria, já se sabe, em lágrimas, a torcer o lençinho com um M no canto, a rir e a chorar como uma tolinha, e a dizer, Olha lá agora a tonta da velha, para o que lhe haverá de dar...

Estou aqui a pensar, disse a avó, que se desembulhássemos os presentes um bocadinho mais cedo podíamos ir à Missa do Galo na aldeia. O que é que acham?

Grande entusiasmo das miúdas. Para aquelas duas tudo é festa e a ideia de verem os presentes logo a seguir à ceia fê-las ficar numa excitação.

A árvore acesa e um mar de papéis a cobrir todo o átrio, as exclamações, os beijos, a mão quente do Hugo na minha, como quem não quer a coisa, e logo os gorros e as luvas de lã e os agasalhos mais quentes, e a avó a recomendar, quando o padre der o Menino a beijar vocês não ponham a boca, porque

aquilo é um monte de bactérias e logo a Sara, muito esotérica, eu acho que por milagre o Menino Jesus não deixa que se apanhe doença nenhuma, então o que é que fazemos? e a Estrela, façam assim de levezinho, enquanto nós rezamos para que não apanhem nada de mau, e a Maria explicou que o sacristão iria estar a postos com um pacote de algodão e um frasco de álcool com que, de três em três beijos, desinfetaria a imagem do Menino. Isto porque o médico obrigou, pois não passa na cabeça de ninguém que Jesus pudesse ser a causa de alguma doença, logo no dia do seu aniversário.

Bem dito, Maria, disse o Hugo. Vamos todos beijar o Menino e já estávamos a chegar à Igreja, cheia até à porta e muito bem enfeitada pelas beatas da aldeia.

Como o padre estava um pouco atrasado, devia estar lá dentro a terminar o seu Porto festivo enquanto o sacristão o ataviava no paramento branco, as mulheres entretinham-se a cantar num tom altíssimo, as vizinhas esganiçadas postas nas cabeças, entrai pastores entrai, por esse portal adentro, vinde ver o Deus menino, abrigadinho do vento.

Entrai pastores entrai, por esse portal sagrado, vinde ver o Deus menino, numas palhinhas dêtado.

As nossas meninas urbanas, habituadas a ouvir em casa cantos gregorianos, continham a custo um ataque de riso, mas a Sara ralhou. Explicou-lhes que há mais mundos sem ser o delas e que, quem não está disposto a aprender isto, vai ser obtuso a vida inteira, e as velhas a tapar o ralhete, entrai pastores entrai... o Menino está dormindo...

Havia um cheiro a lume de carqueja e a fumeiro, misturado com o incenso do altar, que se soltava do gesto recorrente das mulheres a ajeitarem o xaile e o padre entrou e acabou por nos encantar com uma homilia excepcionalmente bem escrita, é certo que parafraseou Vieira, mas as suas palavras foram inteligentes, claras e musicais.

Caiu por terra a teoria da Estrela que costumava dizer que desde muito cedo a mãe a habituou a ir ao teatro, e sendo inevitável a comparação, não gosta de ir à missa porque a luz é má, a música é triste e o texto é pobre.

No dia seguinte o Tinito veio de manhã com a família dar as boas-festas e agradecer os presentes, meus, da Maria e da avó Jacinta. A mulher era uma linda rapariga, provinciana mas não saloia, os filhos todos engraxados para a ocasião, a miúda, com o vestido que eu lhe mandara, de uma beleza assustadora, igual ao pai, que podia, por si só, ser a protagonista do meu próximo romance. As nossas miúdas propuseram ir brincar com eles lá para fora, mas o Tinito não deixou, foi insolente, disse, o patrãozinho não gosta de misturas é melhor a menina Guidinha e a menina Clarinha brincarem uma com a outra.

Disse isto a sorrir e a morder o beijo, o suficiente para me apetecer matá-lo, o Hugo olhou para mim mas eu já estava a pedir à Maria que me trouxesse um café.

Trazia presentes: panos de tabuleiro bordados a ponto-de-cruz pela mulher, para as senhoras, canetas para mim e para o Hugo, chocolates para as meninas.

Ouviu os protestos de toda a gente, Tinito, não devias, era o que faltava, foste gastar dinheiro.

Não faz mal, Madrinha. Não foi a Madrinha que me ensinou que tudo o que a gente dá recebe em dobro? Embora às vezes pareça que não, acrescentou. O que é preciso é fé, não foi o que disse ontem o padre?

Eu estava a ficar incomodado com aquela conversa que era obviamente para mim, enquanto a Estrela e a Sara discutiam o ponto-de-cruz com a mulher dele e as nossas miúdas já tinham monopolizado a bela Jacintinha, que aparentava dez, onze anos, para lhe mostrar os presentes da véspera e brincar com ela. Os rapazes mantinham-se à porta, encostados um ao outro, pouco à vontade nas suas roupas domingueiras. Pareciam-se com a mãe e eram bonitinhos, mas faltava-lhes aquela irradiação solar do pai e da irmã.

Eu só queria que ele se fosse embora e lia nas suas palavras mais inocentes que devia encontrar-me com ele na estrebaria velha às cinco da manhã, noite fechada, para um único beijo, para um último beijo, e matar esta sede desesperada, esta vontade de lhe bater, este desprezo, esta fome de mim só saciável nos braços dele. Não fui. E em vez de ficar feliz por ter tido a força de vontade suficiente para vencer a besta

em mim, fiquei furioso, maldispuesto, a querer voltar para Lisboa quanto antes.

A avó, como sempre, achou que eu estava doente.

Ele tem o estômago fraco, disse ela. Não aguenta tanta comedoria.

E eu meti-me no quarto, a pensar como é possível coabitarem na mesma alma, tanto encantamento e bondade para com os meus próximos, tanta doçura para um Natal em família e ao mesmo tempo tanta hipocrisia, tanta traição, tanta maldade. Este sou eu?

Ou seremos todos?

A minha cortina de renda falava-me de mistérios indecifráveis da alma e do corpo, e à beira do choro adormeci.

Quando chegámos tive a surpresa de encontrar um grande saco de loja cara, com um laço de cetim e um cartão que dizia para o meu querido Téo, meu amigo e meu irmão, com as boas-festas da Raquel.

Desci as escadas e perguntei ao porteiro como fora aquilo ali parar e ele, um pouco assustado com a minha fúria, explicou, a mana do senhor doutor veio e pediu a chave para lhe fazer uma surpresa. Trazia uma prenda e queria ser ela a colocá-la lá em cima.

Eu estava aflito para ir à farmácia, tinha o meu filho doente, que até depois foi para o hospital de Cascais, pensaram que era uma meningite, veja lá o senhor doutor, e não acompanhei a mana lá acima, sendo sua irmã e tudo.

Ela demorou muito?

Quando cheguei da farmácia já estava a chave aqui no gancho e guardei-a, o senhor doutor desculpe, mas o menino com aquela febre Está bem, Albino, está bem. E o seu filho? Melhorou?

Graças a Deus, senhor doutor. Não era meningite. Aquilo foi sol que ele apanhou na cabeça, naqueles dias bonitos na brincadeira com os putos, o senhor doutor costuma ouvi-los a jogar à bola. Já está bom e muito obrigado e o senhor doutor desculpe, sim? Como era a mana...

Senhor Albino fique sabendo que essa senhora não é minha irmã e que eu não a quero cá em casa. Não dá a minha chave a ninguém nem leva ninguém lá acima seja para o que for. Não na minha ausência, entendido?

Pois. Como era a mana...

Fui para cima a achar a minha fúria um pouco desproporcionada. Afinal de contas aquele presente da Raquel, um óptimo presente como não podia deixar de ser, era um aceno de bandeira branca, a coitada adoraria dar-se connosco e esta era apenas uma tentativa de aproximação. Só que, em vez de deixar o presente ao porteiro e desaparecer, teve que vir meter o nariz em tudo, coscuvilhar ao pormenor a casa, pressentir os hábitos, adivinhar os costumes, avaliar as despesas, para ir meter tudo no bico da minha mãe e com que alegria o deve ter feito.

Odeio ter a casa contaminada por aquela presença e só mesmo o Hugo, com a sua calma, para me convencer a esquecer o incidente e a usar a camisola caríssima sem fazer associações de ideias.

Fica a matar com os teus olhos azuis. És tão bonito, Téo! E ela, evidentemente, também acha...

Abraçou-me, e, como sempre, eu sentime bem naquele abraço protector que, acima de tudo, me protege de mim.

Recomeçaram as aulas e outras preocupações sobrevieram. Soube-me bem reencontrar a rotina, os alunos, os testes, os fins-de-semana com os amigos, as lições de francês às nossas meninas, os cozinhados do Hugo e da Sara, a energia bem-disposta da Estrela, os teatros, os cinemas, os concertos, os almoços à beira-mar.

Uns dias antes do final do prazo para entrega ao juiz do segundo original, acordei nervoso, dividido entre a angústia e a excitação e foi preciso o Hugo acalmar-me, dizer que ninguém lhe tirava da cabeça que tinha havido extravio da Editora Rodrigo Amaral, e que isso desta vez não podia acontecer. Donde, ou o outro não entregava ou qualquer perito poderia verificar que o meu texto se assemelhava mais ao

meu texto do que um texto completamente diferente. O estilo literário, a partir de um certo grau de qualidade, é quase uma impressão digital.

Enchi-me de coragem e fui entregar o novo livro. Não resisti a perguntar ao oficial de justiça se a parte contrária já tinha entregue o dele. O homem olhou-me com um desprezo olímpico (qualquer um que se aproxime dos tribunais é, seguramente, um infractor) e ignorou-me em absoluto. Via-se que não estava disposto a falar com delinquentes, a não ser no estrito cumprimento do seu dever. E mesmo assim, com arrogância e má vontade.

O Hugo, a Estrela e a Sara tentaram fazer-me esquecer um pouco o assunto que não me saía da cabeça, distraíram-me de todas as maneiras possíveis e até as pequenas me pediram para levá-las ao cinema, o que foi uma boa ideia, pois nunca imaginei que houvesse filmes infantis tão maravilhosos e cheios de ensinamentos, até para um velho pecador como eu.

Depois, aos poucos, fui esquecendo aquela angústia. Havia que dar tempo aos analistas literários para fazer as respectivas leituras. Porém, muito antes do que prevíamos, recebi a citação para me apresentar perante o juiz.

Começou por dizer que me atribuía o direito de utilizar o pseudónimo Basílio Santana visto o outro escritor não dar a cara e eu ter o meu primeiro romance registado na Propriedade Literária. Depois fez-nos uma advertência séria e disse que esperava que não estivéssemos a brincar com a justiça: os segundos romances eram absolutamente iguais um ao outro.

Sentime mal e desmaiei. Foi preciso chamar o 112 e só me lembro de acordar no hospital e achar que tinha sido tudo um sonho.

Foi já em casa, em conselho de família, que tentámos analisar o assunto. Eu, é claro, defendi como nunca a tese das almas trocadas.

Não estava feliz. Alguma coisa me angustiava. Talvez pensar que o outro dono da minha alma, que eu tanto queria conhecer, não queria conhecer-me. Talvez pensar que, embora escrevêssemos os mesmos livros, ele se considerava o dono das palavras e a mim o ladrão delas.

Queria tanto saber se, desde criança, ele tinha sentido este rasgão no peito, esta saudade de si, e se se achava, como eu, impreparado para se receber...

A nossa vitória judicial, visto que ficou decidido que eu era o autor dos livros e ele o plagiador, foi motivo de festa lá em casa. O Hugo chamou todos os amigos, as nossas queridas vizinhas vestiram as roupinhas de gala, e até as crianças, porque era sábado, vieram dar vivas ao tio Téo, o maior escritor da actualidade, era assim que dizia o cartaz que elas próprias pintaram.

O Zé Luís trouxe um vinho extraordinário que conseguiu, aos poucos, ir esculpindo um sorriso na minha cara, ouviu-se repetidamente a frase tudo está bem quando acaba bem, e eu guardei para mim a certeza de que não é assim, nada é tão linear, é tudo muito mais complexo do que isso, ou sou eu que sou complicado por natureza, ou sou eu que mais um copo, Téo mais uma colher de doce, Teó mais um beijo, Téo e eu sim, sim, sim (és burro, Téo. Devias estar feliz. Com estes amigos, esta vitória ou seja lá o que isto for, com o caminho aberto para escreveres mais romances, com a publicação do segundo garantida, com este vinho, com esta comida, com) e a minha alma, que se organiza por camadas, relegou lá para o fundo as inquietações e deleitou-se com o imediato e deu graças a Deus por, apesar de tudo, ainda ter essa capacidade.

Nessa noite, durante a insónia, já esperada, que inevitavelmente me atacou, veio-me à memória, entre sonho e recordação, uma história que a avó Jacinta me contava em criança.

Havia duas mulheres cujos destinos eram, à partida, diferentes. Porque uma era linda e estúpida e a outra feia e inteligente. Eram amigas, porque a feia admirava a beleza da burra e a bonita se deslumbrava com a inteligência da feia. Tinham longas conversas sobre as suas diferentes situações, mas admitiam que as suas distintas características lhes tinham proporcionado boas vidas, bons maridos e bons trabalhos. Vidas diferentes, maridos diferentes e trabalhos diferentes, é certo, mas que extraordinárias seriam se a

bonita fosse também inteligente e a inteligente pudesse ser bonita!

Falavam muito sobre isto e pensaram que talvez fosse possível uma troca. Dormiam muitas vezes juntas, abraçadas e com as cabeças encostadas, esperando que, por osmose, a burra ficasse mais inteligente e a feia ficasse mais bonita.

Mas não acontecia nada por mais que se esforçassem. A avó Jacinta não disse, mas eu acho que acabaram por se atrair mutuamente e levar mais longe a tentativa de osmose.

Mas disso não reza a história.

Havia naquela terra um feiticeiro que decidiram consultar para pedir ajuda e o feiticeiro propôs-lhes que trocassem as cabeças como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

Declarou que já o tinha feito inúmeras vezes e com ótimos resultados.

Elas foram pensar, para vislumbrarem bem o que iria acontecer. A feia não se importava de ficar burra, mas a bonita não tinha a certeza de querer ser feia e inteligente. Apesar do seu corpo escultural, pareceu-lhe que seria uma grande responsabilidade transportar um cérebro cheio de neurónios a funcionar a toda a hora, em vez da paz de espírito que conhecera até então. Ser feia ela não imaginava o que fosse, habituada que estava a ter os olhos dos homens sempre em cima dela, acesos de desejo, de volúpia e de paixão.

Era precisamente isto que a feia ambicionava e, com a sua inteligência brilhante e tentacular, conseguiu convencer a outra com relativa facilidade.

Foram de novo ter com o feiticeiro prontas a fazer a troca.

Ele deu-lhes um chá de ervas a beber que as deixou num estado catatónico e trocou-lhes as cabeças em três tempos: cortar, coser e cicatrizar.

Quando acordaram nenhuma se reconheceu nem reconheceu a amiga.

Quem és tu, que te pareces tanto comigo, disse a ex-bonita. Fazes-me lembrar uma escultura de Rodin ou Canova, um quadro de Vermeer ou de Ticiano.

A outra, que agora era burra, não percebeu patavina do que lhe dizia aquela mulher, feia e palavrosa, estava a sentir-se vazia, e, aos poucos, ambas foram percebendo que a alma se lhes escoava pelos ouvidos e quando chegaram a casa pareciam dois autómatos, isto porque o feiticeiro se esquecera de avisar que nem sempre as almas se conformam com estas manigâncias e começavam a escapar-se dos corpos.

Assim, uma ficou linda, a outra inteligente, mas como nenhuma tinha alma, não eram capazes de amar nada nem ninguém, e mais ninguém as amou. Foram rejeitadas por toda a gente e morreram tristes e sozinhas.

Deus é que sabe, terminava a avó Jacinta.

Ninguém deve querer ser diferente do que é, mas apenas desenvolver as suas qualidades e vencer os seus defeitos. E glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Não consegui perceber porque é que esta história me vinha à ideia em plena insónia, mas alguma relação havia de haver. Perdidas todas as esperanças de transaccionar a minha alma, ocorriam-me talvez pensamentos calmantes, que me ajudassem a curar a minha loucura.

Agora sim, podíamos falar em rotina. Não havendo mais aquela angústia da decisão judicial, pudemos voltar ao quotidiano, ao trabalho e eu à escrita do meu terceiro romance.

Não tinha escrito duas páginas quando a Clara e a Guidinha me vieram pedir se as acompanhava à tabacaria para comprar cadernos. Sendo as tabacarias, juntamente com as papelarias e as livrarias um dos meus lugares predilectos, inventei logo compras para mim próprio, cadernos de apontamentos, esferográficas, papel A4, etc, e acedi da melhor vontade.

Quando atravessávamos na passadeira com o sinal verde aberto para os peões, as miúdas correram à frente para me esperarem do outro lado da rua e foi quando uma moto veio como louca e me atropelou.

Vieram populares, as crianças garantiam que ele tinha passado com o vermelho, e, enquanto me

acudiam e chamavam o 112, e verificavam que era melhor não me tocarem, e as crianças gritavam de aflição, foram tirar satisfações ao infractor. Mas ele já endireitava a moto e desaparecia na curva da marginal.

Ainda pude entender estes pormenores mas já não consegui falar. Na ambulância tive perdas de consciência intermitentes e pensei, lembro-me disso, que não me importava nada de morrer. A este propósito, acho que o ponto de vista do moribundo é muito diferente do ponto de vista do vivo. Para quem vai morrer tudo parece distante, insignificante e mesquinho. E, só por pensar assim, tive a certeza de que ia morrer, o que me parecia que iria ser um grande alívio para todos. Para os meus pais, seguramente. Talvez não tanto para os meus amigos. Talvez não para a avó Jacinta. E para o Tinito oxálida, miligrã, phi, fi

Do que me lembro a seguir é de ver o meu corpo numa cama branca de hospital e eu, no tecto, extremamente calmo, a observar toda aquela azáfama, os médicos a tentarem reanimar-me, as enfermeiras a formigarem pela sala, murros e choques no meu pobre coração, apetecia-me dizer-lhes que não valia a pena e foi quando percebi que sabia voar e não havia obstáculos, e passei pelo vidro altíssimo pintado de branco, e sobrevoei Lisboa à luz da manhã e o rio estava lindo e azul visto do ar, como às vezes comentamos quando vamos de avião, e dirigi-me, agora em grande velocidade, para o túnel das Olaias, que não era o túnel das Olaias, era um túnel estreito, cada vez mais estreito, e escuro, cada vez mais escuro, e eu fui entrando em parafuso, parecia um divertimento da Feira Popular da minha infância, e de repente aquele vértigo parou e eu vi-me na luz e três amáveis entidades comunicaram comigo sem falar, como se me saudassem e sentime bem, e tive a certeza de que todas as minhas perguntas seriam respondidas.

Se morrer é isto, pensei, é uma das melhores coisas que me pode acontecer.

Não vais morrer, disseram elas. E de tudo o que te explicarmos, de todas as respostas às tuas inquietações só irás reter uma quando voltares ao teu corpo, a saber, a tua alma é mesmo tua, ninguém ta trocou, por mais que a maldade humana te queira fazer crer nesse engano. Mas ganhas aqui uma responsabilidade acrescida: tens que te assumir como és. As qualidades são só tuas e os defeitos são só teus. Ninguém recebeu um pedaço da tua alma. A alma é indivisível e una, a alma é tua, Teófilo. Tens que aprender a viver com ela.

Disseram-me outras coisas, mil coisas extraordinárias e esclarecedoras, verdadeiramente luminosas como todo o ambiente que nos rodeava naquele passeio além-vida. Era uma luz como eu nunca tinha visto, uma luz de que não há, no léxico humano, palavras para descrever. E quando de novo entrei no túnel para voltar à vida, o vórtice levou-me à minha cama, que me pareceu outra, mas agora era como se tivesse uma espécie de cegueira na alma, percebia mal essa nova realidade, porém cítara, porém oxálida, miligrã, phisalis, vértigo...

e a voz do Hugo, há tantos dias em coma, doutor Vítor, há tantos dias em coma, acha que ele vai acordar em breve?

Havia tanta angústia, tanto amor na voz do Hugo, que me apeteceu abrir os olhos, dizer-lhe, não vou morrer, mas não fui capaz. Tinha a cabeça ligada, ou era apenas uma sensação de aperto no crânio, não percebi bem naquele momento, mas soube depois, muito depois, que fizera fractura de crânio e fora operado, e suponho que foi no pós-operatório que andei a voar nos céus de Lisboa, como um papagaio de papel fugido da mão de uma criança descuidada...

Durante dias e dias não me apercebi de nada. Era o sono total. Mas de vez em quando ouvia tudo, como me alimentavam, como, os mais caridosos, falavam comigo, havia uma enfermeira de voz doce que me dava beijinhos depois de me fazer a barba, és tão lindo, Teófilo, quando acordares vais ser meu namorado, eu sorria por dentro de mim, interrogava-me como seria o rosto dela, fiz mentalmente o seu retrato, achava-me capaz de pintá-lo, mas o meu corpo estava morto, não fosse a entidade que me

garantira a vida e teria desistido ao fim de poucas semanas.

Porque agora os meus dias contavam-se por semanas.

Sei que recebi muitas visitas, mas nem sempre coincidiam com os dias lúcidos, que eram provavelmente muito menos que os outros. Mas em todos os dias lúcidos o Hugo estava lá, a animar-me, a conversar comigo, a dizer, certamente quando não havia enfermeiras por perto, amo-te muito, parecia adivinhar as minhas perguntas, dizia, as pequeninas estão bem, só não vêm porque não é permitido, a Sara e a Estrela vêm sempre, a tua avó vem muitas vezes, a propósito, no caso de isso te inquietar, foi a tua avó que quis que mudássemos para esta clínica, ela encarrega-se de todas as despesas, porque achou que deves estar num quarto particular, claro, é outro sossego, outra privacidade, numa enfermaria jamais poderia dizer-te o quanto gosto de ti, a falta que me fazes e eu sentia o seu riso, o seu beijo, a sua mão a acariciar a minha a tua mãe veio uma vez mas ficou muito impressionada, acho que não volta vai dizer-me que a Raquel também veio, mas não disse, para me poupar, está claro.

Como perdi a noção do tempo, não sei se ele me disse tudo isto de uma vez, acho que não. Acho que me foi dizendo visita após visita, e um dia eram a avó e a Maria, um dia em que eu estava lúcido e embora não as pudesse ver, ouvi logo a voz da avó, ai meu menino, meu menino, tomara que te levantes daí! Quero ver-te a cavalgar o Anjo lá na herdade, a comer os maminhos da Maria e a ler o teu livro bem repimpado no cadeirão do teu avô...

E a Maria, meu Teozinho, ando a pensar nos petiscos que lhe hei-de fazer quando sair daqui e for lá para casa repousar e de repente, saída daquele nevoeiro branco que eu sinto que me envolve, a voz mais esperada Atão, senhorito? Que tal está a preguiça, hem? Vamos a alevantar daí que há muita coisa boa lá fora...

Fiz um esforço, que me pareceu sobre-humano, e sorri.

Espalhou-se o pânico. As mulheres gritaram pelas enfermeiras, pelos médicos, ele sorriu, ele sorriu.

O Tinito não chamou ninguém. Ele sabia que eu tinha ouvido e que lhe estava a responder.

Mas o médico, muito calmo, Senhoras por amor de Deus, isso não quer dizer absolutamente nada. Os doentes em estado de coma têm muitas vezes reacções espasmódicas que são interpretadas como outros sinais. Vou chamar a enfermeira para lhe fazer uma massagem no rosto. Talvez um músculo, um pouco preso. É favor saírem. É possível que o doente sinta agitação à sua volta. Ele precisa de silêncio.

Era tudo o que eu não queria.

Eu fico, disse o Tinito. Não digo nada. Quero apenas segurar-lhe na mão. Tenho a certeza de que o acalmo.

E assim foi. Quando me pareceu que estávamos sós, voltei a sorrir. Ele correspondeu com um beijo e uma festa na cara.

Já vi que tenho que vir cá mais vezes, patrãozinho. Quero vê-lo pular dessa cama direitinho para os meus braços, disseme baixinho, e senti uma lágrima cair na minha cara.

Agora tenho que ir, que a Madrinha está à espera.

Beijou-me e saiu.

Eu não podia acreditar. Estava a vê-lo chegar à sala de espera a limpar o nariz com as costas da mão, o diabo do senhorito, até que me fez chorar...

E sorri de novo, desta vez sozinho e mais acompanhado que nunca, com o calor daquelas mãos morenas, com aqueles beijos curativos, com a verdade daquela lágrima...

E fui dormir de novo o meu sono branco, sem sonhos, sem desejos, sem inquietações, sem vida, sem morte, sem nada.

II

Um dia, parece que piorei. Ou a máquina ao meu lado não apitou o apito certo, ou a respiração, ou os ditos espasmos se multiplicaram. Infelizmente nesse dia estava lúcido, acho mesmo que aquilo foi um sinal de que eu estava a querer acordar do coma, mas os médicos é que sabem, está claro, e avisaram a família de que eu estava mal, e, um a um, todos me foram ver.

Senti-os a todos, ou suponho que os senti a todos. Até a minha mãe foi lá deitar umas lágrimas de crocodilo e a Raquel o seu veneno para me ajudar a morrer mais depressa.

Só havia autorização para entrar um de cada vez e dessa vez, excepcionalmente, até deixaram entrar a Guida e a Clara, que disseram, afinal o tio Téo está só a dormir, não parece lá muito doente... E deram-me beijinhos e foram-se embora satisfeitas.

O Hugo veio contar-me que o meu segundo livro tinha saído e era novamente um sucesso de vendas. Mas estranhamente isso não me alegrou. Pareceu-me totalmente insignificante. O Hugo deixou um exemplar na mesinha-de-cabeceira depois de me fazer apalpá-lo, queria muito agradecer-lhe mas optei por não sorrir, não fosse acontecer outra vez o mesmo escarcéu.

Tudo se baralhava na minha cabeça. Estaria a morrer ou a começar a viver? Lembrei-me da entidade que me avisara de que eu não ia morrer e que decerto não me mandava retornar à vida para estar apagado numa cama de hospital.

E por fim, na série de visitas individuais, veio o Tinito. Segurou-me nas mãos, beijou-me na boca e disse que me ia fazer acordar, e como um taumaturgo que de súbito descobrisse dentro de si, começou a massajar-me as pernas, os braços, o tronco com movimentos lentos, com palavras doces, pequenas, singelas palavras de amor.

E eu abri os olhos e sorri-lhe e soube que estava curado.

Queres que chame alguém, patrãozinho?

Disse que não com a cabeça.

Queres que diga a alguém?

Disse de novo que não e ele assentiu.

Não queria dar falsas esperanças a ninguém. Queria que fossem os médicos a descobrir o meu novo estado.

Então o Tinito cobriu-me, beijou-me, disseme adeus e saiu do quarto e foi quando vi entrar a Raquel.

Fechei imediatamente os olhos e fiz-me de morto, à espera da sua última maldição.

Já que estás a morrer, disse ela, não vais poder nunca repetir a ninguém o que te vou dizer.

Não pensavas certamente que eu ia ficar quietinha no meu canto depois da tua maldade, da tua traição, da tua vingança contra mim, que até gay te fizeste para não poderes casar comigo. Mas eu sou a Raquel, não sou nenhuma coitadinha.

Queres saber quem sou?

Sou a única, a verdadeira traficante de almas.

(aqui comecei a pensar que ela tinha enlouquecido, mas não tinha alternativa senão ouvi-la) Pois é, meu menino.

Lembras-te do dia em que combinei contigo entregar-te as chaves do apartamento de Lisboa e disse que tas deixava na caixa do correio? Achaste que era assim tão simples?

Pois não foi assim tão simples. Subi lá acima e verifiquei que tinhas o romance pronto no computador. Eu disse que não foi simples? Estava a brincar. Nada mais simples. Foi só copiá-lo e sair de lá com a disquete. Pus a chave na caixa do correio, conforme combinado, fui a Madrid e mandei o original pelo correio para a editora que o publicou.

Não sem primeiro o ler e verificar que era um grande romance.

Estúpido. Até nisso conseguiste suplantar-me. Mas não em esperteza, meu cabrão. Não em esperteza.

Dava tudo para que pudesses ouvir-me. Para que pudesses avaliar a beleza do meu plano, arquitectado ao longo de anos, passo a passo.

Dava tudo para perceberes que comprei um advogado meu amigo. Sim, porque eu sou rica, tu sabes. Além de esperta sou rica e para quem tem dinheiro não há obstáculos.

Inventei um pseudónimo, que pelos vistos adoptaste, bonito, não é, Basílio Santana, mas pelo menos, de cada vez que assinaste um autógrafo tiveste que pensar em mim. Em mim que não sabias que era eu, em mim que te roubei o que tu mais estimavas, o teu precioso livro.

Que pena não me poderes ouvir. Que pena esta vingança não poder ser completa para te cuspir nessa cara imbecilizada todo o meu ódio! Tenho a alma trocada, Raquel. Tenho a certeza de que me trocaram a alma no acto da concepção contaste-me tu um dia, quando ainda eras meu amigo. Mas agora vais para o crematório a saber, sim, ainda tenho uma vaga esperança de que me estejas a ouvir e, bem feita, não possas contar nada disto a ninguém.

Dizia tudo com o rosto perto do meu, em voz baixa, como se estivesse a rezar.

Eu sentia-me cada vez mais vivo, mais acordado, apetecia-me gritar prendam-na, via-lhe, com os olhos semicerrados, as borbulhas extintas roxas na cara sem maquilhagem, um pouco de espuma branca, seca aos cantos da boca, os olhinhos de rato a chispar ódio para cima de mim, mas ao mesmo tempo sentia que ela me estava a dar vida, como se a raiva fosse uma injeção de energia muito mais eficaz que todos os medicamentos, fazia um esforço enorme para não falar, para não me mexer, para não abrir os olhos, e então ela disse Gostaste do meu presente de Natal? Caríssimo, espero que tenhas percebido. Caxemira da melhor qualidade, mas baratíssima a comparar com o que trouxe em troca, o teu segundo livro, que me apressei a entregar no tribunal. Bem visto, não achas? E tudo tão fácil, tão óbvio! Só um estúpido como tu é que não percebia tudo logo da primeira vez.

Mas suponho que continuaste a pensar que tinhas a porra da alma trocada, ou lá o que é, meu ridículo, meu parvalhão, meu mentecapto.

Fui-me divertindo à tua custa este tempo todo. Espero ter-te dado muitas angústias e algumas insónias, sempre foste dado a insónias, e a angústias nem se fala, mas eu estava disposta a aturar-te tudo se tivesses tido a delicadeza de casar comigo.

Foi neste momento que duas enfermeiras meteram a cabeça na porta, uma disse, deixa-a estar, coitadinha, está a despedir-se do irmão, pensa certamente que ele a ouve, por isso não pára de falar, já os espreitei há bocadinho e estavam naquilo. Deixa.

E então a Raquel, investida da sua personalidade de deusa da vingança, atirou-me a última pedrada.

O julgamento foi interessante. O juiz deu-te razão, mas foi interessante. Nem sequer tive o desprazer de te ver satisfeito. Sim, porque eu estava lá. Disfarçada de assistente do advogado pago por mim, neste país permissivo bastou ele dizer é a minha assistente para me deixarem entrar, mas tu, meu maricas de merda, resolveste desmaiar. Não assististe ao resto, que foi a tua vitória, a tua injusta apropriação do pseudónimo inventado por mim e o teu segundo livro ficou pronto a seguir para o prelo.

Para mim apenas o gozo de ter andado a intrujar-te durante este tempo todo.

Acredito que, quando voltaste para casa, o teu advogado bonitão que penso que é teu amante, te contou as novidades, talvez tenhas ficado satisfeito. Ficarias muito mais satisfeito se soubesses que era eu que estava por trás de tudo aquilo. Que era eu a traficante de almas. Eu, em compensação, voltei para casa a sentir que a minha vingança não estava consumada, mas que ainda havia muitas coisas que podia fazer.

Matar-te, por exemplo. Ou ainda melhor.

Foi aí que me lembrei de contratar um motard, sempre necessitado de dinheiro para a droga, que te atropelasse, a ti e às tuas preciosas vizinhas pequenas, que passou a conhecer depois de estudar bem o assunto.

O que ele fez foi magistral. Deixou as miúdas de fora, é verdade. Mas atirou-te para o hospital entre a vida e a morte, meses em coma, imbecilizado, suponho, para o resto da vida, pobre coitadinho, um vegetal. E agora vais morrer sem saber quem foi que te fodeu a existência.

Então não aguentei mais. Todo o ódio acumulado durante aquela conversa deu-me forças para ressuscitar e, a deitar-lhe cuspo para a cara, gritei Puta! Puta! Puta!

Pensei que ela ia morrer de susto. Teve de ser assistida pelas enfermeiras que vinham assistir-me a mim. Veio o médico, deram-me calmantes e verificaram todos os meus sinais vitais. Estava milagrosamente livre do coma.

E ela ficou a saber que eu ouvira tudo e que a ia fazer passar de perseguidora a perseguida, numa luta sem tréguas, até ao último dia da minha vida.

Queres um chá?, perguntou a Sara Genciana, respondi eu Chá de genciana? Não temos.

Não, ri-me. É uma palavra de que me lembrei. O José Rodrigues Migueis escreveu Saudades para Dona Genciana, mas nunca me ocorreu que genciana fosse uma planta de flor azul.

Ela e o Hugo entreolharam-se, o Hugo fez que sim com a cabeça no que respeitava ao chá, eles acham que eu fiquei um pouco maluco depois do coma. Também acham que vai passar com o tempo.

É tão bom estar em casa, rodeado de carinho, e a grande verdade é que não me sinto minimamente inibido em expor aqueles farrapos de conhecimento que trouxe do lado de lá e que às vezes me assaltam.

— As miúdas?

— Estão na escola. Agora, com o fim do ano à porta, têm imenso que estudar.

— Tenham cuidado com elas. Muito cuidado. Alguém pode querer fazer-lhes mal.

Está um belo dia e estou no terraço donde se vê o mar. Ainda não contei a ninguém a confissão da Raquel. Sei que o Hugo se põe logo em campo para a meter na cadeia e não tenho a certeza de querer isso.

Eu tenho esta família linda. Ela tem a minha mãe.

Tomaram as minhas advertências à conta de maluqueira. Mas é esse o grande perigo. A Raquel mandar matar as crianças.

Tenho que lhes contar.

Genciana.

Será que faz parte da lista?

Tem uma flor azul.

É uma palavra bonita.

Oxálida, genciana, miligrã.

Se a Sara trazer chá para todos tenho uma coisa para vos contar. Não posso deixar as nossas meninas desamparadas sabendo que acho que sim, acho que genciana pertence à lista. Ah, Sarinha muito querida. Senta-te aí. Tenho uma coisa importantíssima para vos dizer.

Então diz, concorda a Sara cheia de paciência.

Foi a Raquel que me mandou atropelar. A mim e às tuas meninas. Elas, graças a Deus, escaparam porque atravessaram à minha frente.

E o Hugo

Não estás agora com a mania da perseguição, ou estás?

E foi ela que roubou os meus originais. O primeiro, do apartamento de Lisboa quando foi lá pôr a chave. O segundo aqui de casa, quando veio trazer o presente de Natal.

Foi ela que me confessou tudo no hospital, ou porque é que pensam que eu lhe gritei puta?

Ela pensava que eu não ouvia nada e que já não ia acordar daquela modorra. Mas precisamente nesse dia eu tinha começado a sentir-me bem, mas ela não merecia que eu acordasse para ela e decidi ouvir toda a confissão. Disseme que contratou genciana acham uma palavra bonita?

que maçada. Agora a palavra não me sai da cabeça.

O mais importante diz respeito às minhas sobrinhas.

Agora estás cansado Téo. Vais ficar a descansar um bocadinho, O. K., vais sossegar aí na cadeira de repouso.

Amanhã. Amanhã contas o resto.

Mas eu sabia que amanhã podia ser tarde. A Raquel não se ia conformar com o facto de eu ter saído vitorioso das suas manobras, ainda por cima consciente e lúcido.

Aterrava-me o facto de ela ter dito que desejava que o motard drogado tivesse atropelado as duas meninas. Viria agora vingar-se? A sua maldade ia para além do imaginável. E eu, ali no terraço, estendido na cadeira de repouso, coberto com uma manta escocesa quando acordar ele vai ter frio de olhos fechados, pintava os cenários mais negros, mais dramáticos, que envolviam as pequeninas, o Hugo, a Estrela (acho que ela devia ter ciúmes da Estrela), a minha avó no Alentejo, quem sabe a minha avó, sim, a Raquel é um gangstere a sua maldade não tem limites.

Quando temos saúde e alguma coisa de mal nos acontece, há um mecanismo de defesa qualquer que começa logo a sugerir-nos contrapartidas, soluções, esperanças, mas não sei se a minha condição de convalescente me retira essa capacidade, e me deixa à mercê de um mar de desgraças que me submerge e me afoga.

As minhas aflições agora são, sobretudo, duas.

Em primeiro lugar, consideram-me diminuído e não acreditam em mim.

Em segundo lugar pode acontecer alguma coisa às crianças e eu não tenho hipótese de as defender.

Digamos que esta não é a melhor situação para uma convalescença serena como os meus queridos, e os médicos, pretendem.

Eu gostaria de chamar a polícia, contar tudo o que a Raquel me confessou, mandar vigiá-la, mas para isso precisava do apoio do Hugo, da Estrela, da Sara.

Do meu lado tinha apenas as minhas sobrinhas, já que a Clarinha, espertíssima, tinha tomado nota da matrícula, o que foi comunicado à polícia. Mas quem se fia numa criança de oito anos? Nunca mais obtiveram qualquer resposta. Eram de opinião que o número devia estar errado.

Queria também comunicar ao juiz o roubo dos originais, para que toda a história da duplicação ficasse esclarecida, mas o próprio Hugo achou que eu devia melhorar ou mesmo restabelecer-me completamente para podermos tratar disso.

E eu ali. Feito parvo numa cadeira de repouso. Com a voz segredada da Raquel constantemente nos meus ouvidos, os seus olhinhos de rato na minha frente, o seu ódio a apertar-me o pescoço.

Fiquei ofendido quando o Hugo perguntou tens a certeza de que não sonhaste?. e decidi aceitar os convites diários da avó Jacinta, que entendia que a herdade era o lugar ideal para eu convalescer. Sim, ela, pelo menos, havia de acreditar em mim. E também oxálida, genciana, miligrã, arrabil, avena, hipericão Cheguei numa manhã de muito calor.

Aquela casa de Inverno tornava-se estranhamente silenciosa no Verão, sem o estalar da lenha na lareira e esse silêncio era uma promessa de paz.

O Hugo guiou o carro e a Sara foi connosco para fazer companhia e cumprimentar as senhoras, e eu não pude, à chegada, fazer-me doentinho para ser levado para dentro nos braços do Tinito. Tive que me contentar com as boas-vindas dos seus olhos e da sua voz falsamente alegre Está rijo, patrãozinho. Isto agora, com as sopas da Maria, não tarda anda aí em cima do Anjo a assustar os pássaros...

O abraço da minha avó foi meio caminho andado para a cura e a Maria tinha uma travessa de pastéis de bacalhau quentinhos, à nossa espera, para retemperar forças da viagem, como se tivéssemos vindo de diligência ou a dorso de mula.

Já vi que me querem gordo, disse eu.

Pois então, contrapôs a Maria. Pensar que o vi mor-tinho naquela cama, e o seu rosto encheu-se de lágrimas retrospectivas.

Ó Maria, olha para mim, estou ótimo. Só um bocadinho cansado. Aqui os meus amigos acham que eu estou maluco, mas isso é outra história. Diz-lhes que a tua comida também cura a maluqueira e eles vão-se embora satisfeitos.

Mas não se vão já embora, vão? Eu mandei preparar os quartos, disse a avó, desconsolada.

Ficamos até domingo, se nos der licença, disse o Hugo. Para ver como é que este menino se porta.

Mas hoje já é quinta-feira!, disseram as duas mulheres em coro.

Diziam muitas coisas em coro. Como se tivessem, ao longo de todos aqueles anos, afinado o pensamento e ensaiado o texto.

Entretanto estávamos instalados, sentados na sala a conversar, como se não houvesse, à hora do calor, outra ocupação senão a de esperar pelo almoço.

A Maria sumira-se para a cozinha e a Sara pediu licença à avó para ir ajudá-la.

Deparou-se com um borrego estufado na hortelã, batatinhas novas e arroz de mísscaros.

Salada de agrião e sopa de beldroegas a ser comida com queijo fresco.

Velho como os tempos, o ritual da refeição.

Toda a família à volta da mesa, com a matriarca a presidir. Os alimentos abençoados por ela numa breve oração. E o vinho não é uma bebida mas a sacralização do ágape.

Faz bem uma refeição destas para quem vive na correria de Lisboa, com as aulas, tribunais, traduções e eu esperava que os meus amigos esquecessem todas as atribulações para, tal como acontecera no Natal, gozarem a cem por cento este privilégio.

Sabes quem vem jantar, Teozinho? O meu amigo Gui Fauré.

O professor está cá?, perguntei. Já te falei dele, Hugo. É um senhor incrível e acho que a Sara vai gostar de o conhecer. Muito culto, francês, filho de mãe portuguesa, vive em Paris mas não despreza o seu lindo monte alentejano.

O arroz-doce vinha quente. E embora já ninguém tivesse vontade para aquela delícia, a gula falou mais alto e toda a gente provou.

O jantar foi encantador.

A avó achou por bem avisar os meus amigos de que o professor era gay, mas, mesmo assim, a Sara ficou, posso jurar, perdida de amores por ele.

No dia seguinte confessou que aquele sim, era o homem dos seus sonhos e que, se ele a pedisse em casamento, aceitaria sem hesitar.

Acho melhor não, disse o Hugo a rir. Foi muito explícito comigo. Dentro daquela magnífica educação não deixou nada por dizer.

Estás muito calado, Téo, disse a Sara. Não me digas que também foste afectado pela libido do senhor professor.

É uma história que vem de trás, disse eu. Já na adolescência...

Mas a avó Jacinta achou que, talvez em nome da moral, devíamos acabar com aquela conversa e declarou a rir, Seja qual for a escolha momentânea do Gui, não se esqueçam meninos, que eu vi primeiro. Propôs-me casamento há uma porção de anos, mas eu não tive a certeza de ser capaz de conviver com um leque tão vasto de preferências.

Esta conversa aconteceu depois do jantar de sexta-feira em que só tínhamos falado de futilidades, ao contrário do jantar da véspera em que o professor tivera o bom gosto de dar o tom e que fora cheio de escritores, de pintores, de dramaturgos, das peças em cena em Paris e em Londres.

O Gui sabe-a toda, concluiu a avó. Vejam como hoje nos reduziu à nossa insignificância...

Foi nesse momento que o telemóvel da Sara tocou.

Um clima de desgraça prendeu-nos os movimentos. Os seus olhos esgazeados fitaram o vazio, as palavras apertaram-lhe a garganta, paralisaram-lhe a língua.

Passou-me o telefone e eu ouvi a voz da Estrela em pleno choro a gritar A Guidinha foi raptada.

Deviam ter-me ouvido, em vez de acharem que eu estava maluco. Deviam ter-me ouvido!

Mas agora não adiantavam desculpas.

Era o último dia de aulas. Faltava a festinha da escola no sábado, mas aquela tarde já foi de grande excitação e barulheira.

Quando a carrinha as veio buscar, as crianças atropelavam-se todas para procurar os assentos preferidos e a Clara nem reparou que a irmã não estava lá atrás, no seu lugar do costume.

Só à saída deu por isso. Desatou a gritar a pedir ao motorista que voltasse à escola para recuperar a menina esquecida. Depois de dar a volta toda, o motorista, sabendo-se culpado por não ter feito a chamada como era de rotina, explicou atabalhoadamente à Estrela o que se passava e pediu-lhe que viesse com ele buscar a criança.

Vou no meu carro, disse a Estrela. Deve ter-se entretido com os preparativos da festa de amanhã. Vamos lá buscá-la antes que fique assustada.

A Clara foi com a mãe. Sentia-se culpadíssima e não parava de chorar, mas a Estrela acalmou-a, não chore, querida, vai ver que ela está lá à nossa espera.

Mas não estava. Mais, ninguém a tinha visto a não ser na aula.

Foram para casa para evitar desencontros, não fosse ela ter pedido boleia aos pais de alguma colega.

A Guidinha não apareceu.

Nem nos mais negros dias de hospital eu me tinha sentido tão desesperado.

O Hugo e a Sara partiram imediatamente para Lisboa mas não me deixaram acompanhá-los. Eles consideravam, suponho, que ia atrapalhar, e a avó Jacinta entendia que, se eu tinha vindo para convalescer, era no Monte que devia ficar.

De Lisboa não chegavam boas notícias.

Ninguém telefonava a pedir resgate e isso fazia-nos temer o pior. Já pensávamos em redes de pedofilia. A Estrela e a Sara andavam de porta em porta com as fotografias dela, mas ninguém a tinha visto. Levaram o caso para a televisão. A Estrela implorou que, se alguém soubesse do paradeiro dela, a contactasse, mediante recompensa.

Fizeram apelos à própria Guidinha, que ligasse para casa na primeira oportunidade. Mas nada.

Era pior do que um luto. Era a imaginação a lembrar-nos as piores hipóteses: pedofilia, violação, assassinio. O caminho seguro para a loucura.

A avó e a Maria, tão desesperadas como eu, acendiam velas a Nossa Senhora dos aflitos e faziam tudo para me consolar. O próprio Tinito foi extremamente prestável sem ser saliente. Selava-me o Anjo e sugeria-me passeios a cavalo por zonas menos conhecidas da herdade.

Um dia em que seguia por um caminho rente ao olival, pareceu-me ver uma pessoa agachada e perguntei-me o que faria ali.

Aproximei-me e vi uma velhota, bastante andrajosa, de cócoras entre as oliveiras.

Ocorreu-me que estivesse a fazer as suas necessidades, como é costume entre as velhas mais velhas da aldeia. Mas vi que não era o caso.

Perguntei-lhe, depois de a saudar, o que fazia ela ali e se precisava de alguma coisa.

Apercebi-me de que aquele vulto não me era estranho e, quando falou, a sua voz recordou-me alguma coisa.

A águia caiu do ninho, disse ela. Mas o cuco ficou. A águia tem outro ninho mas o borrafinho voltou. Desmontei. Convenci-me de que estava à procura de algum passarinho caído do ninho, mas não vi ninho nenhum, nem me pareceu que as oliveiras fossem árvores escolhidas pelas águias, habitantes das alturas e dos penhascos.

Depois, com a mania das literatices, achei graça à corruptela da palavra borrachinho por borrafinho, que aliás já tinha ouvido na boca da Maria.

A velha repetiu:

A águia caiu do ninho mas o cuco ficou. A águia tem outro ninho mas o borrafinho voltou.

Na verdade, ela não procurava nada. Estava agachada riscando o chão com um ramo de oliveira e repetia a sua cantilena sibilina, como um prenúncio ou um aviso, mas a sua reza não fazia qualquer sentido.

Insisti na pergunta, se a podia ajudar, mas ela num tom irado, respondeu: — Não mereces nada. Já sei que não fazes caso dos meus avisos.

Veio-me à mente a teoria dos mensageiros indirectos. Pessoas que são enviadas para nos dar recados e a que, geralmente, não ligamos a menor importância.

Quando ia pedir-lhe que me traduzisse aquela lengalenga, ela levantou-se e desapareceu por entre as oliveiras, a uma velocidade de que não parecia capaz.

Fiquei ali parado, a sentir-me estúpido, e quando montei novamente o Anjo, lembrei-me do encontro que nas férias de Natal tinha tido com aquela mesma velha.

Estava à porta da igreja a pedir esmola quando nos dirigíamos para a Missa do Galo.

Tínhamos combinado que a Sara fosse de braço dado comigo e a Estrela com o Hugo para que nos interpretassem como pares convencionais.

A velha, de cócoras, segurou na saia da Sara para nos fazer parar e eu dei-lhe uma esmola.

No mesmo tom sibilino que acabara de usar, disse.

O diabo tem rodas e uma leva-te ao inferno do inferno para o céu do céu para a terra.

Eu percebi agora que isto era, explicitamente, a história do meu acidente. O diabo com rodas atropelou-me. Levou-me ao inferno do hospital, da operação, da morte clínica.

Daí fui ao céu na minha situação de quase morte. Por fim à terra quando acordei do coma. A mulher era vidente.

Impunha-se agora não me esquecer das palavras que lhe acabara de ouvir e tentar interpretá-las.

Quando cheguei à cavaliariça para entregar o Anjo, perguntei ao Tinito, Existe por aqui alguma bruxa, vidente, ou coisa assim? Claro, patrãozinho. A bruxa Basilissa. Toda a gente a conhece. Acerta sempre. E é boa a rogar pragas e a endireitar espinhelas caídas. Mas porquê?

Acabo de me encontrar com ela. Rezou-me uma lengalenga, mas eu não sei o que aquilo quer dizer.

Não liguês, patrãozinho? Ela também gosta de assustar as pessoas.

Mas eu tinha a certeza de que as palavras dela tinham um significado e desesperava-me por não conseguir decifrá-lo.

Não dormi toda a noite, às voltas com a charada.

A águia caiu do ninho mas o cuco ficou. A águia tem outro ninho mas o borrafinho voltou.

No dia seguinte pareceu-me que a cultura popular do Tinito poderia ajudar-me.

Ele pensou um pouco e depois disse.

É fácil. Os cucos põem os ovos nos ninhos dos outros.

Eu sei.

Deve ser alguém que se instalou no ninho dos outros e enxotou quem lá pertencia. O resto é que eu não estou a ver.

De repente dei um grito.

Estou eu. Estou eu a ver. A águia que caiu do ninho sou eu. O cuco é a Raquel. O borrafinho é a Guidinha. A Guidinha está escondida em casa da minha mãe.

Corri para casa a grande velocidade apesar das minhas poucas forças e liguei ao Hugo.

Não acreditava que a Raquel tivesse tornado a minha mãe cúmplice do rapto. Devia ter-lhe dito que a criança era filha de alguma amiga, o que permitia ao Hugo apresentar-se lá como tio da criança, ou quem sabe pai, e dizer à Generosa que vinha buscar a miúda.

Era uma jogada arriscada e um pouco longínqua, mas se ele fosse cedo a Raquel não devia estar lá.

Tivemos uma sorte enorme. Nem a Raquel nem a minha mãe estavam em casa. Apenas uma criada que

lhe abriu a porta.

— A minha sobrinha Margarida está?

— A menina Guidinha está sim. Mas a senhora foi à missa.

— Não faz mal, disse o Hugo. Eu venho buscá-la. Vá lá chamá-la, por favor.

Mas a Guidinha já tinha ouvido a voz dele e veio a correr pelo corredor, tio Hugo! Que saudades!

Vamos, disse o Hugo. Depois venho buscar as suas coisas.

Mas não me despeço da tia Geni? Ela é tão boa para mim...

Vimos cá depois visitá-la. Agora temos que ir.

Ainda teve o sangue-frio de dizer à criada, muitos cumprimentos à Senhora e à menina Raquel.

Obrigado.

Meteu-se rapidamente no carro, com o coração alterado, à espera de ver a Raquel em cada esquina e seguiu para o Estoril tentando não ultrapassar a velocidade permitida.

Ó tio, foi tudo tão esquisito! Primeiro um homem com mau aspecto agarrou em mim e meteu-me no carro à força. Fartei-me de gritar mas com a algazarra que eles faziam a entrar para a camioneta ninguém me ouviu. Depois ele levou-me para uma casa ótima, com duas senhoras amorosas e a mais nova disse à outra Desculpe, Guidinha, mas conta-me isso depois, que o tio Hugo está muito nervoso e não está a conseguir perceber nada. Conta depois, que a mãe tem que ouvir isso tudo. Você nessa casa via televisão?

Não. Proibiram-me de sair e de ver televisão. De resto foram supersimpáticas, principalmente a mais velha. Compraram-me roupa, pijamas e tudo. Eu comecei a pensar que ia ficar a viver ali para sempre, só não percebia porque é que a mãe não aparecia para me explicar...

A Estrela teve que tomar um calmante para conseguir ouvir a história da Guidinha.

A senhora mais nova, que se chama Raquel, disse à mais velha, que se chama tia Geni, que eu era filha da maior amiga dela que teve que sair do país numa emergência eu calada que nem um rato, nunca soube que aquela mulher fosse amiga da mãe, depois proibiu-me de ir à rua e de ver televisão e de telefonar achei estranhíssimo, bolas, não tinha nada para me entreter mas a senhora mais velha era muito meiguinha, lia-me histórias, deu-me um quarto com muitos automóveis nas prateleiras, muitos livros, coisas mais de rapaz mas eu gostei, não tinha bonecas mas tinha um urso muito velhinho, eu tinha saudades de casa e dormia com ele e depois veio o tio Hugo e trouxe-me, todo nervoso, e eu deixei lá a minha roupa nova, as minhas camisas de noite, o meu bibe do colégio, tive pena de não me despedir da tia Geni, posso visitá-la, mãe?

Por enquanto não, Guidinha, mas quem sabe um dia. O tio Téo é que vai resolver isso mas o tio Téo nem sequer telefone-lhe que ele vai gostar de a ouvir.

Olá, tio Téo, está melhor? Sou a Guidinha, já estou em casa. Pergunte à avó Jacinta se podemos ir aí passar uns dias.

Claro que sim, nem é preciso perguntar.

Mas a minha preocupação era meter a Raquel na cadeia, e parecia-me que o caminho era encontrar o motard e pagar-lhe para que ele contasse à polícia a história toda.

Aquela criminosa não podia ficar impune.

Agora, que sei que a minha alma é una e indivisível e me pertence só a mim, vivo a dificuldade de arcar com todos os meus defeitos, todas as minhas fraquezas, todos os meus pecados. Eu sou este e não há volta a dar-lhe. Não tenho desculpa, nem atenuantes e é bom que me aceite.

Guardo para mais tarde pensamentos de regeneração. Por enquanto não posso. Por enquanto há o Tinito.

Deleito-me nesta coisa escondida, clandestina, que jamais poderei assumir por todas as razões e mais uma: a avó Jacinta, o Hugo, a metade virtuosa de mim.

Quero, porque quero, continuar a encontrar-me com ele na antiga estrebaria, a amar e fazer-me amar,

alimentar-me do seu sorriso perverso, do seu corpo de deus.

Como uma sujeição, um vício, uma dependência, preciso de vê-lo, de senti-lo, de fazê-lo meu. Como um grito no escuro esta urgência que me acorda, que me faz sair da cama, esperá-lo na manta por cima do feno, antecipar os seus passos, a chama dos seus olhos negros, o ritual das suas mãos.

Um dia a avó Jacinta sentiu-me sair e estranhou, meu filho, onde é que foste tão cedo, tens que descansar, ainda não estás bem e eu, no maior descaramento < a avó sabe como eu adoro ver nascer o sol. Fico a observar o acordar dos pássaros e da janela não é a mesma coisa. Agora, com o tempo quente e tudo gosto de voltar para a cama e dormir um pouco até à hora do pequeno-almoço e a avó acorda-me um dia destes que eu vou contigo. ; Está bem, fica combinado.

E a Maria a pôr a mesa da copa com as torradas de pão de centeio, o café com leite, a compota de abóbora, os biscoitinhos de erva-doce, para a minha fome de lobo, para a minha alegria de homem saciado e a saciar e a avó não é por falta de apetite que não te curas depressa é do ar da madrugada, avó, aquele passeio deu-me uma fome de cão e a Maria olhou-me nos olhos e, enquanto a avó barrava de doce a sua torrada, sorriu.

A Guidinha chegou nesse dia. Com a Clara, a Sara e o Hugo, e eu já me preocupava que a Estrela ficasse sozinha, mas ela tinha ocupações inadiáveis, uma tradução que tinha ficado parada por causa dos acontecimentos recentes e cujo dead-line de entrega expirara na semana anterior.

Pus de parte a ideia de adiantar o meu novo romance porque, ao contrário do que parecia óbvio, no Monte não consigo escrever. Aparentemente não acontece nada, mas afinal acontecem imensas coisas, dentro e fora de mim. E nenhuma delas tem a ver com o livro que ando a tentar alinhar.

Achei que devia ir com a Guidinha agradecer à bruxa Basilissa a ajuda preciosa que nos dera.

Porquê, tio Téo? Eu tenho medo da bruxa e não percebo o que é que ela tem a ver comigo.

Então contei-lhe que a verdadeira bruxa era aquela tal senhora mais nova que a queria roubar porque não tem filhos e que nunca mais íamos encontrá-la, a ela, Guidinha, se a bruxa Basilissa não nos tivesse indicado onde estava escondida.

E eu ficava raptada como aquela menina da Alemanha?

Da Áustria. Sim. Era isso mesmo.

E nunca mais via a mãe, nem a avó, nem a Clara, nem o tio Hugo, nem o tio Téo, nem a avó Jacinta, nem a Maria, nem o Tinito Chega. Já percebeu porque é que eu acho que devemos agradecer à bruxa Basilissa?

Já. Ela é má?

Não. É boa. As bruxas não são todas más. Esta é boa.

Então vamos. Tenho que dar beijinho?

Só se quiser.

E lembrei-me dos andrajos da vidente e comecei a achar que talvez não fosse muito boa ideia este gesto burguês do agradecimento, com beijinho e tudo, mas a grande verdade é que não encontrámos a bruxa em parte nenhuma, nem no olival, nem à porta da igreja, nem no buraco onde nos disseram que vivia.

Inspirado por ofertas que vi na soleira da porta — uma galinha branca com as patas amarradas, um cestinho com ovos, uma couve, um pão de quilo —, fui à cidade com a Guidinha e comprámos uma saia, uma blusa, um avental, um xaile, uma garrafa de vinho e um pão-de-ló.

O que será que se dá a uma bruxa? Ouvi dizer que elas só aceitam comida branca (e a galinha era um indício), açúcar, farinha, sei lá que mais, mas resolvi ignorar e oferecer um presente mais prático e imediatamente utilizável.

Lá ficaram as coisas, para o bem e para o mal.

A Guidinha ria-se. Já estava entusiasmada com esta cruzada de agradecimento e no fundo feliz por

não ter que se encontrar com a bruxa Basilissa.

Pensei contar ao Tinito, mas ele ia rir à gargalhada, ia dizer que roubavam a roupa e o vinho e o bolo, mas eu tenho a certeza de que ninguém se atreve a roubar seja o que for da porta de uma bruxa. Não contei.

Quando a Estrela chegou, inteira e de boa saúde, foi um alívio para todos nós. Ela, mais que ninguém, depois do trauma que sofrera, precisava de sossego e das comidas boas do Monte.

Assim que a mãe chegou a Guidinha voltou ao seu relato. Via-se que, por enquanto, não pensava noutra coisa.

E depois a mais nova fechava-me no quarto, mas assim que saía a tia Geni abria a porta e deixava-me ir para o pé dela, não sei porque é que a Raquel não nos deixa ir dar um passeio, mas ela lá sabe, diz que a menina corre perigo, mas não vai poder passar o resto da vida aqui fechada o resto da vida?

é uma maneira de dizer. É só até a sua mãe chegar do estrangeiro, pelo menos foi o que ela disse.

Se eu ao menos pudesse ligar para casa, mas a Clara é que tem os números na memória do telemóvel porque a mãe, está a ver, nunca me deu um telemóvel.

Havemos de tratar disso, disse a Estrela. Mas o melhor mesmo é a menina meter os números na cabeça, o meu, o da avó Sara, o fixo, o do tio Hugo e do tio Téó. E o da Clara, já agora.

Isso é mais do que a professora mandou de TPC para as férias. E a propósito: onde é que está a minha mochila?

Está lá em casa. Quando o tio Hugo a foi buscar você vinha de mochila às costas.

Não me lembro nada, disse o Hugo. Eu estava em pânico com medo que a Raquel, que eu nem sequer conheço, estivesse por ali a rondar.

Ah, já me lembro, disse a Guida. Quando saímos apanhei a mochila que estava no bengaleiro. E à noite vinha um senhor jantar que acho que era o marido da tia Geni, mas nunca abria a boca, nem sei se lhe explicaram quem eu era.

Bom, concluiu a avó Jacinta. Não vamos falar mais nesse assunto, está bem, Guidinha?

Ninguém a magoou, graças a Deus, ninguém lhe fez mal, enfim, ninguém e suspirou fundo, levantou-se e saiu da sala.

Imagino como a torturava ouvir falar da conivência da filha naquele plano maquiavélico da Raquel. Mas certamente isso estimulou-lhe as ideias.

À noite, com as crianças já deitadas e depois de se ter fechado no escritório toda a tarde e ter de lá saído para jantar com um ar particularmente alegre, reuniu-nos na sala e disse que precisava de nos falar.

Um tanto intrigados seguimo-la ao escritório e a avó disse estive a escrever o meu testamento.

Porquê, avó, a que propósito? A avó está doente?

Tu, que estiveste a morrer, deves perceber melhor do que ninguém a incerteza da nossa existência e que é em vida e em plena lucidez que se tratam estes assuntos.

Aliás a morte, a partir de certa idade, começa a não ter importância nenhuma. Encara-se com toda a serenidade e até me custa pensar que me revoltei tanto com a morte do meu filho e do meu querido João. Hoje tenho a certeza de que foram para um sítio melhor onde estão felizes e a olhar por mim.

Riu-se com aquele riso de subentendidos que lhe era próprio e que a tornava mais nova.

Pensei contar-lhe a minha experiência de quase morte que me fazia concordar com o que a avó acabava de dizer mas decidi calar-me porque não era isso que nos reunia naquele escritório. As minhas andanças cósmicas eram um tema que podia levar-nos muito longe e que, em última análise, talvez reforçasse a convicção que os meus amigos tinham de que a minha cabeça ainda não funcionava a cem por cento.

A avó pediu ao Hugo que a apoiasse nos contornos legais e começou por dizer que o Monte e esta casa eram para mim. Isto e toda a herdade e mais a cortiça, a azeitona e a uva aqui incluídas. Parece que

estes produtos estavam automaticamente vendidos, para não falar das flores, dos legumes e da fruta que não rendem nada porque pouco compensam o que se gasta com eles.

Deixava-me também dois prédios de apartamentos na cidade, tudo alugado, cujas rendas davam, se eu quisesse, para viver no Monte o resto da vida sem preocupações de emprego.

Tudo o resto deixava à minha mãe, e parece que não era pouco a avaliar pela lista que leu, pois tudo me viria parar a mim pela ordem natural das coisas, a menos que ela vendesse tudo e desse, em vida, o dinheiro à Raquel. Mas era pouco provável que o meu pai, apesar de tudo, consentisse. A mim, era-me completamente indiferente.

Abria duas excepções: O Anjo e a Geada eram meus, mas os outros quatro cavalos eram para o Tinito e mais a propriedade a caminho do Vale da Sapa. Vendesse o que quisesse, eram para ele.

A Maria recebia uma mesada, uma espécie de reforma até ao fim dos seus dias. E eu obrigava-me a assegurar-lhe cama e mesa para o resto da vida. Porém, se ela quisesse um canto seu, ficava com a casinha da Azinhaga dos Mouros, na aldeia.

E um pormenor poético.

A Clarinha recebia o colar e os brincos de pérolas verdadeiras. A Guida o célebre anel de brilhantes, que a avó não queria nem pensar que fosse parar à Raquel.

A Estrela e a Sara usufruíam destas jóias até elas fazerem dezoito anos.

Algumas das outras jóias eram para a Jacintinha, sua afilhada, e o resto para mim. Podia dá-las, vendê-las ou guardá-las, mas a Geni, explicou, não vai poder usá-las nunca nem deixá-las à Raquel. Cuida disso, Teozinho. E você, Hugo. Para que tudo se cumpra como eu quero.

Ficámos todos mudos, colados às cadeiras, sem reacção. Como não éramos parentes, não houve lugar a discussão.

Eu só pensava se a avó estaria doente, embora me parecesse óptima, mas há sempre aquelas surpresas do coração. Ou coisa pior, que ela já soubesse e não quisesse contar.

Não quis mostrar a minha preocupação. Disse umas piadas muito chochas quando começámos a poder falar, a conseguir mexer-mo-nos, a ser capazes de sacudir a pressão.

Bem, agora que estamos todos ricos é a altura de pedir à proprietária Maria que nos traga um calispito de moscatel.

Fomos para a sala e a avó parecia aliviada, muito alegre.

Bebemos à saúde dela e eu morria de vontade de a abraçar, mas não quis que parecesse que lhe estava a agradecer a herança.

A senhora dona Jacinta é uma das mulheres mais extraordinárias que conheci, disse a Sara.

Bebemos a isso. Ela abanou a cabeça e riu o seu risinho misterioso, como se soubesse a melhor parte da vida.

A Raquel foi presa no aeroporto quando se preparava para fugir do país.

Ao fim de um ano de insistência a polícia acabara por aceitar que a autora moral do atropelamento e do rapto eram a mesma pessoa.

Afinal a matrícula que a Clarinha tirara estava certa. Conseguiram apanhar o motard.

Parece que levou uns abanões da polícia e contou tudo. Só não sabia onde é que a tal mulher morava, porque quando o mandou raptar a menina ordenou que a deixasse em determinado sítio de Lisboa, numa rua cujo nome ele esquecera. Conhecia mal Lisboa.

Só se lembrava que a dita senhora estava à espera deles perto de um jardim, que era a referência para o encontro. Não tinha querido magoar a menina. Mas teve que a meter no carro com uma certa brutalidade porque ela não queria ir, disse que tinha que apanhar a camioneta do colégio. Lamentava tê-la aleijado. Mal sabia ele que a Guidinha nunca se tinha queixado disso, só mostrou uma nódoa negra no braço, mas

afirmou que dera por ela muitos dias depois.

A senhora pagava muito bem. Já quando foi para atropelar o senhor, deu-lhe uma bolada de massa que o fez andar a voar quase um mês. Não foi mais porque lhe gamaram o resto. Por isso quando foi do rapto ele já estava teso outra vez e aceitou logo, esta era mais fácil que a outra, era só pegar na menina aqui e deixá-la acolá, pago adiantado, com ameaças de morte se ele não cumprisse. E ele, que era um homem sério, cumpriu.

Tinha medo da mulher. Assim como ela lhe pagava para fazer mal a outros, também podia pagar para lhe fazerem mal a ele. Não se importava de colaborar com a polícia, mas tinham que lhe garantir protecção, porque a mulher era do piorio. Tinha ido ter com ele ao Intendente, toda apinocada, toda coisa, armada em fina mas pior que eles todos juntos. Procurava um que tivesse mota, que aparecesse ali de mota, que era o meu caso, eu vivo com os meus pais mas vou ali abastecer-me de produto, nunca posso sair de cima da mota senão eles, já se sabe, mesmo mal vendida dá para consumir durante séculos, mas a mulher, pois é, não sei o nome nem a morada e se ela me apanha estou fodido.

A partir daqui a polícia empenhou-se em encontrá-la, o que, aparentemente, seria fácil, já que lhes fornecemos todos os dados que faltavam: nome, morada, hábitos, mas tínhamos que contar com a esperteza de rato da Raquel, capaz de mudar de nome, de morada e de hábitos para confundir toda a gente e fazer-nos passar por mentirosos.

Fomos ouvidos repetidamente e até a Guidinha foi interrogada. O Hugo conseguiu que isso acontecesse em casa, na presença de uma pedopsicóloga da polícia e ela contou toda a história com a inocência própria da idade. Tinha estado presente quer no atropelamento quer no rapto de que fora protagonista. A Clara também foi ouvida e contou, inclusivamente, como eu tinha estado a morrer depois do atropelamento, três meses em coma e tudo mais.

As acusações eram, em processos separados, autoria moral de tentativa de homicídio e rapto. O Hugo conseguiu ainda acusá-la por usurpação de obra literária, mas esse assunto estava julgado e concluído. Era difícil explicar que fora este crime que dera origem aos outros, e os outros chegavam para a meter na cadeia por um bom par de anos.

Estava a vê-la a ter que trocar as roupinhas Armani pela bata das reclusas, mas ainda ia ter que esperar pelo julgamento. Ia ficar meses em prisão preventiva.

Assim que recebeu a primeira convocatória tentou trocar as voltas à polícia, até que percebeu que tinha que fugir do país, para outro que não tivesse extradição, mas o mundo é cada vez mais pequeno e as malhas da lei cada vez mais apertadas, e a verdade é que a apanharam quando já estava na porta de embarque, por uma reacção um pouco tardia, mas apesar de tudo eficaz, da Polícia de Estrangeiros e Fronteiras.

Devia ter ficado contente, mas não fiquei. Como já não tenho a alma trocada há que encontrar outras explicações para as minhas dualidades.

Pensava na minha mãe. Na falta que ela devia fazer-lhe e no desespero de sabê-la uma criminosa. Porque agora o criminoso já não era eu mas a querida Raquel. Pobre senhora. Resolvi telefonar-lhe.

Mãe, presumo que esteja muito sozinha com a ausência da Raquel que tu meteste na cadeia.

Não acredito que no fim disto tudo o culpado seja eu. A mãe tem noção do que ela fez?

Viu-me em estado de coma, teve a Guidinha lá em casa, capaz de a tornar, a si, cúmplice de um rapto, foi preciso eu garantir que a mãe não sabia de nada para não a incomodarem e agora conclui que a culpa é minha? Vinha convidá-la para almoçar mas já vejo que vai ser impossível.

É justo. Assim como eu transferi a minha necessidade de mãe para a Sara, ela transferiu a sua necessidade de filho para a Raquel. Não adianta. A Raquel é um primor de virtudes e eu o réprobo. Isto perturbou-me imenso.

Ao contrário do que seria de esperar, que a prisão da Raquel fechasse um ciclo e me desse paz, não consigo dormir nem escrever. Se não fossem as aulas, acho que entrava em depressão. Sou mesmo

mariquinhas, como diz a minha mãe. Tudo me perturba, tudo me fragiliza. Desliguei.

O Hugo ficou sem saber o que me dizer. Estas coisas entre filho e mãe são muito complicadas para quem está de fora.

A minha avó, a quem perguntei um dia porque é que tinha posto o nome de Generosa à filha, respondeu, era o nome da minha sogra, o teu avô fez questão, e estes laços entre mãe e filho são muito difíceis de perceber, é melhor a gente não se meter nisso. Fiz-lhe a vontade e em contrapartida o meu filho ficou Emílio que era o nome do meu pai. Nem era um nome de que eu gostasse, mas foi uma espécie de justiça simétrica.

Ria-se ao contar isto e lembrar-me dela foi a melhor maneira de dar às coisas as devidas proporções. Talvez com o tempo a minha mãe perceba que, pois claro, eu sou homossexual, que não é crime nenhum, mas a Raquel é raptora e só não é autora moral de homicídio porque eu não morri. Fiz-lhe esse favor, senão a pena iria ser, seguramente, muito mais pesada.

Então?, disse o Hugo.

Então? Acho que sou definitivamente órfão de pai e mãe, e o melhor é não pensar mais nisso.

Fácil de dizer, mas difícil de fazer. Durante muito tempo isto não me saiu da cabeça, por mais que eu quisesse fingir para mim mesmo que não valia a pena importar-me com isso. Uma coisa é resolver que um facto merece esquecimento. Outra, é esquecer.

Quando soubemos que um amigo nosso, o Beto, tinha sida, ficámos arrasados. Pusemo-nos imediatamente à disposição, fomos um pouco exagerados nos abraços e beijos que lhe demos para mostrar que não temíamos contágio e que jamais o iríamos ostracizar, oferecemo-nos para tratar dos assuntos dele, enfim, todo o cardápio dos amigos dos doentes condenados à morte.

Porque o Beto tinha sabido há imenso tempo que estava infectado, fora durante alguns anos para os Estados Unidos, e voltava agora para morrer em Lisboa.

Estava irreconhecível.

Saíra daqui saudável, gorducho, louro e voltava sem cabelo, cadavérico e quase incapaz de se manter de pé.

A notícia espalhou-se na comunidade gay com uma velocidade impressionante e dizíamos que teria sido mais fácil assistir à sua decadência do que este choque perante um Beto irreconhecível, a fazer humor com o seu estado terminal.

A sida é o anjo negro dos homossexuais. Embora se saiba que os hetero já nos ultrapassaram, vivemos no pânico de que um dia nos calhe a nós. Porque mesmo nos casamentos estáveis como o nosso há sempre uma traição, um deslize em dia de copos, uma loucura qualquer.

Eu não podia deixar de pensar no Tinito, porque não fazia ideia de quantas maluqueiras ele seria capaz e com ele jamais seria possível usar ou fazê-lo usar preservativo. Na nossa relação alucinada não cabia prudência, nem cuidado, nem medida. Seria uma espécie de ofensa, não a nós, mas à nossa paixão sem limite.

Como se, mais uma vez, fosse capaz de adivinhar os meus pensamentos, o Hugo disse Jamais te atraíçoei e nunca poderei atraíçoar-te. Porque te amo tanto, porque te quero só a ti, que és o meu menino e o meu amor.

E eu, obrigado a dizer alguma coisa que rimasse com isto,

Eu sei Hugo, eu sei, não duvido de ti nem por um instante.

Não disse o que ele esperava ouvir Também eu, Hugo, jamais serei capaz de te atraíçoar.

A verdade é que eu não achava que a minha infidelidade constituísse traição. Era uma coisa diferente, fora deste mundo organizado segundo regras muito precisas.

Era alguma coisa da matéria dos sonhos.

Era voo, oxálida, genciana, phisális, miligrã.

Foi nessa época que começou a aparecer muito lá por casa um antigo aluno meu, o Alexandre, a

pretexto de que se tinha mudado para o Estoril e era agora nosso vizinho.

Estudava Direito e vinha pedir ajuda ao Hugo por tudo e por nada, o que me deixava um bocado irritado.

O Hugo dava-lhe imensa trela. Muitas conversas, muitas piadas, muitos cafezinhos, uísques, às vezes até altas horas, visto que o Hugo só está em casa a partir da hora do jantar.

Era do género de aceitar tudo o que se lhe oferecia, de modo que eu, às tantas, optei por não oferecer nada, mas ele pedia, ainda há daquele queijinho, daquele presunto, daqueles biscoitos e o Hugo, todo sorrisos, ia buscar.

Quando lhe fiz ver que achava o outro um mal-educado, o Hugo atirou-me que ele era meu aluno e não dele, e que tudo começara quando nos encontrámos no café e eu tinha oferecido a casa.

Comecei então a perceber o que era o ciúme. É um lugar comum dizer-se o aguilhão do ciúme e, que diabo, não é que é isso mesmo? Comecei a só achar defeitos no rapaz, a irritar-me com as solitudes do Hugo, a levar a mal as piadas de segundo sentido, a não me ir deitar sem que o outro saísse e ficava ali de polícia, maldispuesto, cheio de sono, a ouvi-los discorrer sobre matérias de Direito de que nada percebo e que me enfadam supina-mente.

Você não tem namorada, Alexandre?, perguntei-lhe um dia.

Ela deve estranhar que passe longe dela quase todos os serões...

Não tenho namorada, disse ele, com um sorrisinho idiota para o Hugo e apeteceu-me partir-lhe a focinheira bem-parecida e dizer-lhe que aquele era o meu território e que o Hugo não estava disponível.

O Hugo, quando ele saiu, disse aquela frase sacramental que me irritou ainda mais não acredito que estás com ciúmes e eu, rapidíssimo, ciúmes, eu? Era preciso que aquele parvalhão fosse muito melhor do que eu, só me chateia ter que partilhar os nossos serões, que costumavam ser momentos só nossos e agora temos aquele intruso quase todas as noites. Só isso, mais nada.

Bom, Téó. Se tivesses ciúmes eu cortava já com isto mas uma vez que não tens.

Fui para o meu quarto interrogar-me se o Hugo teria ciúmes do Tinito. Mas achei que não. Nunca, que eu soubesse, lhe dei o menor motivo que o fizesse desconfiar. Na frente do Hugo éramos patrão e empregado, praticamente dois estranhos e nada mais. Nada que se comparasse com esta provocação de conversa mole, risinhos cúmplices ali nas minhas barbas, noite após noite, sob a capa das aulas de Direito.

Passado pouco tempo o Beto morreu e foi fácil detectar, de entre o pequeno grupo que o acompanhou ao cemitério, o rosto das próximas vítimas.

Foi um período de muitas discussões, agressões por tudo e por nada, eu acusava o Hugo de já não ser a pessoa tranquila e bem-disposta que me conquistara anos atrás, ele acusava-me de não gostar dele.

Acho que estávamos os dois infelizes e por isso nos agredíamos. Nem a Estrela conseguia estabelecer a paz.

Aos poucos, certamente por sentir a minha hostilidade, o Alexandre foi deixando de aparecer. E os serões voltaram a ser só nossos.

Ao princípio foi ainda pior. Discutíamos e acabávamos cada um fechado no seu quarto.

Mas tentávamos não dizer coisas definitivas de que nos viéssemos a arrepender. Porque ao contrário das acusações do Hugo, eu gosto imenso dele, só não o amo, mas isso é uma incapacidade minha, não sei amar, só sei desejar, só sei querer furiosamente, só sei...

Um dia eu disse

Esta casa não se aguenta, assim que eu possa vou passar uns dias ao Monte.

Eu sei, disse ele. Eu sei que é só no Monte que te sentes bem. Embora tu penses que eu sou parvo, eu sei onde é que está a raiz das nossas discussões.

O que é que estás para aí a dizer, idiota? Não percebi, explica-te melhor.

Então ele olhou-me. Com um olhar tão doce, tão triste, tão ferido, que me deixou a chorar na sala, sozinho a chorar, e a tremer de culpa, desesperado por não ser capaz de ser feliz.

Vivemos assim, com altos e baixos, durante meses. Mas éramos um casal e não é assim que os casais se comportam?

Espacei as minhas idas ao Monte para não azedar as coisas e as recriminações passaram a vir do lado de lá, com insultos à mistura, esse filho da mãe desse Hugo não consegues separar-te dele? Deixa-o vir que eu faço-lhe a cama.

Não te atrevas, Tinito. Eu também não consentia que tu deixasses a tua mulher, pois não?

Ah, patrãozinho! É completamente diferente! Eu tenho filhos, tenho uma família. Tu tens-me a mim.

Esta arrogância justificava-se porque a nossa paixão não esmorecia, pelo contrário, incendiava-se de ano para ano, cada vez mais, cada vez mais, até à loucura.

Eu mentia a mim mesmo dizendo-me que ia ao Monte ver a avó Jacinta, o que não deixava de ser verdade, mas o verdadeiro acicate eram aquelas mãos morenas, aqueles olhos de bandido.

No Monte tinha remorsos, no Estoril tinha saudades.

Como havia de ser feliz?

E de súbito, como se aquela energia negativa desse origem a todas as desgraças, a pior notícia possível, a avó Jacinta morreu.

Como, Maria, como?

Andava cansada, tinha-se queixado que já não conseguia dar a sua volta habitual pela herdade sem ficar sem fôlego, ontem teve um desmaio, não jantou, o Teozinho sabe como ela apreciava a sua sopinha de legumes, o seu pãozinho torrado, uma sobremesa, um docinho ou queijo e marmelada, o seu chá de camomila, não quis nada, nem chá, de manhã estranhei não a ver aparecer para o pequeno-almoço, ela, que se levantava com os passarinhos, fui ver se estava bem, ai, Teozinho, a minha querida senhora estava morta, com um sorriso pequenino na boca e geladinha, geladinha, as mãos tão brancas que pareciam de neve, que vai ser de mim, desta casa, sem a minha querida senhora.

Repetiu tudo isto quando chegámos, primeiro eu, depois o Hugo, a Estrela, a Sara, as pequenas, mais tarde os meus pais, que não me falaram, à noite o Gui Vilar Fauré, chegado de Paris.

Os sinos da aldeia tocavam a finados. Vieram, é claro, todos os conhecidos da vila próxima, da cidade, os empregados, imensas mulherzinhas da aldeia e, no meio delas, a bruxa Basilissa, que me agarrou pela aba do casaco para me dizer no brilho do aço a pomba se faz tigre mas eu estava sem cabeça para charadas e respondi, sim, sim, obrigado, já me bastava a capeline preta da minha mãe a acentuar o seu ar superior, o seu desprezo pela gentalha, a sua pressa de sair dali.

Ela ainda disse à Maria que o velório tudo bem, mas que não ia poder ficar para o funeral porque o meu pai tinha compromissos inadiáveis no dia seguinte. Estas coisas acontecem quando menos se espera, não dá jeito nenhum.

Pois não, não dá jeito nenhum.

Perguntem ao Beto se lhe deu jeito morrer com trinta e seis anos, perguntem ao meu tio Emílio se lhe deu jeito morrer na guerra de África.

Durante o velório sentei-me com a Estrela o mais longe possível dos meus pais. A Guidinha gritou, tia Geni, e disse-nos, aquela é a tia Geni e o marido, mãe, venha conhecer, e a Estrela, agora não, meu amor. Não é a altura indicada. Mas a Guidinha, que está crescida e consciente dos seus deveres sociais, atravessou a igreja e foi dar um beijinho. A Generosa, percebeu-se, não a reconheceu.

Estava talvez na altura de explicarmos às miúdas o que tinha acontecido anos antes.

Com a Raquel na cadeia (apanhou oito anos pelos dois crimes) ficava mais fácil do que se ela estivesse ali. Guardámos para depois, mas era um pepino a descascar.

No dia seguinte desci cedo para tomar um café e seguir para o funeral. O Tinito havia de nos vir buscar e efectivamente chegou logo a seguir. Abraçou-me com força e ficámos os dois ali a chorar, sem

nos podermos largar, ele a dizer, perdemos a nossa grande amiga, não sei como vai ser, eu sem conseguir dizer nada, quando o Hugo entrou na copa e, com a voz estrangulada, perguntou pela Maria.

Foi quando nos largámos, eu a assoar-me no meu lenço branco, o Tinito a limpar os olhos com os dedos e foi ele que respondeu, a Maria saiu logo cedo para a igreja mas se o doutor quiser eu preparo-lhe o pequeno-almoço.

Não, obrigado, não preciso de nada.

Sirvo-te um café, perguntei.

Eu sirvo.

Mas a mão tremia-lhe e entornou café, que o Tinito se apressou a limpar.

Saiu apressado da copa.

Ficou nervoso, o teu namorado, patrãozinho. Não gostou de nos ver abraçados. Que direito tem ele tem todo o direito.

Ai, tem? Qualquer dia eu digo-lhe que direito é que ele tem, ora que tal está a moléstia, como se ele sentisse como nós a morte da tua avó.

Não tem nada a ver, Tinito. Uma coisa é estarmos tristes, outra, muito diferente, é estarmos abraçados.

Pois. Eu digo-lhe. Não há-de tardar muito vai ver.

Deixámos a avó Jacinta no jazigo de família do cemitério da vila, onde já estavam o meu avô e o meu tio, embora me fizesse muita aflição deixá-la ali fechada, ela que tanto gostava da terra, do ar livre, do sol, do canto dos pássaros.

Mas foi um desígnio dela, embora eu preferisse deixá-la numa campa à sombra das árvores, onde à noite o luar batesse e de manhã chilreassem as avezínhas madrugadoras.

Se ela me pode ouvir, como eu acho que pode, deve rir-se destas minhas novas teorias.

A morte não é nada disso, diz-me ao ouvido, é liberdade, é música, por mais que o corpo fique enterrado num buraco ou numa pirâmide monumental. O que tu lá deixaste é só a casca, meu menino. A casca que, se eu fosse fruta, deitavas fora sem olhar para trás.

O Hugo deu comigo a sorrir a estes pensamentos e perguntou, melhor, fez-me aquela pergunta conjugal que me irrita, Estás a pensar em quê? Nele, suponho.

Às vezes és tão injusto, Hugo! Estava a pensar na avó, no que ela me diria se, não interessa nada, não mereces saber.

Pois, eu não mereço nada. Felizmente há quem mereça tudo.

Achei que a avó havia de gostar de ter a casa cheia, por isso decidimos ficar até à missa de sétimo dia e à leitura do testamento.

És o testamenteiro, ou lá o que é, perguntei ao Hugo.

Não, não. O testamenteiro é o advogado da tua avó que vive na cidade. Ela só me pediu ajuda para os termos jurídicos e alguns pormenores da redacção.

Então, se tiveres que te ir embora, não faças cerimónia.

Isso querias tu.

Vai à merda.

A verdade é que eu andava preocupado por um pormenor à primeira vista sem importância nenhuma. É que a Maria tinha-me perguntado, o Teozinho viu a faca do presunto? Aquela muito fininha e afiada? Desapareceu-me daqui. Tem um sítio certo e não está cá.

Pensei logo no Tinito e nos seus instintos ciganos. Achava que na primeira ocasião era muito capaz de dar uma facada ao Hugo, não digo para matar, mas para o deixar sabe-se lá como. Fui ter com ele Justino, passa para cá a faca.

Como as mães quando ralham com os filhos, tratava-o agora pelo nome de baptismo.

Mas qual faca? Já a Maria me perguntou pela porra da faca. Eu sei lá da faca!

Tu não brinques comigo. Pensa na avó Jacinta que havia de gostar muito de te ver brincar aos ciganos.

Ó patrãozinho! Que raio de merdas é que tu estás para aí a dizer? E não ofendas os ciganos, não? Que é para eu não ofender os empertigados dos teus pais.

Pus-me a procurar na palha da estrebaria velha e ele atrás de mim a rir-se, vossemecê está lerdo da cabeça, ou quê?

Não encontrei nada, claro, que ele devia tê-la bem escondida, mas ainda disse, com o maior descaramento quando eu quiser matar alguém tenho facas lá em casa. E uma bela caçadeira, que estamos na época dos acidentes de caça...

Só não lhe bati porque ele ia bater-me de volta. E ainda não era tempo de me deixar subjugar.

Na manhã da missa de sétimo dia acordei com uma terrível dor de cabeça. Fui à mala do Hugo buscar um comprimido que eu sabia que ele tinha e encontrei a faca do presunto.

O primeiro pensamento que me assaltou foi que o malvado do Tinito tinha encontrado o esconderijo ideal. Não só ficava ilibado como podia acusar o Hugo. De quê, não sei.

Esperei, com a faca na mão que ele saísse do banho e perguntei, és capaz de me explicar o que é que isto está a fazer no teu saco?

Não faço a menor ideia, disse o Hugo. Nunca vi essa faca na minha vida.

A Maria deu por falta dela no dia do enterro e temos andado a acusar o Tinito Vais ver foi ele. Tem tudo a ver. Ciganos, facadas, essas coisas, e depois veio escondê-la aqui para me incriminar.

Para te incriminar de quê? De teres roubado uma faca da cozinha? Achas isso credível?

Como advogado devias saber melhor.

Pois fui eu, sim senhor. Naquele dia em que vos vi abraçados não aguentei, fiquei fora de mim. Esperei que saíssem da cozinha e voltei atrás à procura de uma faca. Uma faca bem afiada e esta é ideal.

Achei que estava a ser irónico. Mas de repente percebi que tremia de fúria, que aquilo era a sério e pensei que ele só podia estar louco.

E a faca é para quê? Para me matares? Dramático, dei-lhe a faca para a mão, alarguei a gravata preta, abri a camisa.

Mata-me, vá, se fores capaz.

Não quero matar-te, quero recuperar-te. A faca é para o Justino. Vou capá-lo.

(Justino na boca dele não tinha a minha conotação maternal. Era a impossibilidade de utilizar um diminutivo, com a sua inevitável componente de ternura.) Passou-me uma nuvem negra pelos olhos e atirei-me a ele à pancada, arriscando-me a levar uma facada. Mas ele largou instantaneamente a faca e não se defendeu. Agarrou-se a mim a chorar, enquanto eu lhe batia, cada vez mais, furioso por ele não reagir.

Monstro, és um monstro! Andaste todos estes anos a fingir de bonzinho e afinal és um assassino em potência. Basta-me uma Raquel na minha vida! Vá, reage, sê um homem.

E ele abraçou-me, segurou atrás das costas as minhas duas mãos que lhe batiam e, miserável, a deitar sangue do nariz, disse é porque te amo, coisa que tu jamais poderás compreender, é porque te amo, Téo.

Exausto, apanhei a faca do chão e sentei-me na cama por fazer.

A Estrela trouxe o carro? . Trouxe. Eu vim no meu.

Vai-te embora, então. Não te quero ver na minha frente. Desaparece.

Mas É assim mesmo, Hugo. Já que não fazes falta para a leitura do testamento, põe-te a andar daqui para fora. Não te quero ver mais. Eu desculpo-te com uma mentira qualquer. Vai.

Ele meteu-se na casa de banho a lavar a cara, eu recompus-me e fui pôr a faca na cozinha. A Maria já tinha ido para a missa. Então consegui pensar melhor, desci à adega e pousei a faca na prateleira por detrás dos presuntos. Depois meti-me no carro e fui para a igreja pedir perdão à avó, dos meus pecados,

das minhas mentiras e das minhas omissões.

Lá, alheei-me completamente da missa e, durante a comunhão, sentado no meu canto, pus-me a pensar como é que o Hugo conseguiria capar o Tinito. Devia ser um espectáculo extraordinário, com o ódio que o outro lhe tem iria, provavelmente, capá-lo a ele... Mas o amor não raciocina, coitado do Hugo, que ingenuidade. Pobre dele, que nunca sentiu o poder dos braços do Tinito, as mil virtualidades das suas mãos.

Comecei a ter pena do Hugo, a arrepender-me de o ter tratado mal.

O Hugo?, perguntou-me a Estrela em voz baixa.

Recebeu uma chamada urgente de trabalho. Teve que ir para Lisboa.

Mais uma mentira, avó perdoa-me e, se encontrares Deus pede-lhe que não olhe para mim, que não mereço.

Soaram-me no coração as palavras que acabara de ouvir Senhor êu não sou digno que entreis na minha morada, mas dissei uma só palavra e a minha alma será salva.

o brilho do aço

a pomba se faz tigre Esta bruxa não falha uma. A faca, e o santarrão do Hugo armado em fera. Felizmente tudo acabou bem. Mas a desgraça andou por ali a rondar. Se o Hugo se atrevesse a ir ter com o Tinito, ele tirava-lhe a faca em dois tempos e não se ensaiava nada para lha espetar na garganta ou no coração. Alegava legítima defesa e ficava-se a rir.

Chegou atrasado à missa, veio sentar-se ao meu lado e disse O que é que deu na tua namorada, que arrancou com o carro como uma maluca, parecia que levava fogo nas bragas?

Cala-te. Estamos na igreja. E sai daqui.

Pois saio. Tenho ali a minha mulher. Vim só dar-te um recado de empregado para patrão.

Tive que sofrer os cumprimentos de toda aquela gente, os meus pais junto ao altar, eu na porta de saída, já estava a ficar tonto, não me lembrava da cara de ninguém.

À tarde, mais constrangedor ainda, a abertura do testamento.

A Generosa, como não podia deixar de ser, fez uma cena.

Então o Monte não fica para mim?

Qual Monte?

O Monte, este Monte, esta casa onde estamos agora, eu sou a única filha, contava, evidentemente, com a casa dos meus pais.

Pois é, disse o advogado, mas a vontade expressa da senhora dona Jacinta Ferreira é que o Monte e toda a propriedade envolvente fique para o seu único neto, Teófilo de Deus Ferreira de Mendonça. E contra isto não há nada a fazer. Mas a senhora não se enerve porque a senhora sua mãe deixou-lhe uma enorme lista de bens.

A leitura prosseguiu até à menção da herdade do Vale da Sapa que ficou para o Tinito.

A que propósito é que esse cigano herda seja o que for da minha mãe? Ele não é da família, é um reles criado.

O Tinito, com os olhos brilhantes por causa de uma lágrima de gratidão que aflorou, levantou-se, enfrentou a Generosa e, com o seu sorriso mais sedutor, disse, em voz baixa mas audível, rouca mas segura, reles não, minha senhora. Cigano, sim. Criado, sim. Mas reles, não. Percebeu?

O meu pai ficou calado que nem um rato e o advogado advertiu o senhor Justino Trovoada fica no seu lugar e não vou permitir mais interrupções.

Mas quando chegou a distribuição das jóias, a minha mãe perdeu toda a compostura.

Quem são essas Clara Fernandes Lima e Margarida Fernandes Lima, de quem eu nunca ouvi falar, para ficarem com as melhores jóias da minha mãe? Devem ser umas galdérias quaisquer que apanharam a

minha mãe no fim da vida, fraca da cabeça, e se insinuaram ao ponto de lhe sacarem as pérolas e o melhor brilhante.

A Estrela, que as representava, só disse a meia-voz, esta mulher não existe. Rapta-me a filha e nós é que somos galdérias.

Silêncio!, impôs o advogado. Devia estar habituadíssimo a estas cenas deprimentes, em que os herdeiros pensam que podem mudar a vontade dos mortos.

A minha mãe passou a restante leitura a virar-se para trás para olhar para a Estrela com um olhar interrogativo, completamente ultrapassada pelos acontecimentos. Acho que nem ouviu as disposições referentes à Maria, porque teria protestado. Mesada, vá lá.

Mas uma casa? Para quê se ela mora aqui. Este é o tipo de raciocínio da minha mãe.

Ninguém precisa de nada, a não ser ela.

A Maria, é claro, chorava baba e ranho.

Minha querida senhora, como ela se foi lembrar de mim! Andou em obras lá na casinha da Azinhaga, as pessoas pensavam que era para alugar a alguém e afinal... Deus a tenha na sua santa glória, que eu por cá não sei como é que vou viver sem ela.

Maria querida, estás com coragem de fazer o jantar?

Ó Teozinho! Então não haverá de estar! Quantas pessoas são? Os paisinhos já foram, o doutor Hugo não o vejo cá, é só o menino, as senhoras e as meninas?

E o doutor Gui, que o convidai depois da missa.

Atão é mais cerimónia.

Não, Maria. Nestes dias não há cerimónias.

Tinha pensado numa sopinha de feijão, pastéis de massa tenra com arroz de brócolos, uma saladinha, mas assim, se calhar...

Não mudes nada. Os teus pastéis de massa tenra são os melhores do mundo. E faz um doce, que o doutor Gui aprecia.

Faço leite-creme que não precisa de gelar. E temos fruta de muitas qualidades. O menino manda mais alguma coisa?

Abracei-a para dizer, eu não mando nada, Maria. Somos só dois amigos com funções diferentes. Tu cozinhas, eu ensino francês. Combinado? E se quiseres ajuda, pede à senhora dona Sara.

Ela já se ofereceu, Teozinho. É uma verdadeira senhora.

Ao jantar, foi como se tivessem tirado a tampa de uma panela de pressão. Falávamos mais alto do que o habitual, comentávamos as decepções da Geni, ríamos das suas expressões escandalizadas, das palavras do Tinito, como disse a Estrela, ameaçadoras em tom de beijo.

A comida, como sempre, estava deliciosa: os pastéis um sucesso, o leite-creme, queimadinho, um mimo.

Tinha sido uma refeição alegre se o lugar da cabeceira não estivesse vazio.

Mais tarde, a saborear com o Gui um cálice do seu Porto seco preferido, perguntei-lhe Gui, mantém o seu convite de me receber uns dias na sua casa de Paris?

Oh, mon cher, nada me daria mais prazer. Quando pensa ir? Eu apanho o avião daqui a dois dias.

Vou consigo. Pode ser?

Claro que sim. Nada melhor para amenizar um luto que uma mudança de cenário. Fica combinado. Amanhã dou-lhe o número do voo e o horário do avião.

Quando comuniquei o projecto às minhas amigas, elas aplaudiram com entusiasmo.

Vai-te fazer bem. E vai fazer bem à tua relação com o Hugo. Ninguém me tira que ele saiu daqui chateado.

É verdade, estamos zangados. Mas não é nada de irremediável. Digam-lhe que não se ponha com

parvoíces de sair de casa e coisas assim.

Quanto tempo vais ficar em Paris?

Não sei. Talvez um mês, ou a vida toda. Logo se vê.

Disparate, a vida toda. Como é que nós íamos viver sem ti?

E como é que eu vou viver sem a avó Jacinta?

Havia revolta nas minhas palavras. Mas foi consolador a Sara ter aquecido a minha mão fria nas dela e ter dito, Tens-nos a nós. Para sempre.

Devo ser o gajo mais chorão de toda a comunidade gay, mas não pude evitar: engoli umas lágrimas e abracei com força aquelas amigas sem comparação que Deus, com tanta generosidade, pôs no meu caminho.

Porque agora acredito em Deus. Da minha viagem cósmica voltei com a convicção de que um Ser Superior protege as nossas vidas. Por comodidade, chamo-lhe Deus. E sem ele, como aceitar a morte da avó, como imaginar-me sem a protecção da sua alma, que, segundo as palavras que ela própria me inspirou, se libertou de uma matéria que não é mais que casca. Casca? Ó avó! Chamar casca à máquina mais perfeita da natureza é desvalorizar a obra do próprio Deus. Andarei toda a vida à procura das palavras certas, sem nunca, na minha pequenez, acertar. Mas a verdade é que, quando acertar, não terei mais nada para fazer neste mundo.

Pedi no colégio licença sem vencimento ao abrigo da qual tencionava ficar no Monte uma temporada, mas esta súbita decisão de ir para Paris mudou os meus planos e acalmou os meus escrúpulos. Escrúpulos porque me parecia, na minha mente retorcida, que a presença da avó talvez tivesse sido um obstáculo aos meus encontros com o Tinito e pudesse agora sentir alguma coisa parecida com alegria, alívio, liberdade, e nem podia haver pensamento mais injusto. Mas a minha alma de péssima qualidade tem destas supurações de pus e consigo ser odioso até para mim mesmo.

A Estrela ligou-me a dizer que o Hugo está desesperado com a minha partida. Chama-lhe fuga. Diz que não confia no Gui Fauré. Aflige-se porque não tenho aqui roupa suficiente. Armado em boa esposa, o Hugo, lembra que vem aí o Outono e eu sou sujeito a constipações. Ele pede-me, por isso, que passe por casa quando for apanhar o avião, tem coisas para me dizer, precisa absolutamente de falar comigo, precisa de me ver.

Meu querido Hugo. Tão melhor do que eu, tão mais capaz de amar, sempre a responsabilizar-se por me ter feito perder a inocência, por me ter transformado na pessoa que sou hoje, mas quem seria eu sem ele? O marido da Raquel, a procurar encontros clandestinos no Parque Eduardo VII? A apanhar as doenças de que ele me defendeu? A viver uma vida dupla, vergonhosa?

Devo muito ao Hugo, mas agora, como uma menina teimosa, amuei e não falo com ele.

Não lhe perdoo ter tido a intenção, tão fora da sua maneira de ser, de fazer mal à pessoa que afinal quem é o Tinito um reles criado, como disse a minha mãe?

a pessoa mais importante da minha vida, como me atrevo a pensar às vezes?

Se ao menos soubesse quem eu sou. Se ao menos soubesse...

Estrela, diz ao Hugo, caso ele não saiba, que em Paris há umas lojitas menos más, está bem? Na próxima semana reservo um dia só para compras, ele que não se preocupe que eu não me vou constipar. E que também não vou fugir. Fugir de quê, de quem? Ele que não se aflija que eu volto, inteiro, se Deus quiser.

A Sara estava comigo no Monte. Tinha-lhe pedido que ficasse mais dois dias para me levar ao aeroporto e depois pôr o carro na nossa garagem. Pedi-lhe que o utilizasse como e quando lhe apetecesse. Que ficasse com as chaves.

E esses dois dias foram extraordinariamente serenos, com os nossos jantares prolongados, as nossas conversas até às tantas, as nossas aberturas de coração.

É evidente que a Sara já tinha percebido tudo o que se passava. Contei-lhe mesmo o episódio da faca do presunto e ela riu-se, só de imaginar o Hugo a fazer mal a alguém.

Qual seria a reacção do Tinito, no mínimo matava-o. Ficámos a rir um bocado, primeiro contidos, depois até às lágrimas. Que maldade!, disse a Sara. Estamos a rir do amor, Téo. E do amor ninguém devia rir. Muito menos quem, como nós, só conhece o amor de ouvir falar... quer dizer, bom, não vamos aprofundar se esta frase da Dulce se aplica, realmente, às nossas vidas... Quanto a ti, tenho as minhas dúvidas.

E eu fui deitar-me a pensar nas dúvidas da Sara, a pensar que na manhã seguinte, bem cedo, pela madrugada, seria a hora da despedida, aquela triste e lida madrugada, disse o Camões, e o maravilhoso soneto que desdobrei na memória fez-me pensar que talvez eu partisse para sempre, deixando apenas uma sugestão de poema, uma saudade de palavras...

Cheiravas a feno e não sabias que o coração é um barco no tempo. Quando as aves do Verão demandarem o Sul virás devagar, abrirás a porta verde-escura e esperarás em vão pelo frémito do meu corpo. Não voltarei a passar o renque das azáleas, o muro onde o sol nasce, a chuva, para morrer nos teus braços.

As primeiras semanas em Paris foram de euforia. A euforia, para mim, da novidade, a euforia, para todos, da rentrée.

O Gui desdobrou-se em atenções, organizou jantares em minha honra, recepções, idas ao teatro, visitas a museus.

Deu-me um óptimo quarto na sua óptima casa, que é um palacete num bairro elegante, e eu, ao fim de uma semana, comecei a pensar que não podia ficar ali muito mais tempo, pois não me agradava subverter a rotina do meu amigo e começar a ser considerado o amiguinho especial do dono da casa.

Pensei em encontrar ali perto um hotelzinho em conta.

Entre as inúmeras pessoas que conheci naqueles dias sobressaía uma grande amiga do Gui, mulher dos seus quarenta anos, ou talvez um pouco mais, de uma beleza estranha, chamada Denise Delacroix.

Com esse apelido é certamente pintora, disse eu.

Acertou. Não tenho outro remédio. Mas chame-me D.D. como toda a gente.

A Dêdê (vou grafar à portuguesa) sabia de um pequeno apartamento mobilado na margem sul que uma amiga em viagem lhe pedira para alugar por um ano a uma pessoa civilizada.

Um ano, Dêdê? Isso é muito tempo!

Um ano, muito tempo? Como você é novo, comme vous êtes jeuné. Um ano passa a correr. Mas a dada altura se quiser sair aluga-se a outra pessoa. Venha comigo. Eu tenho as chaves e a porteira, que por sinal é portuguesa, tem outras. Vamos lá.

A Dêdê tinha um enorme poder de persuasão e eu decidi ir ver o apartamento. Que era encantador. Dentro do meu orçamento e muito mais barato que o hotel. A porteira, senhora Hortense, que subiu connosco, ficou feliz com a perspectiva de ter um portuguesinho no prédio.

Ai que senhor tão bonito, disseme ela. A Madame foi de vacances, vai demorar, a ver pelas valises, e queria aqui alguém com um bom perfil, quer dizer, pessoa fina. E o nome do senhor, é?

Teófilo Mendonça, mas ainda não sei se venho, senhora Hortense, ainda vou pensar.

A limpezasinha faça-lha eu, não se preocupe, fica já convenu.

Já acabaram de conversar em dialecto, interrompeu a Dêdê. Temos que tomar decisões.

Então Téo? Diga sim. Garanto-lhe que é uma boa aposta. E, bom, tinha guardado este argumento para o fim, fica meu vizinho.

Disse isto com um sorriso tão encantador, que eu concordei.

Havia coca-cola no frigorífico e fizemos um brinde. A senhora Hortense declinou: agora já não era a minha compatriota, era a minha porteira. Retirou-se com muitos licença, permis, permis.

Prometo, disse eu à Dêdê, na sua próxima visita, ter alguma coisa de mais espirituoso para brindarmos.

Mais ardente, além de espirituoso, disse ela.

Claro, respondi, pouco à vontade com aquele trocadilho.

Não era a primeira vez que me parecia existir uma certa coqueteria da Dêdê em relação a mim. Não que houvesse qualquer mal entendido, ela sabia quem eu era e no entanto não perdia a ocasião de me brindar com alguns olhares, alguns toques de mãos que me deixavam um pouco atrapalhado. Falei nisso ao Gui, perguntei se era costume ela comportar-se assim e ele disse que não, pelo contrário, era considerada um ótimo camarada dos homossexuais que frequentavam aquele círculo de amigos. Mas estas coisas acontecem e você não perde nada em fazer uma experiência. Ninguém deve morrer sem experimentar tudo o que puder e a Dêdê é a pessoa indicada para esse tipo de aventura.

Fiquei perplexo. Tinha pensado que em Paris pudessem acontecer alguns acasos que me fizessem esquecer o Tinito. Mas uma mulher? Estava fora de cogitação.

Quando aluguei a casa disse ao Gui que tinha decidido ficar mais tempo em Paris e que não queria abusar demasiado da sua sumptuosa hospitalidade. Ele protestou delicadamente, mas na dose certa, para eu perceber que concordava com a minha decisão.

Estava-lhe grato por ele não ter tentado nada comigo, o que teria sido constrangedor.

Em vez disso acontecia-me uma bela mulher de quarenta anos, elegantíssima, que era um prazer levar pelo braço à ópera, às exposições...

Sáíamos com frequência. Os amigos diziam, o Téo e a Dêdê. Ela passava lá por casa a buscar-me, tomávamos uma bebida, espirituosa mas ainda não ardente, ela oferecia-me quadros da sua autoria que eram de muito boa qualidade. A porteira dizia, veio a noiva do senhor doutor, eu contrapunha, não é minha noiva, madame Hortense, somos só amigos, e ela ria, matreira, o seu riso aberto de Trás-os-Montes.

Um dia, quando a ajudava com o agasalho, a Dêdê virou-se e beijou-me na boca. Um beijo demorado mas suave, quente mas doce, húmido mas casto. Gostei daquele beijo.

Era diferente de todos os beijos da minha vida e prometia um mundo desconhecido.

Achei que devia esclarecer qualquer equívoco.

Dêdê, tu sabes que eu Sei perfeitamente, mas não tencionas morrer sem conhecer uma mulher, pois não?

Por acaso tenciono.

Ó Téo! Tu não és burro, não cometas essa burrice. Há muitas maneiras de ser amado por uma mulher, e eu tenciono ensinar-tas todas. Sem beliscar a tua dignidade de gay. Pelo contrário. Vais aprender coisas que podes usar com o teu namorado. Porque presumo que tens um namorado, algures em Portugal, e estás aqui a tentar esquecê-lo.

Tenho dois.

Ótimo. Logo verás com qual, o quê.

Bom, mas hoje não. Tínhamos combinado ir ao teatro e depois jantar, não é?

É. Não temos pressa. Alugaste a casa por um ano, um ano deve ser o suficiente para te demonstrar a minha teoria.

De Lisboa vinham boas notícias. Toda a gente com saúde, incluindo o Hugo, que levava os dias a perguntar se elas achavam que já me podia telefonar. Eu mandava dizer que não. Estava confuso e não queria baralhar-me mais. Mas tinha saudades dele. No dia-adia da casa, na rotina dos pequenos gestos familiares. Eram muitos anos a vivermos juntos e eu não estava habituado a viver sozinho. E a solidão, se por um lado me dava uma boa sensação de liberdade, por outro trazia-me uma nostalgia provinciana de um corpo quente na minha cama ao acordar, de um café partilhado, o jornal da manhã lido a meias, o até logo com sabor a aftershave.

Tinha a certeza de que o Hugo devia sentir o mesmo. Mas aquele ano em Paris (eu já aceitava que iria ser um ano) havia de curar aquela ferida, de forma a que, ao voltar, nem a cicatriz se notasse. Muito mais tinha eu para cicatrizar e contudo impunha-me a ausência, a saudade, a dor no peito, no ventre, na garganta, a dor na alma, mais o luto pela avó Jacinta.

Partimos, pensando deixar as mágoas para trás, mas as mágoas vão connosco, dentro do coração, do corpo e da cabeça. As mágoas, a ensombrar os dias.

(Não voltarei a passar o renque das azáleas.) Mas é preciso reagir. Combinar com os novos amigos uma saída nocturna, de preferência barulhenta, uma ceia exquise, depois música até de madrugada, da que impede as conversas e favorece o álcool. Sim, é disso que estou a precisar.

(o muro onde o sol nasce, a chuva) Talvez a minha amiga me convença a uma madrugada de iniciação, de rituais, de descobertas.

(esperarás em vão pelo frémito do meu corpo) e me ensine a esquecer como era (morrer nos teus braços) Esta expectativa de alguma coisa de transgressor que está para acontecer reporta-me aos meus primeiros encontros com o Hugo.

Conheci-o num certo bar onde costumava ir às quintas-feiras e que o Hugo frequentava.

Já o tinha visto várias vezes e agradavam-me os seus olhos cor de azeitona de Elvas, os cabelos manchados de dois tons de castanho (pensava na altura que eram pintados, sei hoje que são mesmo assim), as suas mãos magras, bem cuidadas. Acrescia a isto um arzinho intelectual, os óculos pequenos, a roupa estudadamente casual.

Uma noite, amigos comuns apresentaram-nos. Se aquilo fosse um filme o realizador faria fade-out de todas as conversas, desfocaria todas as outras pessoas, porque foi a sensação que tivemos: não existiu mais nada nem mais ninguém. Nunca tinha sentido aquilo, ficar a sós com um homem no meio da multidão. Perceber que ele era inteligente foi a menor das descobertas: gostava dos mesmos filmes que eu, lera os mesmos livros, mas conhecia países onde eu nunca fora e propunha-me viajarmos juntos. Mas, de facto, já estávamos a viajar.

Passámos a ir àquele bar também às sextas e aos sábados, semana após semana neste namoro casto, como dois adolescentes, os amigos faziam troça daquilo, não compreendiam que a graça, a excitação, estavam precisamente no adiar de acontecimentos que podiam pôr um ponto final naquele enlevo, naquele encantamento.

Estou convencido de que aquelas semanas de descoberta mútua foram essenciais para o casal que viemos a ser, pois se, ao princípio, nos limitávamos a um jogo de sedução, mais tarde entrámos numa fase confessional e, aos poucos, fomos sabendo tudo um do outro, o meu casamento iminente, a atitude conservadora dos meus pais, a minha inquietação, o trabalho de cada um, a disponibilidade dele, a sua vontade de assentar, a convicção de que me havia de fazer desistir desse noivado, dessa mentira social que não aproveitava a ninguém e foi assim que vim a conhecer a cortina de renda e os croissants com compota de maçã...

Habituei-me à sua doçura, à sua serenidade, aos seus silêncios, e estabilizei a minha vida ao lado dele. Depois, aconteceu a queda do anjo que eu era (não sabias que o coração era um barco no tempo) e cheguei aqui, à beira de uma traição que me parece bem mais grave, direi que é uma transgressão em género, número e grau se a Dêdê conseguir levar-me a fazer a experiência sem a qual todos me dizem que não posso morrer.

Amar uma mulher. Milhões de homens fazem disso a sua principal motivação. Porque não eu? Não posso dizer, como dizem alguns, que me repugnam, mas efectivamente não me atraem. É como se todas as mulheres do mundo fossem minhas irmãs. Lindas, às vezes, é um prazer olhar para elas. Gosto de admirá-las, de apreciar a sua elegância, as suas roupas, o seu perfume, tenho mesmo um certo fetiche pelos sapatos de salto alto quando os pés são bonitos, mas julgo que se trata de uma emoção puramente

estética.

Será a Dêdê diferente? Com o seu cabelo negro curtinho que lhe valoriza o pescoço e a nuca, o peito pequeno, as belas pernas que não se cansa de mostrar, as ancas estreitas de rapazinho, os olhos lindos sublinhados a negro, o passo rápido, as mãos nervosas, inquietas, os dedos a enrolar as madeixas, a alisar a seda, a sugerir carícias. Andrógina que baste, a Dêdê. Talvez o suficiente para me seduzir.

Está tudo na imaginação, disse ela, enquanto devagar, muito devagar, ia tirando a minha roupa. Eu comportava-me como uma virgem, cheio de escrúpulos, e não tinha a certeza de ser capaz.

Mas deixava-a fazer.

Ela tinha preparado o ambiente propício, com champanhe, a luz adequada, todas as almofadas da casa na minha cama enorme, uma suave música de jazz em que uma voz rouca de mulher cantava sexo e mágoas.

Está tudo na imaginação. Vou ser quem tu quiseres, o teu pajem, o teu favorito, o teu amante, a tua menina, o teu homem, a tua mulher.

De onde em onde eu captava o lampejo dos seus olhos azul-profundo, sentia a carícia das suas unhas curtas, dos seus pés perfeitos, do seu perfume.

(virás devagar e abrirás a porta verde-escura) e ela abriu todas as portas, descobriu quanto de primário e de sofisticado pode haver na sexualidade de um ser humano, gritou e fez-me gritar de prazer, ensinou-me o incalculável sem contudo mudar em mim o essencial. Fez-me ter saudades e esquecê-las. Fez-me ser outro sem deixar de ser eu, com uma ténue lembrança no muito fundo de mim.

(cheiravas a feno e não sabias).

A Sara veio visitar-me a Paris. Não podia ter tido alegria maior. Preparei logo tudo para lhe oferecer o meu quarto e ficar no sofá, onde já têm ficado, sem reclamações, alguns amigos. Mas o Gui, quando soube que ela vinha, fez absoluta questão de a receber em casa dele, com aquele luxo que eu não me posso permitir, embora sem a paródia de colégio interno que a presença dela no meu apartamento representaria.

Reconheci, embora com pena, que a Sara ia ficar muito mais bem instalada e que nem por isso nos veríamos menos. A Dêdê, que esperava de mim reincidências daquela noite espúria, manobrou na sombra junto do Gui, o que o fez rir e apelidá-la de folie (fofolle, que é uma doida com meiguice). No entanto não tenho a menor dúvida de que ele tinha o maior prazer em proporcionar à Sara um Paris visto através dos cristais do seu palacete.

Divertimo-nos muito nessa época. O Gui não se poupou a esforços para ter sempre a casa animada. Às vezes fazia jantares só para nós, direi nós quatro porque incluía sempre a Dêdê, o que levou a Sara a perguntar-me, no maior segredo, se eu tinha passado para o lado dela, pois nesse caso ela tinha visto primeiro... Ríamos que nem uns tontos e eu dizia-lhe que ficava muito mais bem servida com o Gui, que parecia simpatizar com ela para além da mera boa educação.

A Primavera ia adiantada e com o bom tempo os nossos amigos começaram a sair de Paris, de forma que receámos que o Gui estivesse preso por nossa causa. Mas ele sossegou-nos. Adorava Paris no Verão e só em Setembro havia de ir à herdade do Mocho, descansar e falar com o feitor.

Em Setembro havíamos nós de voltar para casa. Cumpria-se um ano sobre a minha dolorosa partida e começava a fazer um balanço da minha estada.

Aproveitei as horas vagas para escrever estas memórias, mas faltavam ainda elementos essenciais.

A Sara, numa tarde sossegada em minha casa, contou-me que tinha recebido, antes de partir para Paris, um telefonema da Maria. Achou estranho e pôs a gravar.

Senhora dona Sara, eu nem sei por onde hei-de começar. Porque, o Teozinho não estando, eu havia de lhe telefonar era a ele, mas não sei ligar lá para França, ou Paris ou lá onde é que ele está. O caso é muito aborrecido e eu não gosto de fazer queixinhas, mas desta vez, tem de ser.

Sentindo que ela precisava de um empurrão, a Sara animou-a
Ó Maria, diga lá. Somos amigas, pode desabafar comigo à vontade.
Mas só lhe deu lenha para mais um rodeio.

A Senhora dona Sara faz o favor de ser muito minha amiga, por isso é que eu liguei para a senhora, que isto para mim não é fácil, pode crer, sendo o Teozinho tão meu amigo e assim.

Diga, Maria. Sou toda ouvidos.

Então o que se passa é que o Tinito se veio instalar cá em casa com a família toda, a senhora sabe como são os ciganos, andam sempre em bandos, e eu até tenho medo que ele invente outros parentes e venha tudo para aqui acampar.

Por enquanto não estragaram nada. A Otília, que é a mulher dele, ajuda a rapariga nas limpezas, aqui na cozinha não se atreve, mas diga-me lá a senhora se eu sou obrigada a cozinhar para a família dele. Eu acho que não. Nem a minha senhora havia de querer.

Não cheguei a esta idade para servir uma trupe de ciganos, não é verdade?

Então tomei as minhas providências. Fiz as malas e fui para a minha casinha que a minha senhora me deixou, Deus a tenha, está tudo num brinquinho, que ela ainda em vida fez obras, também a minha idade já é de reforma e a minha senhora deixou-me do que viver até ao final dos meus dias, que Deus a tenha em sua santa guarda.

Quando disse ao Tinito que me ia embora ele veio para mim com aquelas doçuras que a gente não sabe se são do céu se do inferno, e disse que foi o Teozinho que lhe pediu para tomar conta de mim e da casa. Que uma mulher sozinha nestes descampados pode ser perigoso, com os assaltos e tudo o que há por aí, mas eu acho que para tomar conta da casa não precisava de se vir cá enfornar com a família toda, quer dizer, mulher e filhos, capazes de dar cabo de tudo, sabe como é a rapaziada hoje em dia, ninguém tem mão neles, portanto eu, ala que se faz tarde, governem-se que a Maria, habituada a servir patrões como deve de ser, não vai agora ser lacaia de pobres.

Gostava que a senhora dona Sara fizesse o favor de contar ao Teozinho o que se passa, que se eu soubesse escrever era eu mesma que lhe escrevia lá para Paris ou para França, até já me lembrei de telefonar ao senhor Gui, que os números eu sei ler, aprendi por causa das compras, e o telefone dele é o único com muitos números, está na agenda da minha senhora, que Deus a tenha, nunca me deu uma ralação, mas depois não quis incomodar, nem sei se eles estão na mesma terra ou se um é Paris e o outro é França.

Bem. O menino Teozinho é que há-de resolver isto que eu acho um abuso, mas ele é que é o dono da casa. Eu sei que ele é muito amigo do Tinito, Deus me perdoe, se calhar mais do que devia, mas quem sou eu, uma simples criada, para censurar os meus patrões.

O Teozinho já sabe que em vindo eu venho fazer a comidinha, para ele e para todos os amigos que ele traga, mas tudo como manda a lei, cada macaco no seu galho, e se o mundo está virado do avesso não hei-de ser eu a puxar-lhe pelos interiores.

Ajudei a criar o Tinito, andei com ele ao colo, não esperava esta falta de respeito depois de velha. Estou muito magoada e ofendida. Ofendida, sim, senhora dona Sara, que quem não se sente não é filho de boa gente.

E muitos beijinhos às meninas e à senhora dona Estrela e lembranças ao doutor Hugo e como ele é de leis que veja, se faz favor, se isto pode ser, ou se é, como dizem aí, incubação selvagem.

Eu, por mim, estou na minha casinha e estou à disposição quando o Teozinho precisar de mim. Se eles saírem, já se sabe, que eu não cozinho para eles. Quer dizer. Para o Tinito sempre fiz o almoço, não me importo, mas a fulaninha e os filhos que vão comer à do tio Custódio, que até dizem que faz umas boas migas.

E com isto não empato mais, a senhora já deve ter a orelha dormente, mas eu tinha que dizer a alguém

e a senhora é minha amiga, que eu sei, e amiga do Teozinho, por isso alembrei-me de falar para a senhora e fique bem com a graça de Deus e com licença.

Um clique e terminou.

Sara, desculpa eu ter-lhe deixado o teu telefone. Era realmente para uma emergência e ela não deve ter imaginado emergência maior.

Dá-me vontade de rir o Tinito enfiado lá em casa com a família toda. Vou escrever-lhe a explicar que mas na verdade eu não sabia o que resolver.

Foi por esta altura que o Gui convidou a Sara para ser uma espécie de governanta de alto nível do seu palacete. A Sara ficou estupefacta. Não queria acreditar que era verdade. Mas, com a sua maneira de ser arejada, virada para os desafios da vida, aceitou com um abraço ao Gui e uma vontade enorme de cumprir uma função para ela totalmente nova.

Tens todas as condições para fazer um brilharete, disse-lhe eu. Não querias casar com ele? Pois é só imaginar que és a dona da casa. Tens imenso pessoal, é só dirigi-los.

Disparate, disse a Sara. Sabes perfeitamente que eu estava a brincar.

Não estavas nada, que eu sei. E agora ficas com o melhor do casamento, sem teres de ficar com o pior.

A Sara ficou em casa do Gui a fazer uma espécie de estágio e não lhe custou nada passar de visita a empregada, porque o Gui, que é um lorde, manteve-a no mesmo quarto chamado suite Luis XV, com confortos do século XXI.

Telefonou-me.

Téo, chegou aqui a casa uma carta do Tinito. Justino Trovoada, não é ele? E é bem gorda. Vou-ta mandar aí, em mão.

Carta impecavelmente escrita em computador:

Patrãozinho

Pedi a morada do doutor francês ao feitor dele, pois calculo que se encontrem. E antes de mais desejo que o patrãozinho esteja bom, que nós por cá graças a Deus.

Já temos saudades suas mas o patrãozinho trocou-nos, não quer saber da gente.

A razão desta é contar-lhe o que se vai passando por cá, sendo que a primeira é que a Maria se foi embora.

E porquê. Porque, para tomar conta da casa e dela, que está velha, vim com a minha família cá para casa, deitei a Jacintinha no quarto dos gansos e os rapazes no outro, eu e a mulher estamos no quarto da Madrinha. No seu não está ninguém. É sagrado.

Os meninos não têm ordem de ir às salas. É só quarto, copa, copa, quarto. Aqui dormem e ali comem e estudam, que agora até são férias e é só revisões da matéria. O João trouxe para a copa o computador que o patrãozinho lhe deu, e assim está a fazer esta carta e toda a papelada que junto.

A Maria não teve razão porque a Otília até era uma ajuda para ela. Sabe cozinhar, lavava-lhe a loiça e ajudava a rapariga nas limpezas. Podíamos viver em boa harmonia na ausência do patrãozinho. Eu deixei a casa da vila, que era de aluguer, porque as obras do Vale da Sapa estão quase prontas. Neste momento, conforme está, já dá para remediar. O patrãozinho venha que a casa fica logo vazia.

Agora o resto.

Fiz contas com o tio Moreno do bocadichito do trigo, é pouco, mas é seu. Ele pagou aos homens e eu paguei-lhe a ele e pouco sobra. Vai nas contas. Faça o favor de conferir.

Dispensei o intermediário para a fruta e para as flores e para tudo o que sobra de legumes e bens da horta e aluguei uma banca no mercado da vila. Vou com a Jacintinha todos os dias e vendemos tudo (caro, porque não tem fertilizante) pois, não sei porquê, as pessoas fazem bicha na nossa banca. Não achei

direito de o intermediário ficar com a melhor parte e dar-nos uma tuta e meia, como era no tempo da Madrinha. Vai nas contas.

Também resolvi alugar os cavalos aos fins-de-semana, os meus quatro e os seus dois, é verdade que o Anjo e a Geada saem mais porque são mais mansinhos, mas eu divido o total por seis e ponho dois sextos para o patrãozinho e o dobro para mim, para me compensar um bocadinho. Desde que a Madrinha morreu nunca mais recebi ordenado, mas agora tiro o que me pertence e espero pelo patrãozinho para me aumentar... isto dito em francês se calhar era mais fino, mas eu não sei francês.

(Ouvia-lhe a voz cheia de riso, o sotaque alentejano, os olhos trocistas, o beijo mordido.

Que péssimo patrão que eu sou, esquecime de lhes pagar! Mas o Tinito, como se vê, safa-se sempre. Faz ele muito bem, tem de sustentar a família.) O resto, prosseguia a carta, vou debicando aqui e ali, mas vai tudo nas contas que o João, com o computador, não deixa escapar nada.

Também estou a pensar criar porcos pretos que anda aí muita bolota desperdiçada.

Depois vendem-se para Campo Maior, para presuntos.

Agora vem aí a azeitona e as vindimas e já ouvi dizer que a sua mãe vai vender as propriedades dela porque não está para maçadas e eu acho que o patrãozinho devia comprar esta aqui ao lado que é a que tem mais cortiça, mais vinho e mais azeite, parece que ela vende barato, se o patrãozinho der licença eu trato-lhe disso. Porque ela, a vender, está a desbaratar o seu património, o que há-de ser seu, porque o dinheiro gasta-se e a terra fica.

Eu sei que a falar assim não pareço cigano (que são pessoas que não se apegam à terra), mas alguma coisa hei-de ter aprendido com a Madrinha que tanto fez para me educar.

A Maria pagou sempre à rapariga, do dinheiro dela, acho eu, mas agora eu pago porque ela nos ajuda bastante.

Nos papéis que junto, o patrãozinho encontra tudo discriminado. Alguma dúvida ou algum reparo, eu esclareço, eu corrijo.

Preciso de um número de conta para depositar o dinheiro, se fizer favor, e estimo que esteja a passar aí uns belos tempos que para trabalhar estou cá eu. Não leve a mal, patrãozinho, estou só a brincar, mas venha depressa que isto sem o patrãozinho não tem graça. Mas pelo menos, se quiser demorar, saiba que tem a herdade bem entregue.

São muitas as saudades, não se esqueça de nós.

Receba um abraço apertado do seu fiel

Tinito Justino Trovoada

Um abraço apertado. Imaginei-me dentro desse abraço e ao mesmo tempo lutei para não cair na tentação, mesmo em pensamento.

Não, Tinito. Quero continuar livre como me tenho sentido aqui em Paris.

(É um contentamento descontente, disse Camões) Aqui, à distância, consigo ver que não irei morar para o Monte, como cheguei a pensar que faria, quando, pela primeira vez, ouvi a avó Jacinta ler o testamento. Porque sei que o Tinito havia de vir, com pezinhos de lã e artimanhas de cigano, convencer-me de todos os seus caprichos, subjugar-me, fazer de mim seu escravo.

(é servir a quem vence o vencedor) A carta dele é já sintoma de como se faria indispensável, sabendo-me incapaz para a administração da lavoura e de como eu lhe entregaria tudo para as mãos, os meus bens e o meu corpo.

(é cuidar que se ganha em se perder) Mas eu não quero perder a minha dignidade. Não quero ser o patrão pederasta de um moço de quinta, nem que para isso tenha de esmagar no fundo do peito esta cobra venenosa, este sentimento avassalador e injusto, que eu não sabia que se chamava amor.

Estava a chegar a hora de voltar para casa.

Pensava no Estoril, nos dias lindos a arrastarem-se na minha varanda, no toldo que precisa de ser substituído, na Estrela, nas pequeninas, agora adolescentes, no sossego das tardes de Verão, cheias de pássaros, e também no Hugo, não vale a pena negar. O Hugo que irá receber-me de braços abertos sem nenhuma pergunta, sem nenhuma ironia, sem nenhum ressentimento.

Aquele quase um ano de Paris iria ficar para sempre no coração e na memória. Ia ser doloroso despedir-me da Sara, do Gui, da Dêdê, dos alegres amigos de quase todas as noites, das ruas, do Sena, dos Museus. E da senhora Hortense.

Tinha o apartamento até Setembro, por isso ainda tencionava levar lá a Estrela e as miúdas para visitarem a cidade e a avó. Mas viria com um espírito totalmente diferente do que me trouxera um ano atrás, quase de fuga, de tentativa de esquecimento.

Todos sabemos que o tempo é o grande mestre e o grande taumaturgo. Arruma as ideias e acalma os corações, cura e ensina. Depende de nós aprendermos a sua lição.

Comecei a ronda das despedidas pelo Gui, que, é claro, com a ajuda da Sara, organizou um jantar em minha honra. Tínhamo-nos tornado verdadeiros amigos, o que ia da gargalhada cúmplice à confiança. Estavam nesse jantar todas as pessoas de quem tencionava despedir-me, o que tornou tudo mais fácil, entre uma piada e uma taça de champanhe.

A Madame Hortense foi mais difícil. Chorou a sua lagriminha portuguesa, jurou que nunca tivera um inquilino tão educado, que limpava os pés no grande tapete da porta da rua e não punha música em alto som e que a cumprimentava sempre pelo nome. À

pergunta se queria alguma coisa para Portugal, aproveitou para evidenciar a sua faceta dramática, e garantiu que só queria lá morrer e ser enterrada no cemitério da sua aldeia, onde estavam os pais.

Muitos beijos molhados mais tarde, consegui libertar-me para ir buscar as malas. Havia coisas que iriam depois, os quadros da Dêdê e dos amigos pintores e um ou dois pequenos móveis que não resistira à tentação de comprar. E um serviço de Limoges para oferecer à Estrela que às vezes se queixava de ter pratos desirmanados.

A Sara e a Dêdê foram acompanhar-me ao aeroporto. Ainda tomámos uma bebida juntos e depois a Dêdê deu-me um dos seus beijos sábios e a Sara um abraço em que pôs toda a química da nossa amizade tão especial e tão sincera.

Toda a gente diz que detesta despedidas. Mas sem aquele abraço, sem aquele beijo, a viagem não teria sido a mesma.

Tinha pensado vir de comboio, só pela beleza de desembarcar no Cais do Oriente, envolto em nevoeiro, com as gaivotas a gritar tempestade à popa dos navios, uma saudade feita neblina nos ossos, a ponte travestida de caravela, e a solidão de uma chegada incerta. Mas por fim achei melhor deixar-me de romântismos, de filmes de Hitchcock, de quadros impressionistas, e apanhar burguesmente o avião.

O Hugo estava à minha espera. Abraçou-me sem palavras, a disfarçar a emoção, ajudou-me com as malas, a azul-escura cheia de presentes, para ele, para a Estrela, para a Clara, para a Guidinha, roupas, perfumes, bijutarias, produtos de beleza, tudo com o fascínio acrescido das etiquetas de Paris. E percebi que estas pessoas são afinal a minha verdadeira família e que família é isso, é ter uma mala azul-escura cheia de embrulhos para um grupo de pessoas que escolhemos sem as ter procurado, um grupo de pessoas para quem fizemos compras só pelo prazer de antecipar o seu sorriso.

É o que conheço mais próximo de oxálida, cítara, miligrã, phisalis, genciana, e a outra palavra que não encontrei, todas as outras que não encontrei, porque se alguma coisa a vida me ensinou, é que não importa encontrar a palavra. Tudo o que vale a pena, entre o mar e a terra, entre a luz e a sombra, entre a vida e a morte, é procurá-la.

Passou mais de um ano sobre aquela minha chegada de Paris e aconteceram algumas coisas que me parecem importantes para encerrar, por agora, estas memórias. Daqui a trinta anos escrevo o resto...

E vamos aos acontecimentos notórios: A Sara, tal como eu previ, tornou-se Madame Vilar Fauré. Fomos todos ao casamento, uma festa inesquecível, eu de padrinho, a Dêdê de madrinha, um par quase tão sensacional como os noivos. É claro que estou a brincar, porque a Sara e o Gui foram realmente um espectáculo.

A Raquel continua na prisão, agora casada com o irmão da sua companheira de cela, um energúmeno ainda na cadeia por furto e abuso de confiança.

Foi a minha mãe que me telefonou a dar esta notícia devastadora, eu não pude conter uma tremenda vontade de rir, e a minha mãe, escandalizada, ralhou comigo, o menino já viu o que vai ser a vida dela? O homem vai explorá-la até ao último tostão!

Pois, mãe. É por isso que me estou a rir.

Houve ainda o enfarte do meu pai, também anunciado pela Generosa, que, na perspectiva de ficar viúva, está a aproximar-se e a querer reentrar na minha vida.

Penso que a idade e a solidão estão a torná-la mais tolerante.

As nossas meninas estão quase na faculdade. Parece incrível como em tão pouco tempo se fizeram mulheres! (pouco tempo são vários anos, eu é que sou estúpido...) A Estrela vive, cada vez mais, para elas, parecem três irmãs, três amigas muito íntimas a trocar confidências acerca de livros, sonhos e namorados.

E eu às vezes armado em pai, a dar palpites sobre os amigos que circulam por aí e que elas fazem questão de nos apresentar. Mas nem sempre.

Quem era aquele de camisola azul, Guidinha? Não me apresentou.

Porque aquele não interessa nada e o tio Hugo é muito severo. E o tio Téó também. Um bocadinho menos, mas também.

Severo, eu? Deve estar doida! Só não quero intimidades com um qualquer que não a mereça. Acho melhor que nos apresente todos. Você e a sua irmã.

A Clara agora está de namoro sério com o Gonçalo. O Tio sabe quem é? Um alto, que está em Medicina.

Medicina, é? Óptimo. Dá imenso jeito ter um médico na família!

Egoísta!

Atrevida!

E acabamos estas conversas aos beijos e às gargalhadas. E eu peço ao Deus em que agora acredito cada vez mais que as proteja e lhes dê um óptimo futuro. E que não as leve para longe de nós.

Eu e o Hugo continuamos bem.

De vez em quando vamos ao Monte, cuja casa, na minha ausência, permanece fechada.

A Maria, que é quem tem outra chave, vem cozinhar para nós.

O João Trovoada está a tirar um curso de informática.

O mais novo, de quem se esperava menos, é afinal um óptimo aluno.

A Jacintinha, pela mão da Sara, é manequim em Paris.

Quando mostrei ao pai uma revista em que ela vem na capa, comentou, de cara fechada — Se eu soubesse tinha-a amarrado à argola de prender os cavalos.

Continuo a dar aulas de francês no colégio, continuo a tentar conciliar-me com a minha alma, que afinal é minha, e não está trocada.

A azálea, ainda lá está.

A cortina de renda também.

O Tinito ainda cheira a feno.

Rosa Lobato de Faria 16 de Janeiro de 2007

ROSA LOBATO de FARIA Nasceu em Lisboa, em Abril de 1932. Poeta e romancista, o essencial da sua poesia está reunido no volume Poemas Escolhidos e Dispersos, de 1997. Em 1999, na ASA, publicou A Gaveta de Baixo, um longo poema inédito acompanhado por aguarelas do pintor Oliveira Tavares.

O seu primeiro romance, O Pranto de Lúcifer, veio a público em 1995. Seguiram-se-lhe Os Pássaros de Seda (1996), Os Três Casamentos de Camilla 5. (1997), Romance de Cordélia (1998), O Prenúncio das Águas (1999, Prémio Máxima de Literatura em 2000), A Trança de Inês (2001), O Sétimo Véu (2003), Os Linhos da Avó (2004) e A Flor do Sal (2005). Está traduzida em França e na Alemanha.